# A PATRIA
## NOS CANTICOS DOS
# SEUS FILHOS

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
—
1915

# A PATRIA

NOS

## CANTICOS

DOS

# SEUS FILHOS

TIPOGRAFIA TEIXEIRA — Mario Antunes Leitão — Oficinas movidas a electricidade — Rua da Cancela Velha, 70-1.º — PORTO, MCMXV

(SELLO DE D. JOÃO I)

# A PATRIA

NOS

## CANTICOS

DOS

# SEUS FILHOS

(PRIMORES da POESIA da PATRIA PORTUGUESA)

Compilados e precedidos
de uma introducção sobre o sentimento do amor patrio

POR

GONÇALO R. DO AMARAL

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. TEIXEIRA
20, Praça dos Restauradores, 20

1915

# INTRODUCÇÃO

Esta é a ditosa patria minha amada.

. . . . . . . . . . . . . . . . .

CAMÕES, *Lusiadas*, C. III—XXI.

Esta é a terra de Portugal, a nossa Patria; aclamada, outr'ora, pela fama do Universo, esquecida, agora pela ingratidão dos homens; erguida, como foi, á culminancia da fortuna, ou lançada, como hoje á vertente da desventura; ostentosa na plenitude de invejadas riquezas ou apoucada por má sorte nos europeis da presente decadencia: Ella é sempre a terra mãe, e *o ninho meu paterno*. Esta terra onde nascemos, terreiro das nossas alegrias, e, embora por má sorte, o vaso lacrimal dos nossos prantos, manterá para sempre, livre o campo não renegado das nossas luctas, e o chão da nossa sepultura.

Esta Mãe Patria, que tudo e a todos nós encerra, por cada um de nós sentida como objecto da nossa posse exclusiva, constitue o perpetuo *res totius* de seus filhos. Pela sua simples natureza inspira o amor mais elevado, o mais isento de lucros, o menos invejoso e ciumento de todo o mundo; o amor da Patria.

Este sentimento exige, para a plenitude da sua satisfação, a ideia de uma permanente liberdade e independencia para a patria.

A magnitude da ideia Patria abrange-se, no dominio da consciencia individual e social, como conceito inegavel. O sentimento de independencia radica-se, pois, do passado para os

tempos de agora, bracejando como arvore da vida para epocas vindouras, n'uma perpetua existencia.

*
* *

No dominio do pensamento a ideia de patriotismo constitue uma suprema idealidade. Ligado, a um longinquo passado, para muitos desconhecido, o ideal patrio, mesmo sem dependencia dos elos que o prendem á História, faz brotar em cada novo ser aquella manifestação expontanea e inconsciente da mysteriosa vida do sentimento. O caracter d'essa idealidade propaga-se, inalteravel, atravez das differenças que se observam de ser para ser, em modo e em acção, e valorisa-se pela vontade e energia, com que cada um sacrifica o proprio interesse ao interesse da grei e ao seu futuro.

Ultrapassando assim a actualidade o ideal patrio transporta-se como uma ideia autonoma, que se reconstitue a cada passo, progredindo, atravez das eras e dos tempos, a um termo, posto pela nossa imaginação e vontade nos confins de uma perpetuidade, que nos compraz antever.

Em nobres e antigos moldes verbalisou-se esta ideia na forte e ponderada affirmativa.

« NOS LIBERI SUMMUS ET REX NOSTER LIBER EST, ITA VOLUMUS PER NOS ET PER SEMINA NOSTRA POST NOS »

e um illustre poeta canta, na actualidade, com os lamentos do presente as glorias prognosticadas, por uma convicta esperaça ;

« Ó minha triste Patria estremecida,
Para alegrias grandes, restaurada,
Para mortaes tristezas descahida :

Tu has de ser ainda resgatada
Por essas tristes lagrimas de agora,
Serás bemdita ainda, e consolada. »

*

* *

D'esta totalidade chamada Patria, nada se exceptua, pois que, em cada uma das suas parcellas, se resume ou condensa o objectivo do nosso amor: tal como se é levado a pensar no conceito da Hostia transsubstanciada.

Esta imagem grava-se na consciencia de todo aquelle que, ao esmaecer das nebulosidades da infancia, desperta para a vida com as primicias das sensações, e com as noções das realidades ou das suas formas sensiveis. Tal é, por exemplo, o caso que occorre na epocha contemporanea com os habitantes de Olivença (a villa nunca entregue por Castella a Portugal contra a fé dos tratados), que veem buscar agua á sua nunca esquecida terra de Portugal, para baptisar os filhos. Tal é o caso dos punhados de terra da Palestina, que os hebreus, sem patria estabelecida, transportavam nas fugas ás perseguições, na sua perpetua migração, para repousar de noite a sua cabeça dolorida. Tal é ainda o que se diz e louva, d'aquellas mãos cheias de terra de Portugal, que mais de um principe quiz pisar com saudoso carinho, em solemnes transes da vida.

Cada habitante da patria commum é impellido, pelo amor a ella consagrado, a confundir todos os outros na mesma totalidade apercebida e sentida. É esta a feição do seu caracter communitario, que vem a corrigir ou a ampliar a apparencia de individualismo, que a força do sentimento patriotico imprime a cada um.

Este amplexo que envolve, por exemplo, com o amor ao lar domestico e ás memorias da nossa infancia, a affeição ao logar do nosso berço, as recordações visuaes dos sitios conhecidos, as extremas do nosso concelho, da nossa provincia, as fronteiras talvez nunca vistas do nosso paiz, as regiões cujos nomes mal podemos conhecer, despercebidas ou ignoradas por muitos, sugere-nos o sentimento de uma pluralidade sempre unida e amada em virtude dos elementos mais conhecidos, entre tantos outros que constituem a Terra Patria.

Este amor, que envolve tanta cousa inanimada, mas vivificada pelo nosso coração, amplia-se, tambem para nos dulcificar e a todos nos robustecer, aos conterraneos, aos proximos e aos dis-

tantes; e, se nos compraz attender aos mais altos, o coração guia-nos para amar sem arrependimento, em todo o povo, aquelles peões humildes em cujas almas se refugiam os sentimentos mais sinceros, mais fortes, mais desinteressados, e portanto os mais nobres, a favor da nossa terra de Portugal. Esses do povo, desde o inicio da nossa historia, foram edificando a Nação, *dilataram a fé e o imperio*, com a força da sua alma, com os instrumentos da guerra e da navegação, ainda alem do Imperio de Alexandre. Tambem guardaram por sessenta annos de captiveiro, a chama que fôra amortecida, exactamente por aquelles a quem mais competia luctar contra a odiada escravidão, e n'um dia inolvidavel, resgatada a liberdade então pelos maiores, esses do povo despertaram fortes, para uma lucta de rudes combates, n'uma guerra de vinte e oito annos.

A vida dos povos, observada no decorrer de todos os tempos, mostra a coexistencia dos mais variados sentimentos individuaes funcções cellulares do corpo social — com os conceitos collectivos, funcções dos orgãos da vida da sociedade — que se manifestam na opinião publica.

Da visão d'este panorama, tantas vezes observado, duas reflexões se podem inferir, consistentes.

Em primeiro logar, o sentimento individual do patriotismo é, sem duvida a condicção « sine qua non » de toda a manifestação patriotica de um povo, é independente da acção de conjuncto, insinua de per si e pode desenvolver nos outros, tendencias de feição altruista na medida do valor mental e volitivo de cada um. Por outro lado, será tão sómente o caracter communitario que alcançará realisar uma tendencia associativa, entre individuos da patria commum, para a sua honra e para a sua defeza.

Desenha-se, pois, perante nós, a influencia da feição associativa do sentimento da patria, a favor da conservação das nacionalidades. Mas, na realidade a tendencia associativa pode actuar n'este sentido, porque encerra um valor Ethico e um valor Sociologico.

O valor ethico transparece na forma sensivel de uma especie de fraternidade, em virtude da qual, cada individuo é levado a reclamar a favor de outro qualquer da mesma grei, aquellas pro-

vas sensiveis de equidade, e aquella justiça, que, traduzida em actos praticos, géra o sentimento de confiança na defeza commum ou contra a tyrania, ou contra o abandono e a miseria, ultima consequencia da oppressão.

O valor sociologico da tendencia associativa deriva, principalmente da communidade da linguagem, alicerce do edificio de toda a nacionalidade, vinculo, que, atravez de todas as vicissitudes, que o mundo contempla no desenrolar da historia, se mantem tenso, a servir de amparo a todas as mãos do mesmo povo, muralha que a todos abriga, e na qual a tradicção historica deixou seus marcos e seus monumentos, para memento e licção do futuro.

A continuidade do sentimento nacional atravez da fortuna e das calamidades da patria radica-se e entrelaça-se pela linguagem. A linguagem que, desde o berço da nossa historia, se desenvolve ao pleno viço da epocha quinhentista, e se espiritualisa, vehemente, até aos tempos modernos, consubstancia-se com a nossa historia: é a mão divina que a desenha. É a dextra da mãe patria, que escreve as obrigações, cujo cumprimento a todos toca e compete nos dictames das responsabilidades de cada um, e de todos nós. É a mão divina que desenha as figuras da virtude, na linguagem de cada epocha litteraria, e os feitos e as vidas dos grandes homens de cada epocha historica.

Exige-se por via d'essa linguagem, que adeja sempre invariante atravez dos tempos, o respeito ao exemplo das virtudes, o culto dos heroes e a admiração dos seus feitos. Ella verbalisa a obrigação de um e de todos, na direcção das coisas publicas, dando assim vida e razão de existencia ao corpo social.

Ella transmitte a vontade á disciplina das hostes, que defendem o territorio e a raça, e que, consciente da sua força e do seu direito, avançam a colher os louros da victoria pelo preço do seu sangue.

*

* *

Só quando o sentimento individual fôr capaz de entrar, com todo o seu valor, na acção commum do corpo social; só quando

este sentimento deixar de ser anhello, para ser vontade, a uma vontade superior subordinada; só, então, elle poderá figurar como uma força actual e actuante, significação já não sentimentalista mas positiva e politica da ideia «Patria». Forma-se como que um determinismo exterior, que, ampliando o campo de acção do individuo, é capaz de sugerir as possibilidades de organisar, de aggregar, de animar e conduzir os mais fracos ou os mais modestos ao caminho de uma lucta e ás glorias immortaes que, aos vencedores, a historia e a poesia dedicam os seus verbos.

Quaesquer que tenham sido em todas as epochas, os embaraços da vida, os entraves que á opinião a tyrania imponha, a crua existencia dos oprimidos, a lastimosa sorte dos perseguidos, estes infortunios que uma epocha de indifferente ou regalada inconsciencia deixa, como castigo aos dias de outra epocha, quaesquer que sejam esses lastimosos *desconcertos do mundo,* elles deixam sempre o espaço livre a alguma coisa que mais alta sobrenada na atmosphera do existente.

Só aos reprobos do amor da sua patria, miseros de affectividade de todos os tempos, não é dado conhecer tal visão de fé e de esperança.

Estas duas figuras angelicas apontam para a região de um futuro sempre attingivel, para um balsamo grato aos labios sequiosos dos verdadeiros portuguezes, para aquella flor da arvore da patria, bandeira da sua antiga liberdade e da sua perpetua independencia.

Portugal não terá a morte, por epilogo da sua vida de profundas dores e de glorias immortaes, se cada um dos seus filhos todos por um e um por todos, convicto disser: não morrerá, e se todos vencidos repetirem:

## VICTI VINCERIMUS

## III

O valor individual do patriotismo relaciona-se intimamente com a Ethica e com a Religião por intermedio do sentimento de lealdade nacional que é a condicção necessaria da sua existencia.

Na verdade, qualquer que seja a posição a que o acaso, ou accidentes da sorte conduziram o individuo, elle tem de considerar-se sempre ao contacto ou na confluencia das camadas, ou dos agregados, que formam a sociedade. Diffundido n'este trama, existe em pensamento e em acção um conceito de lealdade nacional, cuja funcção consiste em manter uma força, e uma mutua confiança de fidelidade entre os individuos e os agregados, no tocante á ideia da unidade patria e da sua defeza.

N'este animado trama da vida social, compete a cada um, em qualquer situação, ser o propugnador d'esse conceito e velar pela conservação da lealdade nacional, exigindo-a affincadamente dos outros e prestando-a a todos d'animo resoluto e corajoso. Assim zelará a inteireza da sua lealdade á independencia do Paiz e velará pela dos outros.

A permanente comprehensão e exercicio d'esse conceito na feição de mutua fidelidade define o caracter do individuo no dominio social e portanto a sua posição sob o ponto de vista ethico e religioso.

Possuir pela patria sentimentos tenues, nullos ou hostis é prova corrente, pelo menos de insufficiencias no caracter. Á natureza tão sómente moral, ou tambem religiosa e moral do homem repugna o espirito de indiferença, e hostilidade contra a patria.

O patriotismo, o mais universal dos sentimentos, intimamente ligado a todas as crenças e ainda compativel com todos os estados de descrença e agnosticismo, apenas não se encontra n'esses de insufficiente affectividade, e n'aquelles outros que defendem com audacia a doutrina da não racionalidade das fronteiras, como argumento no tempo presente, e como aspiração para um futuro que julgamos irrealisavel. É esta visão de tal maneira longinqua, que mais parece destinada á satisfação de um ideal da utopia tomada a serio, ou d'uma internacional e piedosa hilariedade.

O proprio agrupamento de partidos, que vão no seu conjuncto desde o socialismo doutrinario, ao syndicalismo mais ou menos anarquico bem mostrou ultimamente a Allemanha, que a universalidade das suas doutrinas tinha uma fronteira, a do Imperio.

O sentimento patriotico fundamenta-se, pois, em todas as formas de affectividade; imposição é esta a mais cathegorica do

codigo dos deveres civicos, compativel com alguns estados de descrença, e deductivel de todos os systemas de religião.

No Christianismo, encontra o sentimento da patria a sua defeza n'aquellas profundas raizes historicas, que lhe advem das memorias da terra de Israel. Sobre ellas cresceram como hastes, enramando no caminhar dos tempos, pela formação e lucta das modernas sociedades, as doutrinas que presidem á sua definição e á sua defeza, que, reconhecidas na constituição catholica, tem n'esta a feição de um dever imperativo, que a propria internacionalidade das ordens religiosas respeita e mantem.

A defeza da independencia da patria é pois um imperativo da energia da consciencia, das obrigações do codigo do civismo, e dos deveres do codigo religioso.

*

*    *

O colleccionador d'este feixe de primores literarios, os quaes só o alheio talento testemunham e justificam, quiz offerecer, ao serviço da sua patria, a influencia que os poetas sempre exerceram pelos seus canticos sobre os sentimentos do povo.

A terra de Portugal é sempre apontada n'estes versos com entranhado amor, descrevendo-se os aspectos ternos ou sugestivos do torrão natal, o seu passado nas glorias ou nos infortunios, o seu desejo de resurgir, e o que, com este fim, se exige á dedicação de seus filhos. São estes prazeres e ensinamentos que justificam este livro.

Na sua modesta qualidade de admirador e não de cultor da poesia recorreu (por escassez de tudo mais) áquella sensibilidade ao Bello e ao Bem que é dado a todo o mortal possuir, usando-a conforme soube ou poude, na escolha d'aquelles primores da arte Poetica. Alguma coisa de grandioso encerra o pensamento Poetico, para que possa sugerir a um profano das musas uma sensibilidade selectora. Foi esta especie de instincto que o animou a actos de opção entre tantas producções, que a imaginação poetica, tão rica em Portugal, lhe offerecia variadas.

Obtida a permissão de cada auctor, segundo o codigo da ur-

banidade e da ultima lei, todos se mostraram generosos pelos seus conselhos e pelas suas dadivas.

Os Poetas não poderão applicar ao compilador a amarga ironia de Horacio. *Hos ego versiculos feci, tulit alter honores.* Assim os defeitos, que appareçam na escolha dos textos, sobre o colleccionador d'este escrinio devem recahir, se bem que elle se julgue approvado, e por isso bem pago da sua ideia e do seu trabalho, só por tel-o feito a favor do seu paiz.

Mais largo conhecimento teria o publico das glorias litterarias de Portugal, se n'este florido còro dos seus Poetas ainda outras composições, e nomes illustes apparecessem.

Generosa foi em inspiração e em carmes a luminosa *Musa de Lusitania,* mas julgou o colleccionador d'estes versos mais util para o seu adorado paiz, dar ao volume impresso as proporções compativeis com uma leitura agradavel e sugestiva pela variedade dos themas.

Se estas transcripções, poderem aos de hontem perpetuar-lhes a memoria, não amesquinharão aos Poetas de hoje a sua fama; e certeza tenho de que ao publico acrescentará o desejo de os ler, pois que os excerptos copiados das suas obras dão apenas pallida ideia do seu valor e proporções.

Foram escolhidos em todos os campos do pensamento humano os carmes e os Poetas, quer estes se mostrassem amorosos ou ellegiacos, quer levantassem a sua voz energica para o ideal heroico da patria.

Aos crentes de uma patria universal e eterna, aos indifferentes d'esse Bello, Bem e Verdade de uma vida ultra sensivel, aos antigos, aos modernos, aos de todos os partidos e aspirações, foram pedidos os seus canticos, pois todos elles fallam pela terra de Portugal e d'ella são seus filhos.

Mas, como em muitas das poesias mais modernas, transpire, n'estes tempos de anciedade e desconcerto a ideia de que só o sentir particular de cada facção será o remedio dos males, ou o exclusivo factor do bem da communidade, extrahimos d'ellas por apropriada escolha as que melhor servissem o amor patrio, evitando assim que n'este livro a diversidade de opiniões viesse a transformal-o n'um espectaculo de antitheses.

O receio de uma possivel fadiga da attenção levou-nos a suprimir alguns versos, cuja falta não enfraquece a unidade de pensamento, ou o intuito que os auctores quizeram imprimir á sua obra. Démos uma ordem á impressão das poesias colleccionadas, não para as pôr em competencia por assumptos, mas para facilitar ao leitor a ideia que preside a cada um d'esses capitulos. D'esta maneira, dá-se ao correr dos titulos uma resumida mostra da diversidade dos aspectos, ou da complexidade do conteudo poetico encerrado na ideia de Patria.

Simples transcriptor, sem auctoridade para comentador de poetas, apenas nos atrevemos a tocar na individualidade de Camões por elle ser de todos nós.

Em homenagem ao pensamento nacional ordenámos a parte primeira sob o titulo consagrado de *Camoneana*. A fóra esta, todas as outras producções foram divididas nas cinco partes restantes. D'estas, a primeira foi consagrada á terra de Portugal.

« A mais triste entre todas e a mais linda »

e as outras partes, de linhas divisorias menos definidas, entrecrusam-se pela promiscuidade forçada dos factos, dos heroes, das allegorias e dos symbolos. E em todas ellas, os seus proprios meritos serão o seu elogio, e auferirão, como premios, os effeitos medidos pela gratidão dos patriotas.

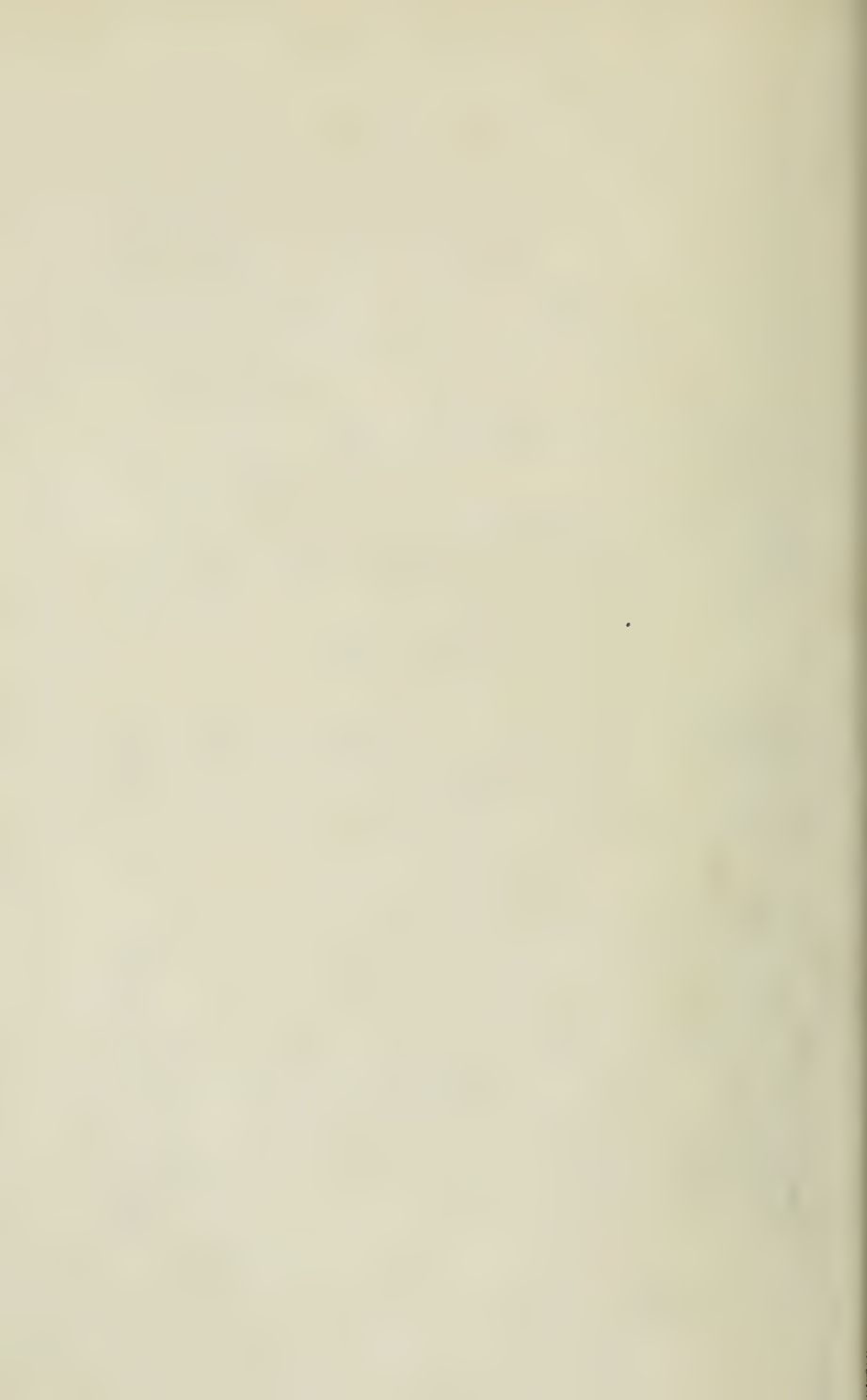
A estreiteza do tempo e do logar não permittiu ao colleccionador mais largas ousadias, n'este seu empenho de tornar mais conhecidos os melhores fructos da mentalidade portugueza em materia de sentimento nacional. O publico, por falta de publicidade e de critica, nem se apercebe do muito que tem para ler e aprender em auctores portuguezes, em comparação do que suspeita sobre a sua simples existencia!

Por isso, e apezar de tudo, o colleccionador, simples arremedo de um maior Prometheu, ousadamente se obriga a dizer: Poetas! pelo amor da nossa terra de Portugal tereis de perdoar-lhe!

Lisboa, 9 | 7 | 14.

## CONCLUSÃO

O caminho fica aberto
a quem mais quizer dizer
tudo o que escrevi é certo,
não pude mais escrever
por não ter mais descoberto;
sem letras e sem saber
me fui n'aquisto metter
por fazer a quem, mais sabe
que o que minguar acabe,
pois eu mais não sei fazer.

GARCIA DE REZENDE, *Miscellanea.*

( BRAZÃO DE D. MANOEL )

Ao Povo

do nosso adorado Portugal

que em perpetua honra queremos livre

estas estrophes offerecem

os manes dos poetas d'outr'ora

e o patriotico pensamento dos

de hoje

*Musa da Luzitanea; pouco digo*
*Das nove do Parnaso, a principal*
*Que menos não partio o céo contigo*

(DIOGO BERNARDES, *O Lyma* Lª 1596).

*. . . . . . . . . . . . . . . . porque não ha melhores*
*nem mais nobres almas que as dos Poetas:*
*agora o conheço bem, desde que o não sou,. . . . . . . . . .*

(GARRETT, prefacio das *Flores sem fructo,* Ed. de 1845).

I

# CAMONEANA

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente as Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser presada.
Se me isto o Céo concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

(Canto X — CLV).

*Radicou-se a ideia Patria, profundamente, na alma portugueza, pela influencia do verbo Camoneano.*

*Camões definiu pela sua vida a alma de todos nós, e a sua*

*obra foi-nos dada, e instillada no pensamento e no sentir. O seu individualismo patriotico, que nos sublimes versos transparece claro com a sua alma de crystal, faz d'elle como que um redemptor sempre presente, da nossa Patria infeliz. Levanta-nos o caracter, que é como a hoste vigilante da confiança individual e nacional. Elle encontra na obra immorredoura de Camões o alimento para o seu espirito, a energia para o seu vigor e a norma para a sua acção.*

*A obra de Camões tem impedido o descalabro nacional de se prognosticar mais cedo, e até certo ponto, dá a illusão da realidade aos lampejos d'uma vida ficticia. A sua leitura será sempre o melhor esteio do sentimento da liberdade patria, e é bem de ver, quanto entre a mocidade será mister popularisar, cada vez mais, os seus versos. Na verdade, nenhum poeta, em qualquer de todas as nações do mundo, encarnou mais completamente a alma da patria do que Camões.*

*A influencia d'este pensador poeta é a cadeia que cinge e aperta a nacionalidade portugueza, impedindo ainda a sua dissociação; e assim como João Pinto Ribeiro se avigorou para a lucta, com ser um commentador de Camões, assim em todos os propositos do presente, nas mais dilluidas e contradictorias tendencias, ideias, e opiniões, a influencia do Poeta Pensador ensina, sugére e manda.*

*As suas altas ideias e a moral da sua tendencia associativa dirige e domina superiormente certas partes dos Lusiadas, notoriamente nas ultimas nove instancias (LXXVIII a LXXXVII) do canto VII.*

*A ideia da influencia educadora das Sciencias e das Artes no aperfeiçoamento individual, e no quanto elle vem a influir no engrandecimento da Patria, thema supremo de que nunca se aparta o seu espirito de pensador, é por elle soberanamente expressa no canto VIII (estancias XXXIX a XLII).*

*Ainda no dominio politico-social Camões intervem dando aos portuguezes severa licção nas suas estrophes. Licção de moralidade social a todos; e de justiça, a governantes e governados. Tal se expende nas estancias XXVII, XXVIII e XXIX do canto IX, tal a põe pela bocca da filha de Celo e de Vesta pelas*

*estancias XCIII, XCIV e XCV do mesmo canto, tal a profere ao Rei, inolvidavel, com aquella respeitosa severidade de outros tempos nas estancias CXLVI a CLVI, as ultimas do seu ultimo canto. Estas citações desculparão o colleccionador de não ter transcripto tambem essas estrophes immortaes.*

# SONETOS

## XIX

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puros viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

## XL

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxaes ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, asperos penedos
Compostos de concerto desigual;
Sabei que sem licença do meu mal
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois já me não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vem.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades do meu bem.

## CVIII

Brandas aguas do Tejo que, passando
Por estes verdes campos que regando,
Plantas, hervas e flores e animaes,
Pastores, Nymphas, ides alegrando;

Não sei, (oh doces aguas!) não sei quando
Vos tornarei a ver; que maguas taes,
Vendo como vos deixo, me causaes,
Que de tornar já vou desconfiando.

Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pesares,
Partida que me vae custando tanto.

Saudoso de vos, d'elle queixoso
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

## CCCXXXIII

Formoso Tejo meu, quão differente
Te vejo e vi, me vês agora e viste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste,
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes
Sejamol-o no bem, ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.

Lá virá então a fresca primavera,
Tu tornarás a ser quem eras d'antes,
Eu não sei se serei quem d'antes era.

## CLVIII

Eu me aparto de vos, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida;
E se a minha alma vae entristecida
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade, que razão leva vencida,
Presto verão o fim á triste vida,
Se vos não torno a ver como desejo.

Nunca a noite entretanto, nunca o dia
Verão partir de mim vossa lembrança,
Amor que vai comigo o justifica.

Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

## CCLXXXII

Na ribeira do Euphrates assentado,
Discorrendo me achei pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
Me foi: Como não canta a historia
De teu passado bem, e da victoria
Que sempre de teu mal has alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta pois, e não chores d'essa sorte.

Respondi com suspiros: Quando cresce
A muita saudade, o piedoso
Remedio é não cantar, senão a morte.

## CXCIII

Erros meus, má Fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram:
Os erros e a Fortuna sobejaram;
Que para mim bastava Amor sómente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
Que já as frequencias suas me ensinaram
A desejos deixar de ser contente.

Errei todo o discurso dos meus annos;
Dei causa a que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh quem tanto podesse, que fartasse
Este meu duro Genio de vinganças.

## CCXXX

Debaixo d'esta pedra sepultada
Jaz do mundo a mais nobre formosura,
A quem a morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida tem roubada.

Sem ter respeito áquella assim estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia, cuja alvura
Do sol a clara luz tinha eclipsada;

Do sol peitada foste, cruel morte,
Para o livrar de quem o escurecia;
E da lua, que ante ella luz não tinha.

Como de tal poder tiveste sorte?
E se a tiveste, como tão asinha
Tornaste a luz do mundo em terra fria?

## CLXXXII

Aqui de longos damnos breve historia
Verão os que se jactam de amadores:
Reparo pode ser das suas dores
Não apartar as minhas da memoria.

Escrevi, não por fama, nem por gloria,
De que outros versos são merecedores,
Mas por mostrar seus triumphos, seus rigores
A quem de mim logrou tanta victoria.

Crescendo foi a dôr com o tempo, tanto
Que em numero me fez, alheio de arte,
Dizer do cego Amor, que me venceu.

Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna á mão, esta, só parte
De minhas tristes penas escreveu.

# LUSIADAS

## CANTO VII

### LXXIX

Olhae, que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos damnos:
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos Mavórcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condena,
N'ua mão sempre a espada, e n'outra a penna.

### LXXX

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado;
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'um fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico acrescentar-se.

### LXXXI

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem,
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

## LXXXII

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

## LXXXIII

Pois logo em tantos males é forçado,
Que só vosso amor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dae-m'o vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não o empregue em quem o não mereça:
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

## LXXXIV

Nem creiaes, Nymphas, não, que a fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com tôrpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios:

## LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio;
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

## LXXXVI

Nem quem acha que é justo, e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente;
E não acha que é justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Para taxar, com máo rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

## LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida;
Emquanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

## A CAMÕES

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar c'o sacrilegio gigante:

Como tu junto ao Ganges sussurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante:

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao ceo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza...
Se te imito nos trances da ventura,
Não te imito nos dons da natureza!

Bocage, *Sonetos.*

II

## CAMÕES NAUFRAGO

Cedendo á furia de Neptuno irado
Sossobra a nau que o gran'thesoiro incerra;
Lucta com a morte na espumosa serra
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do canto mimoso a Lysia dado!...
Camões, grande Camões, embalde a terra
Teu braço forte, nadador afferra
Se o canto lá ficou no mar salgado.

Chorae, Lusos, chorae! Tu morre, ó Gama,
Foi-se a tua gloria... Não, lá vae rompendo
Co'a dextra o mar, na sextra a lusa fama.

Eterno, eterno ficará vivendo:
E a torpe inveja, que inda agora brama,
No abysmo cahira do Averno horrendo.

A. F. DE CASTILHO, *Sonetos.*

# CAMÕES

*(Poema de Almeida Garrett)*

## CANTO III

Voltei por fim á patria
Outra vez de esperanças illudido.
Alguns serviços, por benignos chefes
Exagerados sim, mas não mentidos,
Nada obtiveram, — nem o esquecimento
D'um inimigo cru, jurado, injusto,
Que jámais o offendi, jámais. — Se é offensa
Ter olhos para ver a formosura,
Coração para amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faíscas d'esse amor; se o dom da lyra
(Dil-o-hei funesto ou chamar-lhe-hei ditoso:)
Que me outorgára o céo, votei ás aras
D'esse amor que foi unica ventura
De minha vida, — unica innocente
Causa de meus acerbos infortunios,
E agora...»
Sobre o peito a dextra aperta,
Como em chaga dorida a mão do enfêrmo
Para acalmar a dôr; pendeu-lhe a frente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da afflicção se patenteiam.

XIV

« Se é crime, continuou, ter alma e vista,
Foi essa a unica offensa que lhe hei feito
Ao vingativo conde. Por má sorte,
Laços fataes de sangue lhe prendiam
De meus suspiros o adorado objecto.
O nascimento egual, a egual fortuna,
Tudo por mim, tudo por nós fallava.
Cubiça empederniu seu duro peito:
E o soldado só de honra herdeiro rico
Que podia esperar? Seu vão orgulho
Se envileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV

Nada na côrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, eu sem fortuna,
Sem arrimo, sem pae. Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela pátria hão barateado
Para perder á mingua o resto d'elle
Meu pae, de pura magoa e de despeito,
Fenecêra em meus braços. — Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta de uma pátria ingrata.

XVI

«De taes ideias combatido o animo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia
Por essa magestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis, que as ricas páreas,
Que os tributos do Oriente vêm trazer-lhe,

Andando, meu espirito agitado
Se enlevava nas glórias, nos prodigios
Que a tam pequeno canto do universo
Ametade da terra avassalaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropheos portuguezes; via o nauta
Que ousou galgar o tormentorio Cabo,
E nos balcões da descoberta aurora
Hasteou as Quinas santas. Retiniam-me
Nos trémulos ouvidos os trabucos,
Que a golpes crebros, as muralhas prostra
Do ricco Ormuz da prospera Malaca,
E da soberba Gôa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Ajoelhados
Via os reis de Siam e de Narsinga
Aos pés do vencedor depôr sceptros,
E render, supplicantes, vassalagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos áres
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões,— dispersos
Os palpitantes membros d'esse filho
Por quem não correm lagrimas paternas;
Não, que martyr da pátria é morto o filho.

## XVII

« D'esse pae venerando esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclyta Gôa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma! —
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflammavam n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo e de honra,

Quem tanta glória e tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
De homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpôr, veredas novas
A descobrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humilhal-os,
Ignotos mundos a ajuntar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles — E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? — A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Alburquerque a deshonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os socorros ultimos
Sôbre o leito da morte mendigava.

## XVIII

«Ingrata... ingrata patria! — Fatigado
Como de tanta glória e tal vergonha,
Parei. Junto me achava então do templo
Que a piedade e fortunas apregôa
De Manoel o feliz; padrão sagrado
De glória e religião, esmero d'artes
Protegidas de um rei que soube o preço
— Alguma vez ao menos — ao talento,
A' lealdade, ao valor, ao patriotismo.
— Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

## XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. N'aquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas
Columnas, as abobadas altivas,
As palmas, as cordagens enlaçadas,

E o signal santo que as remata e une
E que por toda a parte está marcando
As vitorias do Lenho triumphante,
O vexilo da glória portugueza,
Nunca, nunca tam alto me clamaram
Que sós sem Deus, sós pelo esforço humano
Não fariam jámais os portuguezes
O que hão feito no mundo... Dei c'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do monarcha afortunado.
Afortunado em vida; a morte, fecha-lhe
Sello do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cançado que pio, ajoelhei-me
Sobre os degráos do tumulo: insensivel,
No recostado braço a frente inclino,
E descahi n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora
Lhe chamaria, se as visões tam claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem van de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural effeito
De agitados sentidos, porventura
Mui crédulo serei... mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

## XX

« Oh! sonho não foi esse. — Affigurou-se-me
Vêr do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos céus: — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular — qual sóem
Ao pôr do sol phantasticas figuras

As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas formas,
Qual mole cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi. Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas;
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sobre o peito c'o indice apontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma,
Como luz do carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettrei: Amor da Patria.

XXI

« Da maravilha como por encanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio enfeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi: — « Joven ousado,
« Grande empreza te coube, — acerba glória,
« De que não gosarás! Desgraças cruas.
« Fadam teus dias... Mas a fama ao cabo.
« A patria, que foi minha, que amei sempre,
« Que amo inda agora, gram serviço aguarda
« De ti. Um momento mais duravel
« Do que as moles do Egypto, erguer-lhe deves.
« Pyramide será por onde séculos
« Hão de passar de longe e respeitosos.
« Galardão, não o esperes. — Fui ingrato
« Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.
« E a quem! — Maiores de meu sangue ainda
« Ingratos nascerão. Tu serve a Patria:
« É teu destino, celebrar seu nome.
« Os homens não são dignos nem de ouvil-as,
« As queixas do infeliz. Segue ao Oriente,
« Salva do esquecimento essas ruinas

« Que já meus netos de amontoar começam
« Nos campos, nos alcaceres de glória,
« Preço de tanto sangue generoso.
« Um dia... Em vão perante o excelso throno
« Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
« A sentença fatal tem de cumprir-se
« Um dia inda virá que, envilecido,
« Esquecido na terra, envergonhado
« O nome portuguez... — Oppróbio, mágoa,
« Dura pena de crimes! tabua unica
« Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
« Do naufragio. Tu só dirás aos séculos,
« Aos povos, ás nações: Alli foi Lysia.
« Como o encerado rôlo sobre as aguas
« Unico leva á praia o nome e a fama.
« Do perdido baixel. — Parte! Salval-o!
« Salval-o, em quanto é tempo! — Extincto... Infamia!
« Extincto Portugal... Oh dôr!... » — Rompeu-lhe
O derradeiro accento d'estas vozes
Em som de pena tal e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que ainda agora
Nos cortados ouvidos me ribomba,
Estremeci, olhei; já nada vejo:
Ou accordei, ou a visão se fôra.

## XVI

« Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver de um filho. E eu fui teu filho!...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

## XVII

« Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado,
E tranquillo direi: Vivi; — tranquillo
Direi: morro. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: continuo,
Na inquieta campa estão rangendo.
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes heide encostar-me...

## XVIII

« Já me sinto ao limiar da eternidade;
Véo que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça; rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... Oh! qual te has feito,
Misero Portugal! Oh! qual te vejo,

Infeliz patria! Serva, tu princeza,
Tu, senhora dos mares!... Que tirannos
As aguas passam do Guadiana? A morte,
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX

« Que náos são essas que ufanos sulcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas pôpas descobrir as Quinas.
Em vão; da haste da lança escalavrada
Roto o estandarte cáe dos portuguezes.

XX

« Cinza, esfriada cinza é todo o alcáçar
Da glória lusitana... uma faísca,
Esquecida a tyrannos, lá scintila:
Mas quem debil que vens, sôpro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enfêrma
Só te ergues d'esse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

XXI

« Onde leva tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares já teu nome ignora
Neptuno, que de ouvil-o estremecia.
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos,
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.

Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?
Oh patria! oh minha patria!...»

## XXII

A voz, que affroixa,
Interromperam — sons desconhecidos
De voz de extranho que na estancia humilde
Entra do vate: — «Perdoae se ousado
Entrei, senhor, mas...»
«Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo que a poisada obscura
De um moribundo saiba?
—«Cavalleiro,
Desde o alvor da manhã que vos procuro:
De Africa hoje cheguei...
«Ah! perdoae-me
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?
— «Tristes novas, cavalleiro.
Ai! tristes. D'esta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.» — Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De allivio e de esperanças. — Extincto é tudo
N'esta mansão de lagrimas e dores»
— As lettras dizem, — tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam: consolae-vos... —

## XXIII

« Oh! consolar-me » exclama, e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cae: Perdido
É tudo pois!... « No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente... como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxilio do homem.
Os olhos turvos para o céu levanta;
E já no arranco extremo: «Patria, ao menos
Juntos morremos...» — E expirou co'a patria.

A. Garrett.

## CANTO DO JAO

Nasci no rico Oriente,
Creei-me entre as verdes palmas
para amor:
amor me poz no Occidente;
fez-me d'alma duas almas,
para a dôr.

Ai dôr! pois heis-de ir a Java,
estrellas, e vosso rumo
de lá vem;
dizei-lhe qual me eu consumo,
dizei-lhe se lhe eu lembrava
lá tambem!

Tambem vós, ondas e ventos,
pois sabeis a minha terra,
lá chegáe;
não lhe conteis meus tormentos;
mas o amor, que me desterra,
lhe contáe.

Contáe-lhe que preso vivo;
mas que eu mesmo aperto e beijo
meus grilhões;
nem livres, nem reis invejo,
pois o cativo, é cativo
de Camões.

Allah poz arvore em Java,
que a florida sombra d'ella
faz morrer:
Cá, vi peor mancinella;
pois vi que mil mortes dava
o saber.

Saber, esforço e virtude,
bastam em terra madrasta
para o mal;
bem como, porque se mude
o incenso em cinzas, lhe basta
o ser tal,

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Tal patria não quer afêrro;
antes choral-a na gruta
de Macáo!
antes na Arabia mais bruta
curtir miseria e desterro...
Co'o teu Jao!

Castilho.

## O POEMA DE CAMÕES

Espalham-se ao rumor das atras ameaças,
Com pompa marcial, torvos, crescentes,
Como ondas em tropel enchendo as praças
Já de Philipe os esquadrões frementes:
Assim occupam tudo.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Vê Philipe a seus pés um povo escravo,
Não bastam, não, acclamações e palmas.
Quer possuir o que despresa o bravo,
Quer uma cousa — a servidão das almas.
N'isso encontra grandesa

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Porem para o dominio ser completo,
Jungindo a Hespanha esta nação vendida,
Não bastam bençãos de traiçoeiro monge,
Nem protestos da raça envilecida,
Quer Filippe ainda mais...
Elle vê longe.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

De repente Filippe altivo ordena:
«Vão procurar Camões, venha o poeta,
Dar-lhe hei victoria contra a sua pena,
E a mim torna a victoria mais completa

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Era morto Camões. Ah não resiste
Sua alma ao ver soldados extrangeiros
Na Patria, e o povo que aos festins assiste!
Elle então cheio de afflicção e ira:
«Patria junto morremos. Succumbira.

Philippe escuta: ah sente-se inimigo,
De novo Estado julga a posse iniqua:
Vaticina o rumor vago perigo
E exclama attento na visão longiqua:

O que governa os povos bem percebe
Que as pompas festivaes, os juramentos
Da nobresa, e acclamações da plebe
São do poder bem fracos fundamentos.

Dos esquadrões que vale a força dura?
De sacerdote a benção que me exalta?
Ah não ter corrompido essa alma pura...
Portugal não é meu, Camões me falta.

Morto é Camões: mas guarda-se a verdade
No poema dessa austera consciencia,
Onde a Patria respira a liberdade,
Onde resurge a morta independencia.

Já não posso abafar, tornar mentida
Essa voz que resoa como ameaça,
Grito de imprecação que acorda a vida,
Alevantando a decahida raça.

Minaz dentro do magico Poema
Ha do incendio futuro uma favilla,
Traz a explosão, com que rebenta a algema,
Meu poder num só dia se aniquilla.

Hoje a meus pés, alegre sob o jugo,
Sem conhecer sequer tanto desdouro,
Portugal vende-se, acclama o seu verdugo,
Mas eu o presinto um seculo vindouro...

Nascida em ferros e como elles dura,
Se a gloria do passado alguem recorda,
Como Lazaro em funda sepultura,
Uma outra geração febril acorda.

Camões, Camões heroe, cantor e bravo
Envilecidos animos levanta
Porque encerra o Poema onde os seus canta
A força que faz livre um povo escravo».

Cumpriu-se a voz da tradição. O Vate
deu novo alento aos peitos lusitanos.
Não foi preciso um seculo o resgate
Fez-se num dia ao fim de sessenta annos!

TH. BRAGA, *Miragens seculares.*

## DUAS EPOCAS

Á Snr.ª D. Isabel d'Almeida Mello e Castro.

I

Na côrte requintada e florentina,
Que a princeza Maria rodeava,
Em que a pedante erudição latina
Ao soneto galante se casava.

Entre a formosa turba feminina
Que em torno do poeta se agrupava,
O suave perfil de Catharina
Deliciosamente destacava.

Nos olhos de Nathercia elle bebia
Um poema d'amor e de belleza,
Que em scintillantes versos traduzia.

E da Ribeira nos reaes serões
A fina flor da gente portugueza
Applaudia as estrophes de Camões.

II

Alegres madrigaes da mocidade!
Torneios e saraus em que brilhou!
Existencia feliz que uma saudade
Na sentida elegia transformou.

Quando a morte, na dura crueldade
De tudo quanto amava o separou,
Levando-lhe n'alma a tempestade,
Que em ondas d'epopeia rebentou.

Foge-lhe assim a esperança em que vivia,
E comparando á propria dôr sombria
De Pedro a legendaria viuvez.

Sentiu na solidão do captiveiro,
As saudades brutaes do Justiceiro
Ante o vulto amantissimo de Ignez.

CONDE DE SABUGOSA, *Poemetos.*

## CAMÕES

(Monologo do poeta ao perpassar-lhe
na mente a ideia do seu poema).

Meu Portugal que tanto te enalteces
Alcançando o apogeu de estranha glória,
E como astro brilhante já escureces
Os feitos de mais célebre memoria!
Ó alma que no peito me estremeces,
Engrandeçâmos mais a nossa historia,
Cantando ao mundo, em versos sublimados,
« As Armas e os Barões assignalados ».

Glória aos lusos herois que devassaram
Os segrêdos do mar com força ingente;
E á Europa estupefacta lhe outorgaram
As imensas riquesas do Oriente.
Feito que outros herois em vão tentaram,
Pois nem a aguia de Roma alipotente
Fôra mais longe, conquistando ufana,
« Que da Ocidental praia lusitana ».

Fôram os povos lusos derradeiros
Que nas terras da Ibéria se ilustraram,
E vêde como foram os primeiros
Que mais feitos e exemplos já mostraram.
Curvai-vos, ó impérios mais guerreiros,
Aos homens fortes que se aventuraram
A descobrir os mundos afastados
« Por mares nunca d'antes navegados ».

A vida confiando a frágeis velas,
A morte assim afrontam valorosos;
De olhos fitos no sol e nas estrelas
Onde lêem caminhos duvidosos;
E em lucta gigantesca com procelas
Desvendaram os mares tenebrosos,
E c'uma fôrça heroica, sobrehumana,
« Passaram inda alem da Taprobana ».

Pela Africa costa abrazadora,
Entre chuvas de setas vão ávante,
Depois nas terras de onde nasce a aurora
Hasteiam a bandeira triunfante;
Logo a bárbara gente que lá móra
Lhes move luta crua e incessante.
Mas não póde vencer estes soldados
« Em perigos e guerras esforçados ».

De praia em praia sempre combatendo,
E numerosas naus em pleno mar,
Conseguiram vencer o indio horrendo
Que pérfido os tentava exterminar.
Então o Oriente recuou, tremendo,
Retinto o mêdo no pasmado olhar,
Pois via á heroica gente lusitana
« Mais do que prometia a fôrça humana ».

Por paragens lendárias, aterrantes,
Onde disiam ter império a morte,
Traçaram só nas ondas trovejantes
Á humanidade inteira nôvo norte.
E mais que herois, ou mais do que gigantes,
Com p'rigos a lutar de toda a sorte,
Um reino que outros reinos não sonharam
« Entre gente remota edificaram ».

E até ao Grande Oceano, desde o Eufrates,
Viram só maravilhas e riquêsas,
Que caindo ao fragôr de mil combates
São hoje tributárias portuguêsas!
Ó minha pátria amada, como abates
Da antiga Roma todas as grandêsas!
Orgulhem-te esses filhos que fundaram
« Novo reino que tanto sublimaram ».

Esses feitos antigos tão famosos,
Por logares incógnitos, distantes,
Onde rugem os mares tenebrosos
Povoados de monstros e gigantes;
Que passaram com brilhos fabulosos
Por todas as idades triunfantes,
Pois esses feitos ante o lusitano
« Céssem do sábio Grêgo e do Troiano ».

Aos que as Sirtes e as praias de Asia viram
Em lenhos conduzidos pelos ventos,
E aos que plagas remotas descobriram
Em luta com estranhos elementos;
E aos reis que Troia a cinzas redusiram
E que no mar obraram mil portentos,
Os homens já de parte lhes puseram
« As navegações grandes que fiseram ».

Ante as vitórias ganhas ao crecente
Pela nossa bandeira tão amada,
Que viu a fundação da patria ingente
Com sangue de guerreiros cimentada;
E ante os triunfos que alcançou da gente
Tão heroica da Hespanha sublimada,
E ante outros, humilhado o Marte insano
«Cale-se de Alexandre e de Trajano».

Ó Lísia, as tuas glórias se espalharam
Pelas guerreiras terras europêas,
E depois mais ainda se alongaram
Por quantas tu, ó largo mar, rodêas!
Ó pátria, a quem mil feitos remontaram,
Os louros mais dourados bem sopêas
Daqueles, a quem tanto nome deram
«A fama das vitórias que tiveram».

Que os antigos herois mais alta lira
Não acho, caras Musas, que mereçam,
E façanhas cantadas com mentira
Nos versos meus os povos não conheçam.
E este peito que o vosso amôr inspira
Inda espera, Camenas, que se esqueçam
Na Grécia Homero, em Itália o Mantuano,
«Que eu canto o peito ilustre lusitano».

Á testa de vassalos excelentes
Marchavam para exemplo os grandes reis,
Que ao meio dos combates mais ardentes
Iam cingir a fronte de laureis.
E sempre inquebrantaveis e valentes,
Á nossa lingua e fé, ás nossas leis,
Os povos mais heroicos submeteram
«A quem Neptuno e Marte obedeceram».

Mas quanto diferente é a nossa idade
Daquelas priscas eras nubelosas,
Onde á falta de ações de heroicidade
Se narravam passagens fabulosas!
E em poemas tão longe da verdade
Tornavam suas pátrias gloriosas;
Pois ante o português que o mundo espanta
« Césse tudo o que a Musa antiga canta ».

Se a Grécia se tornara tão famosa
Pelos herois e sábios que criara,
E se Roma se mostra inda orgulhosa
Pelas grandes vitórias que alcançara,
E se o seio da Hespéria gloriosa
Exemplos magistrais tambem mostrara,
Acabe agora a tôdos glória tanta
« Que outro valôr mais alto se alevanta ».

*

*   *

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Como nas águas límpidas do Xanto
O cisne, ao ver chegado o extremo dia,
Irrompe, triste, num formôso canto
Cheio de sentimento e de harmonia,
Assim, grande Camões, foi outro tanto
A tua vida inteira: — uma agonia!...
E com hinos que nela então soltaste,
A tua pátria amada eternisaste!

Arthur Botelho, *Alma Lusitana.*

II

## TERRAS DE PORTUGAL

*Ó terra, onde os seus dons, os seus favores*
*Derrama de aureo cofre a Natureza,*
*Que na estação do gelo, e da tristeza*
*Borda teus prados de verdura, e flores:*

*Ó clima dos heroes, e dos amores,*
*Esmalte e perfeição de redondeza,*
*Tu, que abrigas em ti tanta belleza,*
*Tantos olhos gentis, e encantadores.*

*Tu, que do grego errante e cautelloso,*
*Da mão que ao nada redusio Dardania,*
*Tens em teus campos monumento honroso:*

*D'elles todos, ó patria, ó Lusitanea,*
*O do Tejo é mais lêdo, e mais viçoso;*
*Graças ao riso da celeste Armania.*

CAMÕES, Soneto LXVI.

## DE FRANCISCO DE SOUSA

Villancete

Abaix'esta serra
verei minha terra.

Trovas:

Ó montes erguidos,
deixai-vos cair
deixae-vos sumir
e ser destruidos,
pois males sentidos
me dão tanta guerra
por ver minha terra.

Ribeiras do mar,
que tendes mudanças,
as minhas lembranças
deixaes as passar,
deixae-m'as tornar,
dar novas da terra
que dá tanta guerra.

O sol escurece,
a noite já vem:
meus olhos, meu bem
já não apparece.
Mais cedo anoitece
aqui d'esta serra
que na minha terra.

*Cancioneiro geral*, por Garcia de Rezende, Stuttgart 1848-52.

## LOUVOR DE ABEL PASTOR A DEUS

Adorae, montanhas,
O Deus das alturas;
Tambem das verduras
Adorae, desertos,
E serras floridas
O Deus dos secretos,
O Senhor das vidas.
Ribeiras crescidas,
Louvae nas alturas
Deus das creaturas.
Louvae arvoredos
De fructo pezado.
Digam os penedos
Deus seja louvado.
E louve meu gado,
Nestas verduras
O Deus das alturas.

Gil Vicente, *Auto da Historia de Deus.*

## AO LIMA

### Soneto CXXXII

Nas liras, que do freixo, e do salgueiro
Ninfas do rio Lima, Vez e Vade
Penduraste, com magua, e piedade
Do vosso Alcido ouvindo o captiveiro.

Cantai com grave som, verso extrangeiro,
A sua desejada liberdade,
Pois elle d'amor preso, a saudade
De Silvia vos contou aqui primeiro.

E tu seu patrio Lima, que de vello
Estavas (com razão) desconfiado,
Vestido em limo verde, e branca faia,

De quantas flores regas coroado,
Sáe da tua fonte a recebello,
Inda que triste torne a tua praia.

Diogo Bernardes.

## AO MINHO

Ó Minho, ó região abençoada,
Aonde a naturesa é toda amores
Se eu te verei jamais, patria adorada
Se ainda, a fragancia de tuas vivas flores
Consolará minh'alma atribulada,
Ou se em teus campos de eternaes verdores,
Tão cheios ainda da verdura antiga,
Me será dada sepultura amiga?

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Eu canto a patria das flores,
Mimosa da naturesa,
Que da perpetua belleza
Cinge a c'roa festival;
A filha das primaveras,
Onde foi meu patrio ninho:
Canto as bellezas do Minho,
Do Jardim de Portugal.

Quem viu já seus lindos campos
Tapetados de boninas,
Com mil fontes cristalinas,
Mil florentes matagaes, —
Veja embora outros paizes,
Percorra os jardins do mundo,
Que não achará segundo,
Porque o meu não tem rivaes!

Alli os valles e os montes
Conservam sempre verdores
Nos mais ardentes calores
As roseiras têem festões;
Não seccam fontes nem rios;
E gera o sol, com seu brilho,
O rosmaninho e o tomilho
Em todas as estações!

. . . . . . . . . . . . . . . . .
O mar das praias do Minho!...
Quem o vio já n'esses dias
De serenas calmarias,
Prenuncios de vendavaes,
Dirá se é bello e ridente,
Se assusta com seus brinquedos,
Quando beija entre os penedos
As orlas dos areaes!

Dirá se é grande e sublime
Quem o viu, com frio espanto,
Sacudir o argenteo manto,
Erguendo-se em turbilhões;
E, após momentos de pausa,
Soltando um longo rugido,
ir bater enfurecido
Ás portas das povoações!

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

Nas lindas noites d'outono,
Que são lá tão festejadas
Co'as alegres esfolhadas,
É que é o ouvil-os cantar!
Em desafio amoroso,
Com voz argentina e pura,
Emmudecem na espessura
O rouxinol a escutar.

O grande artista das selvas,
Passado o primeiro espanto,
Sabendo que é rei no canto,
Desprende a voz por sua vez;
E faz que o seu turno o escute
Quem o calára primeiro;
Impõe silencio ao terreiro
Com intrepida altivez!

Mas logo as segundas notas
Do musico harmonioso,
Calam-se, cheios de gozo,
Os que elle julga rivaes.
A esfolhada continúa,
Dando mais ternura á festa
O artista da floresta,
Poeta dos salgueiraes!

Que noites! Como o trabalho
Se faz com tanta alegria!
Se tudo ali tem poesia!
Se é tudo formoso ali!...
Oh! não ha terra no mundo
Capaz de ser comparada
Á provincia abençoada
Do paiz onde nasci...

Ó terra de meus paes, berço querido
Do poeta que agora te ha cantado,
E que deseja no teu chão florido
Dormir o ultimo somno socegado, —
Acceita o canto meu! D'alma saido,
Pelo amor e as saudades inspirado,
Se já não pode acrescentar-te o brilho,
Atteste ao menos, que não sou máo filho!

E se a fortuna, que me odeia tanto,
Abrandar algum dia seus rigores,
Permittindo que eu torne a ver o manto
Com que te vestes de purpureas flores,
Então me pagarás o pobre canto
Dando-me, quando findem minhas dores,
Lá, onde se ouve o rouxinol e a onda,
Um lençol de verdura que me esconda!...

F. Gomes de Amorim, *Ephemeros.*

## AO LEÇA

Oh rio Leça
Como corres manso!
Se eu tiver descanço,
Em ti se começa!

Sempre socegados
Vão teus movimentos;
Não te alteram ventos,
Nem tempos mudados.

Corres por areias
E bosques sombrios,
Não te turvam rios
Nem fontes alheias.

Nasces de um penedo
Tosco e descomposto.
A ti mostra o rosto
A manhã mui ledo.

A aurora em nascendo,
Quando estás mais liso,
Com alegre riso
Em ti se está vendo.

Quando o mar não sôa
E passam mil velas,
Em ti faz capelas
Com que se corôa.

Olmos abraçados
Tenhas sempre de hera,
Sempre a primavera,
Alegre teus prados!

Logrem teus salgueiros
Mil tempos serenos!
Nunca sejam menos
Os teus amieiros!

Por ti cantam aves,
Sem temerem quedas,
Mil cantigas ledas
E versos suaves.

De laços e redes
Criam sem receio,
Seguras no seio
De teus bosques verdes.

Dem-te as noites sono,
E com larga mão
Flores o verão,
Fructos o outono!

Sombra no estio
Sem nenhuns resguardos;
Neves e dias pardos
O inverno frio!

Por ti canta Abril
Quando cuida e sonha,
Ora com sanfonha,
Ora com rabil.

Quando se levanta,
Quando o sol mais arde,
Assim canta a tarde,
A noite assim canta.

Porque são, Maio
Tantas alegrias,
Pois teus longos dias
Passam como raio?

Por muito que tardes,
São tardanças vans!
Foram-se as manhãs,
Ir-se hão as tardes.

Para que te gabas
De teus vãos amores?
Para que são flores
Pois tão cedo acabas?

Em espaço breve
Chega ao mar o Douro:
Os cabelos de ouro
Se fazem de neve.

Oh rio de Leça,
Fructos em janeiro
Nascerão primeiro
Que de ti me esqueça!

Primeiro em Agosto
Nevará com calma
Que o tempo d'esta alma
Aparte teu rosto!

Algum tempo manso
Deus o ordene a mi
Em que torne a ti
Com algum descanço!

D. Francisco de Sá e Menezes.

## EM LOUVOR DA CIDADE DO PORTO

PATRIA DO AUCTOR.

Cantemos Cale, pois tu ousas tanto
Casta filha de Jove: mas que parte
Escolhes a teu canto
Dos bens immensos, que lhe o ceo reparte,
Ah! louva os ricos dons, se tu poderes,
Que a mão da flava Ceres,
Da florescente taça de Amalthea
Sobre seus campos liberal semea.

Levanta aos astros em canções divinas
A sabia industria que mil artes cria,
De mil louvores dinas;
Por quem o céo formosos bens lhe envia,
Os Dorios ama, a elles só reserva
A provida Minerva
Tirar das artes largas veias d'oiro,
Riqueza estavel, solido thesouro.

Se tu mais queres, segue a larga esteira
Que vão abrindo seus baixeis nadantes
Na cerulea carreira:
As azas solta aos ventos inconstantes;
Ousada vôa a ver o rosto irado
Ao Baltico gelado;
Ou rompendo atravez do mar profundo
Vai nas praias surgir do novo mundo.

Se mais te agradam marciaes fileiras
Co'a a luz immensa, em que atéqui brilharam,
Das virtudes guerreiras,
Que dos maiores inclytos herdaram
Louva os claros Avós, que devastando
Do Arabe torpe bando
Sobre o montão de loiros que colheu
A Lysia novo Imperio, e nome ergueu.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS, *Poesias.*

## DOURO

Eu sou nobre potentado,
Dos velhos caudaes o Rei;
Por esses montes e valles
Ninguem ousa dar-me a lei;
Co'a minha grossa torrente,
Orgulhoso independente,
Um negro sulco fremente
Pelas Hespanhas tracei.

Embalaram-me no berço
As montanhas de Urbião;
Ergui-me nado sobre ellas,
Medi da terra a extensão:
Frios pélagos do norte
Para mim pequenos são;
Das mediterraneas ondas
É mesquinha a dimensão;
Os meus olhos puz no Atlante,
Esse mar sim, que é gigante:
E ao vasto équoreo brilhante
Rojei-me como um dragão.

A velha e nobre Castella
Aberta em duas rasguei;
Em Zomora, e pelo plaino
Leonez me esperguicei.
Em Portugal resistia
Transmontana penedia;
Arquei com ella, venci-a:
Deram-me a c'roa de Rei.

E marchei Portugal dentro
Com vara de ouro na mão:
Impuz co'a sestra respeito
Ao horizonte beirão;
Com a dextra em Traz-los-Montes
Fiz de serras um montão.
Quiz vencer-me em passo d'armas
Com rija maça o Marão;
Cavei-lhe aos pés um abysmo,
E avante com heroismo,
Passando, dei-lhe o baptismo,
O baptismo de christão.

Enguli-lhe as aguas puras
Das minhas no lodaçal;
Bebi o sangue das veias
Ao outeiro, ao prado, ao val;
Erricei minhas escamas
Como a serpente brutal;
Em mil pontos, mil quebradas
Ergui a mão colossal.
Dormi no Minho exquisito
Sobre leito de granito,
D'onde ao pélago infinito
Mostrei a fronte real.

Mostrei a fronte adornada
Co'a nobre cidade-rei,
Que n'um dia de soberba
N'esses montes pendurei.
De lá marchando orgulhoso,
Profundo, possante, airoso,
Do Atlantico-furioso
Os abysmos devassei.

*

Para o sul e para o norte
Hão-de-se as ondas dobrar,
Que de léste ao occidente
Vão minhas aguas passar:
Pois se em duas fiz a terra,
Tambem córto em dois o mar.
Mil galés como elle posso
De cem canhões sustentar;
Como elle no mesmo abysmo
D'uma ponte o servilismo
Não soffro; nem despotismo
Ha, que me ouse avassalar.

Essa cadeia de ferro,
Que o Porto á Serra estendeu,
Se quiz guindou-a bem alto
E em seus seios a prendeu;
Que se m'a roça na fronte,
Eu, feroz qual Acheronte,
A arremessara de fronte,
'Té ao Brazil, que sei eu.

Na minha tórva torrente
Não vem rever-se a donzella,
Que eu não sirvo para espelho
Requebrado da mais bella;
Gentis membros delicados
Oh! não vem banhar-se n'ella;
Isso é condão de casquilhos,
Mondego, Lima, Vizella.
Venha só beirão ousado
Ou transmontano esforçado
Ou robusto arraes tisnado
D'esta margem ou d'aquella.

Tambem em leve batel
Ninguem me ouse navegar,
Se não quer que o cuspa ás nuvens
E o vá no abysmo tragar.
Eu quero um barco grosseiro,
Quero o rude marinheiro,
Em vez de leme um madeiro,
Um madeiro secular.

Se ás vezes dou um sorriso
Lá dos Jogueiros no val,
E onde o Támega me abraça,
Ou Avintes festival;
Se a virente parra exorna
A minha veia real;

Enganai-vos; sou serpente
Sempre indomavel, fatal:
Meu furor, ninguem o affronte,
Seja um homem, seja um monte,
Seja a vara de Charonte,
Seja o Marão colossal.

Eu sou typo de valentes,
Como o licôr, que gerei,
Onde o meu nome estampado
Ao mundo todo mostrei.
Eu sou o Douro famoso;
Sou mais que o Tejo, orgulhoso;
Mais que o Minho, poderoso
Sou das torrentes o rei.

Visconde de Gouvêa.

## A CAVERNA DE VIRIATO

Gloria dos altos montes,
Magnifico Herminio, a quem saúda
A portuguesa loquella
C'o o gentil nome da formosa estrella
Com que a tua fronte a tropetar se atreve,
Nunca manhã mais bella
Por teus broncos penedos,
Tuas humidas grutas,
Teus altivos, gigantescos rochedos,
Catadupas sonoras,
Viçoso, ameno prado
Jamais raiou no oriente apavonado.

Salve, berço do nome lusitano!
N'esta manhã solemne,
Que, em volver d'anno e anno,
Jamais acabará que a apague o tempo
Da saudosa memoria
D'esta manhã de gloria.
A ti venho, a ti venho, asylo santo
Da lusitana antiga liberdade.
Tuas lobregas cavernas
Me serão templo augusto e sacrosanto,
Aonde da Rasão e da Verdade
Celebrarei a festa.
Ouça-me o val, o outeiro,
Escute-me a floresta
Aonde do seguro azambujeiro
Seus cajados cortavam
Os pastores de Luso,
Que a defender a patria e a liberdade
N'esses tempos bastavam
De honra e lealdade.

Almeida Garrett, *Flores sem fructo,* 1845.

## NAS ABAS DA SERRA DO CARAMULO

Genio invisivel da montanha,
de astros, de sol, o ceu te banha;
o mar de longe te acompanha
no livre cantico sem fim.
Escada de Jacob da terra ao firmamento,
a mansão tua é monumento
da potencia, do amor, das glorias d'Eloim.

Emquanto, em derredor do solio teu sublime,
a baixa terra vil que a instavel sorte opprime,
se volve, se transforma, e sua angustia exprime
n'um continuo anhelar, n'um confuzo clamor,
a variedades sobranceiro
mantens-te qual surgiste, e do cahos primeiro,
e do diluvio assolador.

Silencio e paz comtigo habita;
o ermo é como o eremita;
loucas vaidades não cogita;
ama o seu rustico trajar;
em apparente inercia ama que ferva occulto
de seus affectos o tumulo,
seus extasis, seus ais, seus gostos, seu orar.

Sim Genio da montanha, Archanjo de poesia:
eu creio em ti; eu creio em que alma ingenua, pia,
póde ouvir da tua harpa a casta melodia,
e abrazar-se de amor e endoidecer por ti;
sim; mas eu, frivolo, profano,
á solidão extranho, affeito ao mundo insano,
que hei de esperar? que tenho aqui?

Toda a minh'alma se entristece,
e se confrange, e se ennoitece,
ao ver que a sorte lhe destece
de um sopro os aureos sonhos seus.
Sonhava applausos, gloria... em desterro desperto!
Sonhava mundo... acho um deserto!
Sonhava inda illusões... e escuto-lhes o adeus!

Naufrago, perco a lyra em meio da viagem.
Desço vivo ao sepulcro! Em ti, fatal paragem,
Quem me resurgirá! Dos montes a linguagem...
Oiço... escuto... medito... e em vão quero entender;
é como uns sons d'ignota fala;

. . . . . . . . . . . . .

Ó arvore, alevanta-te! desata
em nossos dias tua umbrosa pompa!
Emquanto a raça ephemera dos homens
vai e vem, faz, desfaz, se eleva, desde,
tu, fixa, tu do sabio exemplo inutil,
medra pelo descanço; igual hospéda,
sorrindo sempre, as estações oppostas;
presta-te aos soes e ás luas, que sem conto
volverão sobre ti; sê caro asylo
ao favonio que em braços te adormeça,
a ás aves que em teu seio se aninharem,
e soffre ou goza o teu destino immenso.

Ai, nunca de teus ares dominando
pela terra de Luso oiças ou vejas
da vil guerra as armas fratricidas!
Inda agora nos eccos d'estes montes
os seus trovões sacrilegos retroam.
Inda em nossos ouvidos estremecem
quadrupedante estrepito, relinchos,
retinir d'armas, rufos de tambores,

rolar de carros, vozear de chefes,
e os gritos do clarim, pregões da morte.
Que esposas inda agora estão carpindo!
que mães, filhas, e irmans, inda hoje em lucto!
De sangue a côr maldita ainda denigre
esses campos de horror; e as sepulturas
dos sem numeros extinctos nos combates,
não florirão inda esta primavera.
Do raio o fumo a Lusitania assombra.

Ó Paz, filha do Ceo, mãe da abundancia,
da innocencia e do amor irman e amiga,
alma Paz, volve a nós, que assaz é tempo
De opulentos avós mesquinhos netos
já não pedimos bens: aos descendentes do povo
do povo infesto a Roma e Rei do mundo,
basta um pouco de pão em paz comido.
Sobre os antigos loiros desfolhados
caiba-lhe ao menos respirar dormindo,
Que ideia tão inhospita e gelada!...
. . . . . . . . . . . . . . . . . .

Manhan da alma existencia. Oh! como alegre
me alvoreceste! oh! plena luz, enlevo
de que o minimo insecto ignaro goza,
riqueza de que é rico o mundo todo,
luz, com prodiga mão dos céos lançada,
vida, belleza, luz palavra etherea,
a unica de um Deus no grão momento,
em que ao formado mundo erguia o panno...
luz! luz! eu te gozei na infancia minha!
gozei?... quem te possue goza-te acaso?
não; prodigo, indiff'rente, como todos,
vi-te, desperdicei-te. Ah! quem me dera
d'essas horas doiradas um minuto,
uma só gotta d'essas fontes amplas
por este areal tão sêcco! Oh! com que sêde

n'um só momento me vingára de annos!
que joias no poetico thesoiro
avido para um seculo ajuntára!
Como ás imagens pallidas, que á força
te arranco, ó Natureza, como arranca
o oiro como fezes duro escravo á mina,
como a tantas imagens desbotadas,
rico legado do menino ao homem,
revivêra o matiz, o fogo, o lustre!
Então para pintar florestas, mares,
não precisára de espreitar confuso
um ramo a folha e folha, ou já no copo,
agil movido, o rutilar da lympha.
Se ouvisse descrever a magestade
de um rosto varonil, de uma formosa
o encanto, de um menino as graças lindas,
tudo isso o variára a mente facil
O aspecto do varão nem sempre fôra
a paterna presença. Alem de Amalia,
de meus brincos pueris ligeira socia,
mais formosas houvera, e mais formosos
anjos mortaes que o meu gentil do espelho,
de olhos tão vivos, tão córado aspecto,
riso tão doce, e que eu amava tanto!
Saudades vans! desejos vãos e acerbos!
Se o mar, se o céo, se os campos se me esquivam,
róla a mente em seu mundo infindos mares,
campos lhe alastra de opulencia extranha,
circumvolve-o de céos fervendo em astros.
Tal de Agenor o filho a patria perde;
mas se lei deshumana o lança em fuga,
oraculo phebêu condul-o a thronos;
por Tyro que perdeu, lá funda Thebas,
a de cem portas nos canoros muros.
Mas a patria... era a patria; aquella Tyro...
era a Tyro da infancia; o solio, Thebas,
o Elysio, o Olympo mesmo, a não valeram.

Feliz o para quem da vida as portas
já se abriram sem luz! Só tem metade
do humano apêgo ao mundo e horror á morte:
não viu, chupando o leite, o seio amigo,
a sorrir brando, os olhos, e nos olhos
o coração materno; as irmans suas
não foram mais que uns sons; a rosa, um cheiro;
movimento, o passeio; o sol, quentura;
um monte, a estiva noite; as Graças... nada.
Longe outra vez, e para sempre longe,
saudades vans, desejos vãos e acerbos!
Que me importam canções? que outrem descreva
com mais proprio matiz do mundo os quadros?
que tenha ou não mais azas para um vôo?
que importa que um volume de poesia
seja um thesoiro para mim sem chave?
e que dos seios do animo rebentem
meus versos caudalosos, sem que eu possa
co'a propria dextra abrir-lhes a passagem,
por onde ávidas paginas inundem?
Não me rege inda a luz os cautos passos?
Não me tinge inda ao perto as varias formas?
Livros... pluma... olhos meus e dextra minha
quando jámais n'outro eu me falleceram,
n'outro eu onde os amei e os amo em dôbro?
Graças a amor, á Natureza graças!
Logrei constante, e lograrei perpétuo
nos laços fraternaes consorcio d'almas,
nos de hymeneu fraternidade nova;
meu ente n'estes entes se completa,
já bardo sou tambem... sahi, meus versos;
pura mão, don dos céos que eu pago em beijos
sollicita vos abre ao mundo estrada;
sahi, voaes! da gratidão fervente
aos olhos de Sendim levae meus votos!

A. F. de Castilho, *A Chave do Enygma.*

## LENDA DOS TRES RIOS

Antiga historia reza, ou conto ou lenda,
Em que tempo não sei. Na mesma serra
Dormiram, cada qual na sua tenda,
Zezere, Alva e Mondego. Nunca em guerra
A aurora os encontrou; nos seus abrigos
Viviam como placidos amigos!

Ou fosse encanto, que findára um dia,
Suspeita, acaso, de vergeis risonhos...
É certo que uma noite em que dormia
O Alva, immerso em deliciosos sonhos,
Pé ante pé, os dois se levantaram
E mansamente a encosta circundaram.

Rompia a Estrella d'Alva no horisonte,
Quando o terceiro acorda espavorido;
Os olhos lança ao seu fronteiro monte
E o espaço mira pelos dois corrido;
E, vendo-se logrado, de repente
Aprumo rasga a encosta do occidente.

Toma da Estrella d'Alva a marcha e nome.
Sem descanço, a corrente em froco espalha,
E, como a Raiva a vida lhe consome,
Em fundo valle, o sitio onde a batalha
Entre os dois tão ferida se travou,
De RAIVA o nome desde então tomou.

Mas, o Mondego que, engrossado havia
Pela juncção de amigos denodados,
Conscio do seu poder, marchava e ria
Do ALVA feroz e seus fieis alliados;
E, batendo de encontro ao seu contrario,
Vencendo-o, o fez seu rico tributario.

Vencido, não domado, quando nos serros
Branqueja a neve em rigoroso inverno,
Tenta o captivo resgatar-lhe os ferros
E a guerra volve em seu lidar eterno!
Bem como ao furacão cedro gigante
Um passo faz volver, mas logo tomba;
Assim para o Mondego em curto instante;
Depois a audaz corrente corta, e arromba
E vence e arrasta e junta ao seu thesouro
O ALVA espumante e a sua areia d'ouro!

Luiz de Campos, *Maria,* poema inedito.

## VERSOS DE «LERENO»

Sereno e manso rio,
Que das fontes do Lena acompanhado,
Aqui perde o nome e formosura,
Em cujo senhorio,
Das mais formosas nymphas invejado,
Não tem logar, effeitos da ventura,
Se na agua clara e pura,
Onde me vejo agora,
D'aquelle que me vi tão differente,
Cahirem juntamente.
As que o meu coração nos olhos chora,
Porque são de alegria,
Dae-lhe com vossas aguas companhia:

A vós rio saudoso,
Que fere o sol primeiro n'outros montes,
Contente as graças dou d'esta tornada;
Sempre sejaes ditoso,
Sempre corram contentes vossas fontes
E seja esta corrente celebrada:
A minha frauta amada

Nos vossos frescos valles
Tornem a ouvir as nymphos e os pastores,
Ou cante meus amores,
Ou chore o sentimento dos meus males,
Resulte em vossa gloria,
O que amor ordenar da minha historia.

Humilde outra vez beijo
Vossas areias brancas e esmaltadas
De lusentes christáes, de alvos seixinhos.
Aqui com mór desejo,
Alegre estamparei livres pisadas;
D'aqui me abrirá amor novos caminhos
Os outeiros visinhos,
Os vossos arvoredos,
Os valles, e os ribeiros saudosos,
Alegres e queixosos,
As serras, as montanhas e os rochedos
Que ornam vossa corrente,
Queixoso cantarei, porem contente.

Mas se quando partistes,
Lá onde se mistura o manso Lena,
Passastes pelo bosque defendido,
Por quem meus olhos tristes
Choraram largamente injusta pena,
Que inda agora atormenta o meu sentido
Meu rio tão querido,
Dizei, quando passastes
Por entre aquellas brenhas e aspereza
Se aquella alta belleza
Por sorte em vossas ondas encontrastes,
Se em vós viu porventura
Aquella extranha, e nova formosura,

Mostrae-me em vosso centro
O seu retrato, inveja das estrellas;
Antes que as ondas gosem tal ventura,
Que, se o virem lá dentro,
Arderão os delphins de amores d'ellas,
E as phocas moradores de agua escura.
Mas isto me assegura,
Que não n'o merecestes,
Pois passando os lilites costumados,
Com modos desusados,
Os asperos penedos não rompestes,
Até molhar as plantas,
De quem no bosque faz florescer tantas.

Porem quando imagino
Que molhastes a terra venturosa,
Que em algum tempo d'ella foi pidada,
A vós meu rosto inclino,
E tocando esta lympha tão formosa
Me faz no coração leve entrada,
A corrente sagrada,
O venturoso rio,
A saudosa, amiga e leda praia.
Antes que esta alma saia,
Deixando sobre a terra o corpo frio,
Celebre no universo
Vosso ditoso nome em brando verso.

Beba em vossas correntes,
Descance reclinado sobre as flores,
Que com vosso borrifo sustentaes,
Cantando entre os contentes,
Celébre vossas nymphas e pastores,
Coroado dos louros que regaes,
E entre esses deseguaes

Montes, que ao longe vejo,
Gose, apesar da sorte, algum socego,
E esquecido o Mondego,
O Guadiana, o Minho, o Douro, o Tejo,
Por meio de outra pena,
Conte só Lusitania o Lis, e o Lena.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO, *O pastor peregrino.*

## CAMINHO DA TERRA

A JUSTINO DE MONTALVÃO

Vouga que vens das Serras, e que vaes
Num caminho contrario que sigo:
Tu, aos beijinhos pela areia, e aos ais;
Eu, sorrrindo saudades que não digo...

Vou para donde vens: Qual vale mais,
Meu rio, meu tristinho, meu amigo?
Vamos por dois caminhos desiguaes,
Mas eu sempre contigo, e tu comigo.

Eu vou, tu vens... vê lá como é diverso!
Tuas ondas embalam-te a partida...
As mesmas que embalaram o meu berço!

Ó ondas de soluços, e ondas d'agua!
Feliz de quem vae de despedida...
Ai de quem torna sempre á antiga magua!

A. CORREIA D'OLIVEIRA, *Raiz.*

## RIO VOUGA

Aguas do mar, aguas dos rios, aguas
Das fontes piedosas — teem, todas,
Suas exaltações de nevoeiros:

Como a agua das lagrimas que teem
Exaltações de Sonho — a doce nevoa
Que se alevanta de salgadas ondas...

Rios do meu Paiz, linguas de prata,
Mysteriosas boccas de verdura
Onde sorri a graça das Estrellas;

Comvosco fallo eu que sei a Lingua
Dessa intima saudade, que é a vossa,
Por ser a d'esta terra em que nascestes.

Mas só um, de entre vós, falla commigo:
Só um sabe o meu mal, e o vae chorando
Por entre as vivas fraguas que lh'o lembram.

Só um, vendo cahir nas minhas lagrimas,
As recolheu em si piedosamente,
Para as dar a beber aos arvoredos.

E tardou seu andar — só para que ellas
Extrangeiras paizagens amargosas
Não vissem, nem corressem pelos mares:

Mas — bebidas, assim, pelas raizes —
Florescessem na Terra dos Amores,
E fossem parte d'ella eternamente...

Rios do meu Paiz, milagres de agua,
Fundos olhos de moiras prisioneiras
Entre sombrias Arvores, olhando...

Só um de vós viu já abrir meu peito:
E, de fallar commigo, sabe a lagrimas,
Enrouqueceu a sua voz profunda...

És tu, Vouga sagrado! És tu, ó Rio
Portuguez de nascença, e até á morte,
Figura da nossa Alma derradeira.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Ó Rio que nasceste nesta Terra,
Nella vives, e junto d'ella passas
Ao Mar — como uma alma a um outro mundo!

Rio da Hesitação, ó sombras de Ondas,
Deliquios de Torrente: tu és toda
A representação da nossa Raça!

Rio da mansidão, Rio tristissimo,
Meu beijo de agua doce que resumes
Amargura da terra em que nascestes:

Como a dor se resume n'uma lagrima;
Ou a esforçada angustia e dor de Christo
Nas bagas de suor da sua fronte...

Aguas razas, que tendes, sob a areia,
Á luz do sol, — apenas a leveza,
A altura de um sorriso sobre os labios!

Mas, mal vos tocam graças d'um Crepusculo,
Eis que vos afundaes, aos vossos olhos,
Até ao Sonho, e ás raias do Mysterio...

Aguas verdes, e tristes, e cançadas,
Que ides tão devagar — como quem sempre
Vae no contrario esforço das saudades.

E tendes só levantamentos de ondas
Quando o vento vos leva, de arrepio,
A subir o caminho que descestes...

Aguas sanctificadas, aguas mysticas
Com as aguas da Egreja, que, benzendo-a,
Espiritualisaes toda a paizagem;

E lhe daes aquelle ar de puros extasis,
Um ar de quem communga, de joelhos,
A luz do Sol, a luz christianissima...

Aguas de caridade, que, matando
Sêdes a tudo o que de vós se abeira,
E a distantes raizes que estão presas:

Andaes mortificadas e transidas
Em uma dor desconhecida e immensa:
Talvez em sêde insatisfeita, ó aguas!

Ó Rio dos Desanimos! Ó Rio
Da Confusão das luzes, do Abandono,
Da Sombra, do Arrepio, da Incoherencia!

Aqui, alegre e acceso, de amoroso
Ergues-te mais em ti para beijares,
Com ancia, a Terra, a tua verde Noiva.

E, logo alli, lhe foges, e a repulsas,
Deixando os braços avidos das plantas,
Torcerem-se, amarellos, sobre a areia...

Alem, são pedras aridas e estereis
Que magoam teu seio — e tu abraças
Com bondade christã, alegre e humilde.

Depois, é uma porfia, uma abalada,
Por entre cheias de Arvores: torrentes
De viço, de esplendor e de saude...

Hoje, rasteiro e humilde, te confundes,
E abates sob os olhos das Estrellas,
Sumindo-te nas sombras que murmuram...

Mas, amanhã, n'uma ancia redemptora,
N'uma allucinação do céo distante,
Madrugas para um sonho claro e alto:

E esse teu santo esforço de subires,
Enche-te a face heroica d'umas nevoas
Que são como suores do teu sangue...

Ó Rio de milagre e maravilha!
Ó Vouga, — Espêlho da Montanha, ó Olhos,
E clareza suavissima do Valle!

Tu que vaes nessa Beira austera e boa
Onde este triste Reino duas vezes
Se torna portuguez, — se apura e esforça;

E d'ella tens ainda o modo e o gesto
Do seu antigo genio, do perdido
E divino segrêdo desta Raça:

Transfigura-te! exalta-te: — transforma-te
N'uma nevoa que seja uma tormenta,
E nuvem que escureça a luz do dia.

Saia um vento fortissimo que venha
Espalhar-te, depois, por esses ares,
E desfazer-te em chuva pela Terra:

Por esta pobre Terra esmorecida
Que, — bebendo em tua agua a antiga alma —
Retorne á sua antiga fortaleza.

E se o sangue dos homens desmerece,
E tem de perecer á pura mingua
Do seu perdido amor e fé perdida:

Que as raizes nos vinguem! — Haja agora,
Na Terra onde já houve corações
Tão altos, e tão fortes, e tão grandes:

Suspiros mais agudos do que os Choupos;
E Saudades que cresçam como os Cedros;
E Lagrimas que subam como as Azas...

Mas se não é possivel este sonho,
Se Deus o não consente: ó Passarinhos!
Ajuntae-vos em bandos, vinde em nuvens:

Demandae esse Vouga ingenuo e doce;
Beijae, bebei o fio de agua santa,
Bebei todo o meu Rio enamorado!

E por terras da Beira, e á sua roda,
Pelas tristes Montanhas sériasinhas,
Pelos alegres Valles engraçados:

Espalhareis, então, as vossas vozes...
E logo a vossa voz ha de saber-nos
Ao canto enternecido dos Luziadas!

E hão de cantar comvosco os mudos Echos,
Já que affeitos á antiga, mais estimam
Calar, — que responder á falla de hoje...

E hão de cantar as Fontes, onde antes
Poisavam roseas boccas que cantavam
As orações do Amor e da Saude:

Fontes que hoje soluçam e arrefecem
Aos beijos frios d'estas bocas frias
Que não rezam, nem cantam feitos grandes...

E as Arvores amigas, que aprenderam
A acompanhar a boa e sã cantiga
Do alegre e heroico vento das venturas:

E agora, nem eu sei que dor as tolhe,
E lhes deu mau olhado — que segredam,
Com ellas e com Deus, tão maus agoiros...

Hão de cantar todas as boccas: sejam
Frescas boccas de rosa, ou sejam boccas
Das fendas que se abriram pela terra.

Até as proprias pedras, que hão de abrir-se
Em labios d'oiro, assim como abrem olhos
Se alguem as fere e a dor as enternece.

E até (meu Deus) hão de cantar comvosco
Os nossos mudos corações hereticos,
Aves do céu, voz do meu Rio... Ó Aves!

E depois da paixão, e dos tormentos,
Dos escarneos, das chagas, dos espinhos,
Da agonia maior que a propria morte:

Saia a alva de riso, de oiro e rosas.
Benzam-se as nossas lagrimas. E cante-se
O canto formidavel da Alleluia...

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA, *Ara.*

## COIMBRA

Quem nunca viu Coimbra
Pela briza embalada
Do Mondego,
Que d'amoroso timbra,
Na margem reclinada
Com socego.

Não sabe o que é belleza,
Ai não conhece a filha
Dos amores,
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flores.

Gentil como Granada
Granada, a flor mais bella
Das Hespanhas,
Como ella encantada,
Mais rica inda do que ella
De façanhas.

Coimbra, teus monumentos
De Godos e de Mouros,
Já desfeitos,
São altos juramentos,
Que attestam aos vindouros
Os teus feitos.

Coimbra, patria minha,
De dia rodeada
De verdores,
A noite te acarinha
A lua prateada
Meus amores.

Curvada sobre a margem,
Co'a frente n'esse outeiro
Tão gentil,
Afaga-te da aragem
O sopro mais fagueiro,
Mais subtil.

O rio ás tuas plantas
Reflecte sobre o dorso
Tua imagem;
Murmura graças tantas
Com desleixado esforço
Doce aragem.

A lympha d'esse rio,
Que corre, d'alva prata,
Para o mar,
Por tardes lá, do estio,
Que imagem que retrata
De encantar.

Por Hercules fundada,
Tu Viriato viste
O valente;
De Roma foste amada,
Qual outra não existe
No occidente.

O Suevo e o Alano
Teu sceptro disputaram
Ferozmente;
Amou-te o Godo ufano,
Os mouros alindaram
Tua frente.

Da velha monarchia
Depois côrte guerreira
D'alta gloria,
Em gráo de valentia
Serás sempre a primeira
Pela historia.

De Affonso o grande a sombra
De noite inda la vela
Protectora;
Phantastica inda assombra,
Qual forte sentinella
Veladora.

As auras, que susurram
Nas folhas buliçosas
Doces cantos,
De Ignez inda murmuram
As queixas lamentosas,
E os prantos.

Imagens tão singelas
De graças, tão altivas
De mirar-se,
De timidas donzellas,
Nas aguas fugitivas
A banhar-se.

E onde ha ahi semblantes
Mais bellos que os das filhas
Do Mondego,
Nos olhos deslumbrantes
Amor, amor lá brilha
Com socego.

As murmurantes brisas
Aos echos amorosos
Vão levar
Mil queixas indecisas,
Dos seus ais maviosos
O cantar.

E tudo solta um canto,
Tudo brando murmura
Riso, ou dôr
E tudo diz — encanto
E tudo diz — ternura,
Tudo amor!

Salve gentil princeza,
Salve da Beira filha
Meus amores.
Mais nobre que Veneza
Mais linda que Sevilha,
Sobre flores.

ANTONIO DE SERPA, *Poemas.*

## AS FILHAS DO MONDEGO...

« As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e a nome amores.

*Luziadas,* Canto III, CXXXV.

Da triste, bella Ignez, inda os clamores
Andas, Echo chorosa repetindo;
Inda aos piedosos céos andas pedindo
Justiça contra os impios matadores;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores
De quando em quando as nayades carpindo;
E o Mondego no caso reflectindo,
Rompe irado a barreira, alaga as flores:

Inda altos hymnos o universo entoa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulchro vôa:

Milagre da belleza e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'roa
A malfadada Ignez na sepultura.

BOCAGE.

## Á FONTE DOS AMORES

( Ode )

Fonte, mais pura que o lustroso vidro,
Mais que o vivo crystal que as rochas veste
ó de innocentes miseros amores
outr'ora testemunha;

Com que verso, que eguale o que mereces,
cantarei dignamente as aguas tuas,
e a relva que te borda a fresca terra,
e as flores que a matizam?

Em que verso melhor folgas que entôe
digno louvor ás arvores annosas
que te cercam benéficas, lançando
amiga sombra aos vates?

Se outras cordas minha lyra ornasse
de Maia o filho, o aligero Mercurio,
se novos sons em minha voz creassem
as ondas de Aganippe,

Então celebraria os nobres seixos,
onde o sangue de Ignez o tempo adora,
onde o sangue de Ignez inda hoje arranca
o pranto a Amor e ás nymphas.

Os zéphiros e as auras n'este sitio,
sem que os ais da infeliz jamais esqueçam,
tristes movendo a trémula folhagem,
saudade doce avivam.

As aguas tuas, e as visinhas letras,
sobre as quaes cada dia Amor suspira,
o sangue inda recente, os velhos troncos,
tudo te faz formosa.

Corre, ó Fonte das Lagrimas; ah! sempre
aos ternos corações de amantes tristes
corras grata e suave, e tenhas d'elles
os cultos que te sagro!

A. F. de Castilho, *Novas Excavações Poeticas.*

## FONTE DOS AMORES

Debaixo d'altos penedos enlaçados
Que em vão de penetrar o sol porfia,
Rebentando de tosca penedia,
A quem virente musgo adorna os lados.

Puros chrystaes se escoam apressados,
Por leito de grosseira cantaria.
Vasto lago os recebe e na sombria
Lympha, tremem os cedros debruçados.

Não se ouve das manadas o balido
Não soa ali a frauta dos pastores,
E pouco dos rafeiros o latido.

Da malfadada Ignez, só os clamores
Se imprimem n'alma, sem ferir o ouvido.
Eis a copia da fonte dos amores.

Poeta desconhecido.

## LAPA DOS ESTEIOS

( Lapide )

| | |
|---|---|
| Sobre as azas da poesia | (João de Lemos). |
| Aqui nos trouxe a amisade, | (C. Monteiro). |
| Cantamos na lyra d'ouro | (J. F. de Serpa). |
| Esp'ranças da mocidade | (L. da C. Pereira). |
| E ao bardo da primavera, | (X. Cordeiro). |
| Mandamos uma saudade. | (A. de Lima). |

*(24/6 de 1844).*

## LAPA DOS ESTEIOS

Dôce mansão poetica,
Ó Lapa dos Esteios!
Tu abres nossos seios
A luz do eterno amor.
Almas sem crenças, gelidas,
Correi ao tabernaculo,
Gosae este espectaculo,
Louvae ao Creador!

Á sombra d'estas arvores
Reclinae-vos poetas,
Que as musas predilectas
Vos hão de abençoar.
Cantae em trovas magicas
Da Lapa as harmonias,
As doces melodias
Do rio a suspirar.

Costa Godolphim, 1874.

## DIAS CORRENTES

Lograssem águas passadas
Atraz voltar! Quem no dera!
Primeiras fructas córadas,
Quem de novo vos colhera,
Do mesmo orvalho orvalhadas!
Ah! Quem de novo lográra
O Sol dos dias ausentes!
Que hoje outra vida eu levára
Se aquelle Sol me doirára
Meus tristes dias correntes!

Uma outra vida, apartada
Da que levei por meu mal,
Pois foi vida desgarrada
Porque só dei, afinal,
Depois de desbaratada.
Mas é destino sabído
Que só depois de o perder
Bem se queira ao bem perdido,
E veja não ter vivído
Quem já vae a envelhecer.

Moços zagaes de hoje em dia,
Nenhum de vós me conhece,
Pois nem vos amanhecia
Quando o Sol (que mal me aquece)
Já de alto então me aquecia.
Zagalas, neste pastor
Mal outro sonhaes e vêdes
Que, ao tempo de seu verdor,
De novos beijos d'amor
Curtia fomes e sêdes.

Mas que mal faz que á vontade
Na minha possa dobrar,
Moços zagaes, vossa edade,
Se o uso do bem cantar
Entre ellas poz egualdade?
Se são no canto ligeiros,
Velhos e novos pastores
Tambem no mais são parceiros,
E já nos fez companheiros
Quem nos criou cantadores.

E pois, que, cepo ou vergeis,
Somos uma e a mesma lenha,
No que vos diga achareis
— Porque eu consumido venha —
Aviso que lembrareis.
Depois... só me será dado
Viver para vos ouvir,
Cuidando ser meu passado,
Mas de tristezas lavado,
Que volta em vosso porvir!

Nunca deixeis vosso rio,
Se é espelho de verdes montes
E de olivedo sombrio.
Nunca deixeis vossas fontes,
Chorando por vós em fio.
Nunca por famas levados
Ai! nunca de longes terras
Busqueis os fructos gabados,
Pois vos serão amargados,
E em tudo só tereis guerras.

Tal foi, tal foi meu fadario...
Porque atraz de alheios cantos
Levado andei, peito vario!
Desfiz meus dias em prantos
E fiz da vida calvario

Para guardar o de extranhos
Meu proprio gado deixei;
Mas, por castigo, em vez de anhos
Só, entre os homens, rebanhos
De feros lobos achei.

E meu mais vivo soffrer,
E minhas penas constantes
Nasciam de longe ser
A frauta que fôra d'antes
A graça do meu viver.
Pois desde que, apartado desta,
Doiradas frautas tangi,
Nunca mais troca funesta,
Ninguem, com trinos de festa,
Ou brados de dôr venci.

Nunca assim, moços zagaes,
Deixeis por novas cantigas
Trinados e duros ais
De vossas frautas antigas,
Por muitas que outras ouçaes.
Olhae que se agora pude
As almas destes logares
Vir acordar, foi virtude
Só desta avena, da rude
Cigarra dos meus cantares.

E se querereis ver amados
Os vossos cantos, então
Que os passos por vós andados
Perdidos alem não vão.
Da extrema de vossos prados.
Se ouvidos vós quereis ser,
Que as queixas de intimos males
Não vão ao longe bater
Da terra onde hão de morrer
Os echos de vossos valles.

É que para alguem na vida
Contar seu bem ou seu mal
Ha só a falla nascida
Na mesma terra natal
Dessa alma, alegre ou sentida.
E só tambem hão de amar
Seu canto os que em seu torrão
Tiveram berços e lar,
Que é isto o que faz medrar
Egual sentir e razão.

E não vos pareça estreito
O vosso torrão, pastores,
Pois este é torrão de geito
Para seára de amores,
Que á farta vos encha o peito.
Outra não ha que assim seja
Terra de doces cantigas;
Por onde quer se esteja
O ar — ouvis? — rumoreja
De vozes de raparigas.

Que raparigas então!
Ah vêde que airosas môças
As lavradeiras não são,
E as que por prados e bouças
Guardando rebanhos vão!
Fazem seus rostos cuidar,
De lindos que Deus os fez,
Que ajuntam ao pennujar
Das fructas a amadurar
Lourejos de pão tremez.

Mas é a Mondego claro
Que mais do que a tudo quero,
Pois delle só colho o amparo
E delle o socego espero
De que ora já sou avaro.

E porque tanto eu lhe queira
É que, lembrando a doçura
Da minha edade primeira,
Á terra da sua beira
Venho pedir sepultura.

Rio de fallas mais tristes,
De mais saudosas toadas,
Ai! nunca no mundo o vistes!
Tão lindas coisas passadas
Nunca a ninguem nas ouvistes!
E não ha hora que cáia
Mais a geito de as ouvir
Do que esta, em que o sol desmaia,
E a voz das aguas se expraia
Como uma prece a subir.

Ouvi-o, porque o louvor
De suas saudosas tardes
— Emquanto passando fôr
O tempo que aqui passardes —
Nos vossos seja maior
Do que em meus versos; pois quanto
De minhas canções sabeis,
Quando eu por Mondego canto,
Não é tão bello nem tanto,
Que mudos vós vos fiqueis.

Ouvi-o, para que então
De vossos sonhos ou maguas
Melhor se afine a canção;
Pois sempre por estas aguas
Cantigas se afinarão.
E com a graça e valia
Que, assim, no cantar puzérdes
Não extranheis se algum dia
Atraz de vós, á porfia,
Brutos e rochas moverdes.

Ouvi-o sempre, zagaes,
Que só de ouvil-o parece
Que em roda, quanto vejaes
Humano se torna, e esquece
As condições naturaes:
São tudo almas e vidas
Desde o monte ao verde prado,
E as oliveiras sentidas
Viuvinhas lembram, vestidas
de luto alliviado.

Ouvi-o, pois quem no ouvir
Maior affecto ha de ter,
Por Mondego nella ir,
Á Patria que o viu nascer;
Se para longe partir,
Quanto mais distante fôr,
Mais lhe hão de os rios lembrar
Deste paiz do Senhor
Onde se morre d'amor,
E se moireja a cantar.

Ouvi-o, que só elle ha de
Dar-vos a doce riqueza
Daquella conformidade,
Que vence toda a grandeza.
Para rir do que esta Edade
Acima de tudo preza
Achará força vital
Quem dentro do coração
Entenda a sábia lição
Dos rios de Portugal.

Ouvi-o: lá vae cantando
Lindas historias contadas,
Onde ha salgueiros fallando,
Milagres de mãos sagradas,
E peitos d'amor penando;

Onde o Porvir ao Passado,
Em desconto dos maus dias,
Promete famosos cantos;
Até que ás eras de prantos
Responda com prophecias.

MANOEL DA SILVA GAYO, *Mondego.*

## SERRA DA ESTRELLA

TRAGI-COMEDIA PASTORIL

SERRA

Prazer que fez abalar
Tal serra como eu da Estrella,
Fará engrandecer o mar,
E fará bailar Castella,
E o Céo tambem cantar.
Determino logo essora
Ir a Coimbra assi inteira,
Em figura de pastora,
Feita serrana da Beira,
Como quem da Beira mora.

E levarei la comigo
Minhas serranas trigueiras,
Cada qual com seu amigo,
E todas as ovelheiras
Que andam no meu pacigo.
E das vacas mais pintadas,
E das ovelhas meirinhas,
Para dar apresentadas
Á Rainha das Rainhas,
Cume das bem assombradas.

Sendo Rainha tamanha,
Veio cá á serra embora
Gerar na nossa montanha
Outra Princeza de Hespanha,
Como lhe demos agora:
Hũa rosa imperial
Como a mui alta Isabel,
Imagem de Gabriel,
Repouso de Portugal,
Seu precioso esparavel.

Ora filhos logo essora,
Cada um com sua esposa
Vamos ver a poderosa
Rainha nossa Senhora,
Porque é forçoso que vá,
Que segundo minha fama
Da Rainha hei de ser ama,
E a isso vou eu lá.

. . . . . . . . . . . . . .

GONÇ.

Ha mister grandes presentes
Das villas, casaes e aldeia

SERRA

Mandará a villa de Cea
Quinhentos queijos recentes
Todos feitos á candea,
E mais trezentas bezerras.
E mil ovelhas meirinhas,
E duzentas cordeirinhas,
Taes que em nenhũas serras,
Não nas achem tão gordinhas.

E Gouvea mandará
Dois mil sacos de castanha,
Tão grossa, tão san, tamanha
Que se maravilhará

Onde tal cousa s'apanha.
E Manteigas lhe dará
Leite para quatorze annos,
E Covilhã muitos pannos
Finos que se fasem lá.

Mandarão desses casaes
Que estão no cume da serra,
Penna para cabeçáes,
Toda de aguias reáes
Naturaes mesmo da terra.
E os de Val dos Penados
E montes de Tres caminhos,
Que estão em fortes montados,
Mandarão apresentados
Tresentos forros de arminhos
Para forrar os brocados.

Eu hei-lhe apresentar
Minas d'ouro que eu sei,
Contanto que ella ou El-Rei
O mandem cá apanhar:
Abasta que lh'o criei.

Gil Vicente.

## CINTRA

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

### CANTO V

### XI

Oh! Cintra! oh saudosissimo retiro
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamentos que embala adormecido
O sussurro das folhas, c'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!

Quem, descançado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado,
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céus, por mares, por montanhas, prados,
Porquanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? — Oh grutas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos onde eu cortei queridos nomes
De amizade e de amor, não heide um dia
Perguntar-vos por elle? Soletrando
Não irei pelas arvores crescidas
Os caractéres que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lhe entalhára?
Oh! se eu inda vos verei! Se os robres duros.
Se me guardam fieis os seixos vivos
O humilde nome do esquecido vate
Que em dias de prazer — tam breves foram!
Dias de glórias, ternas mãos gravaram!

## XII

Ha corações ainda que o conservam
Esse ignorado, — mal sabido nome.
Oh! sim, que os ha! Salvae, salvae ó musas,
De meus escuros versos estas linhas,
Não para a gloria — sonho vão de nescios!
Mas em memoria, doce de guardar-se
N'algum sensivel peito. — Onde não gira
Meu sangue... E o sangue quam diverso corre

Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleaes! c'oa memoria, mas que rara,
Do infeliz, cujo seio enfraquecido
Sangue, como esse, alenta... Onde não gira
Meu sangue — e o sangue quam diverso corre!
Peitos achei sacrarios de amizade,
Corações de *anjos*...

## XIII

Cintra, amena estancia,
Throno da vicejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora de vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome sôa
Eterno já nos hymnos enramados
De immorredouras flores. — Impotente
Ahi quebra a furia do fremente oceano
Á raiz de teu firme promontorio...
Mas que infrenes um dia nas altas aguas
Soltas da voz que disse ao amar: Suspende-te,
Teu limite é ahi — galgal-o ousassem,
E levar os delphins enamorados
Folgar nos sitios em que geme a rôla,
E philomela modelou queixumes,
Suavissimo encanto da espessura;
Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrrha, — Inda o teu nome
Não o esquecera transmudado o mundo.
Leva-t'o alem das passadouras éras
Do bardo mysterioso o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamyso, — onde um suspiro,
De morte lhe quebrou a extrema corda
Que Eleutheria divina lhe affinára —
Do cantor que no alento derradeiro
Ouviram as cidades contendoras

Pelo berço d'Homero, em canção ultima
De moribundo cysne, o brado ingente
Alçar da gloria aos filhos acordados
De Leonidas que dorme... Não, não dorme;
Véla, c'o escudo e lança entôrno roda
Da arvoresinha tenra que plantaram
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
Resistirá? — ou do consorcio adultero,
Impia liga da Cruz e do Crescente,
Nascerá monstro que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis? — Morrei ao menos,
Filhos d'Hellêno, perecei com ella.

## CANTO VII

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

### V

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla, — que memorias
Não estáes recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! Nem setteiras
Nem torreões nem barbacans nem fóssos,
E que havia mister d'esse apparato
Dado a tyrannos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que marcenarias hostes de Janizaros
Precisava um monarcha lusitano,
Que precedido vae por debeis cannas,
Symbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos? — Santas éras!
Se podesseis voltar, dias ditosos!

## CANTO IX

### IV

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua éras antigas,
De fabrica mourisca se alevanta
Castello hoje em ruinas derrocado.
Escassa ameia vês em pé suster-se
No escalavrado muro. Já trabucos,
Dos seculos depois vae vem mais duro
Pelas ingremes rocas dispersaram
As pedras que talhou a mão dos homens
Outr'ora d'essas rocas para alçal-as
Em torreões de morte: — impia fadiga,
Trabalho improbo e duro! A aza do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sobre a face da esquecida terra.

### V

E disseras que se homens como os de hoje
Não poderam ser obra esses vestigios
Do immenso Babel que vês prostrado.
A braços de gigante sobreposto
Monte a monte parece; arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que ao prumo a descahiram — e fixada
No encantado equilibrio, desafia
Forças da natureza e arte dos homens.
Mouro é o mais do que vês, e a doble cêrca
Do castello, e a cisterna que ás devotas
Abluções, alli perto da mesquita,
Suas aguas philtradas ministrava.
E essa que, de tam longe a Meca olhando,
Ouviu as derradeiras coxas preces

Que ao surdo Allah mandava afflicto crente
Quando já sobre as azas da vitória
Cruz inimiga remontava á altura,
As humilhadas Luas arrojando
De precipicio em precipicio ao abysmo;
Essa inda em pé no meio das ruinas
Desmantelladas, seu fiel cimento,
Tenaz na antiga fé, guardando ainda,
No azul que em sua gloria lhe vestiram
As estrellas do Yeman e os enlaçados
Caracteres do Hydjaz!...

## IX

Tradição é que nomeado vate,
De alta beldade mysterioso amante
Entre as fragas erguêra a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras entalhada
Se lia em caracteres bem distinctos;
E o nome de Beatriz, tambem gravado
Na silice do monte, lhe responde,
Como ecco das endexas namoradas
Do cantor da soidão. Sentado viram
O genio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido attento
Ás canções maguadas e suavissimas
De Bernardim saudoso e namorado.
Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Com que — em seu mal — romantico alaúde
Engrinaldou para cantar amores
Dotes d'alta princeza, — inda mais doces
Favores, que indiscretos revelaram
Extasis d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda vivem que de vêl-o

Se acordam pela noite andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas caricias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E a miudo suavissimas cantigas
De apaixonado assumpto modulando,

X

Subito um dia, de bordão na dextra
Na opa de peregrino disfarçado
Desde os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Vêl-o-ha, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tam longa, da romage
Devota; mas só vêl-o, — e adeus eterno,
E para sempre adeus!... Crueis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

GARRETT, *Camões.*

## O TEJO

É lindo o meu paiz e o Bello que elle encerra,
Em seus caudaes de prata, e em campos sempre em flor,
Exalta o nosso affecto, e mais nos prende á Terra
O ver-lhe a maravilha em todo o seu esplendor.

E vamos percorrer o Rio anil-luzente,
Que as Tagides, cantando, arrastam para o mar;
Vogando n'uma barca, á véla, docemente,
Ao som do alaúde, o Tejo eu vou cantar.

A Rodam vamos ver as gigantescas Portas,
Em cujo agreste cume as aguias fazem ninho,
Rochedos collossaes são sentinellas mortas,
Que o Tejo escalpellou afim de abrir caminho.

Depois mais a juzante, o leito empedernido,
Onde a torrente espuma, é campo de batalha;
O Tejo caudaloso e o schisto endurecido
Debatem-se ao clangor do canto da metralha.

E, pela encosta acima, as perfumadas c'rollas
Do thymo e do alecrim dão vida aos matagaes,
E lá, de longe em longe, alacrás aldeolas
Despontam juvenis por entre os laranjaes.

A Torre de Belver de linhas ameadas
Destaca-se gentil em magico pendor
Lá onde pela noite as moiras encantadas
Dolentes vão carpindo o seu perdido amor.

Em curva graciosa, o Tejo n'um abraço
Estreita, ternamente, Abrantes feiticeira,
E lá mais adeante, abrindo o seu regaço,
O Zezere lhe engrossa a sussurrante esteira.

O Castro de Almourol heraldico e famoso,
Que foi de heroes do Templo heroica fortaleza;
Castello que é um sonho, um sonho vaporoso,
A mystica altivez, n'um auge de belleza.

A estancia da Cardiga, um paraizo emerso
Das aguas de crystal, dos salgueiraes sem fim;
Estancia doce e bella, estancia feita em verso,
As flores são a rima, o canto é um jardim.

A linda Santarem, assente em plintho verde,
Eleva-se gracil, ao alto em que domina
Sublime panorama, onde a visão se perde,
Fundido o Tejo ao Campo, envoltos em neblina...

E no formoso rio as margens sorridentes
Ostentam o alto choupo em linhas sinuosas
E na exuberante vinha os pantanos virentes
Escondem com ciume as uvas primorosas.

A vela d'um varino, além, no rio, alveja,
Lembrando do condor as azas collossaes;
E, na leziria immensa, esbate, funde e beija
O rubro da papoula ao loiro dos trigaes.

E vós oh navegante, ao porto lusitano
De longe vinde ver, na vossa caravella,
Lisboa a mui gentil rainha do Oceano,
A joia occidental que o Tejo torna bella!

E vinde ver a rada onde enxameiam naves
De todas as nações armadas e de frotas,
E as nymphas sentireis no chilrear das aves
No louco esvoaçar dos bandos de gaivotas.

E vinde ver a praia em que o heroe famoso
Deixou a doce Patria e foi entrar na Historia!
Aonde se erigiu um templo magestoso
Poema feito em pedra á sua fama e gloria!

E a Torre de Belem, ao pé, cortando os ares
Altiva e graciosa — olhae-a emquanto passa —
Janella rendilhada, espheras armillares,
Escudos e calabre, o symbolismo e a graça!

Depois, irei descendo até chegar á rada,
Onde se estende em lago o Tejo que se escôa,
E, por alli, se allonga a vista deslumbrada
Perante a maravilha, a fulgida Lisboa.

Alegre casaria em montes esplendentes
Cortados de arvoredo, eirados e jardins;
Soberbas cathedraes, zimborios imponentes
E, sobre os corucheus, alados cherubins.

Palacios senhoris, rasgadas avenidas
Que o negro ulmeiro ensombra em viridente veu;
Conjuncto polychromo, em cores esbatidas
E, sobre esta belleza, um esplendoroso ceu.

E na cidade baixa as ruas enquadradas
Para onde dá acesso um arco triumphal;
E, n'um Terreiro enorme, estatuas e arcadas
Que são um lindo sonho, o sonho d'um Pombal!

Depois até á barra, hosannas vou cantando
Ao esplendido torrão de Algés até Cascaes
E á verdejante Cintra, em cima, dominante
O magico Estoril das flores ideaes.

Alfim avisto o mar ao longe, immenso, ignoto
Que foi só lusitano, e nosso já não é,
E o canto meu encerro, e só formulo um voto:
Que as velhas tradições nos tragam nova fé!

Assim eu dou a paga, em meu sentido cantico,
Á Terra em que eu nasci, do alento que me deu,
Emquanto o mago Tejo ao vasto mar Atlantico
A lympha restitue da terra onde viveu.

José d'Asc. Guimarães, *Ineditos.*

## CABO DE S. VICENTE

Ao sacro promontorio hosannas vou cantar,
Porque de lá se avista o procelloso mar
Onde singrou a frota em que o famoso Infante
Tornou a escuridão em dia deslumbrante,
Rasgando esse caminho, aberto em mar profundo...
Façanha que nos deu, em posse, um novo mundo.
Alli gravou Henrique um tal padrão de gloria
Que para todo o sempre honrou a nossa historia;
D'aquella penedia, o inclito condor
Do genio abriu a aza e em mystico fervor
Sonhou com um imperio enorme, sobrehumano
Unindo-o, á nossa terra, as vagas do Oceano.
Agora, — que tristeza! — um morro alcandorado
Que, morto o seu condor, só vive do passado,
Mosteiro no estertor, ruinas sem cimento
Emquanto os vegetaes, batidos pelo vento,
Alastram pelo chão: é só o que hoje existe
De todo esse passado; e, em roda, um plaino triste
Charneca em carvalhiça, as folhas sempre vivas,
Rachiticas, sem flor, violas arbustivas
O tojo, o cardo, a urze... e tudo em plena calma
E n'um silencio morto ou n'um viver sem alma!
E tudo nos infunde uma tristeza infinda
E a pena que essa gloria alli não surja ainda!

J. d'Asc. Guimarães, *Ineditos*.

## AO CAIR DO SOL

UMA VOZ

Linda aldeia pequenina
No reino de Portugal,
Tão juntinha e pequenina
Que p'ra cobrir, afinal,
Chegavam de azas abertas
As pombas do meu pombal

CORO

Linda aldeia onde passamos
Nosso bem e nosso mal...

A VOZ

Parece um ninho de rosas
Feito no fundo do val!
Suas casas são airosas,
Côr das pedrinhas do sal,
Pequeninas como os ovos
Das pombas do meu pombal.

CORO

São flores de laranjeira
No verde do laranjal.

A. Correia d'Oliveira, *Auto do Fim do Dia.*

# III

## SENTIMENTO PATRIO

*Vereis amor da patria não movido*
*Do premio vil, mas alto, e quasi eterno,*
*Que não é premio vil ser conhecido*
*Por um pregão de ninho meu paterno.*

CAMÕES, *Lusiadas,* Canto I — X.

## AMOR DA PATRIA

Amor universal, doce attractivo,
Empenho natural, divida honrada
Sempre foi, será sempre este incentivo
Da patria sempre cara, e sempre amada,
Quem, longe da em que nasce, vaga esquivo,
Não é porque seu clima o desagrada,
Senão porque não cabe um peito nobre
De grande coração em patria pobre.

Tudo a seu natural sempre obedece,
Se attentamente bem se considera:
Do alto a pedra para o centro desce,
Do baixo o fogo sobe á sua esphera.
Todo o rio o mar patrio reconhece,
Todo o peixe descança onde se gera,
As feras buscam, buscam passarinhos
Os patrios bosques, ou os patrios ninhos.

Habita aonde teve o nascimento
A ave nocturna em lobrega deveza,
Torna a formiga ao patrio alojamento
Com muito maior peso do que pesa;
Com pedrinhas a abelha, porque o vento
A não desvie, volve com presteza
A casa, aonde sua industria pasce:
Tudo se volve á patria aonde nasce.

Não tem cafre tão bruto a cafraria,
Nem gentio tão barbaro o Poente,
Nem selvagem tão fero a Scythia fria,
Nem indio tão covarde o molle Oriente,
Que do ninho paterno, em que vivia,
Saudades não sinta, estando ausente;
Que é alvo a patria, a que nunca erram
Os suspiros de quantos se desterram.

A defendê-la o corpo se provoca,
Por ser o ar primeiro, que respira,
Primeira coisa que em nascendo toca,
Primeira luz, que abrindo os olhos vira.
Se a arvore gentil, que se derroca,
Perdendo o natural, geme e suspira
Pelo revez, que tudo senhoreia,
Como não gemerá em terra alheia!

Bem a justiça, na razão fundada,
Pena pôz de desterro ao delinquente,
Porque o da patria sempre desejada
É grão castigo de quem vive ausente.
Quem a troco de vê-la restaurada,
Por ella morre, vive eternamente;
Ou quem, por defendê-la do inimigo,
A vida pôz em publico perigo.

Braz Garcia de Mascarenhas,
*Viriato Tragico,* Canto IV.

## TRISTEZAS DO DESTERRO

### Fragmentos

Erit tristis et mœrens Isaias.

I

Terra cara da Patria, eu te hei saudado
D'entre as dores do exilio...
. . . . . . . . . . . . . . . . .

II

Que ferreo coração esquece a terra,
Que lhe escutou os infantis vagidos,
E lhe bebeu as lagrimas primeiras,

Preludio a tantas que no curto espaço
Da vida ha-de verter? Quem nunca esquece
O tecto paternal, embora adeje
Ao redor d'elle o medo de tyranos?

Quem não deseje misturar, na morte,
Com a gleba nativa o pó de extincto,
E murmurar o seu ultimo suspiro
Alli, onde primeiro a luz diurna
O allumiou na rapida passagem
Entre o nada e o morrer, chamada vida?

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

IV

Berço do meu nascer, solo querido,
Onde cresci e amei e fui ditoso,
Onde a luz, onde o ceu riem tão meigos,
Meu pobre Portugal hei-de chorar-te!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

VI

Arvores, flores, que eu amava tanto,
Como viveis sem mim? Nas longas vias,
Que vou seguindo peregrino e pobre,
Sob este rude ceo, entre o ruido
Dos odiosos folgares do sicambro,
Do monotono som da lingua sua,
Pelas horas da tarde, em varzea extensa,
E á borda do ribeiro que murmura,
Diviso ás vezes, em distancia, um bosque
De arvoredo onde bate o sol cadente,
E vem-me á ideia o laranjal viçoso,
E os perfumes de abril que elle derrama,
E illudo-me: essa varzea é a do meu rio,
Esse bosque o pomar da minha terra.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Ai, pobres flores que eu amava tanto,
Por certo não viveis! O sol pendeu-vos
Mirradas folhas para o chão fervente:
Ninguem se condoeu: secou-se a seiva,
E morreste. Morreste sobre a terra,
Que por cuidados meus vos educara,
E eu? Talvez nestes campos estrangeiros
Minha existencia o fogo da desdita
Faça pender, murchar, ir-se mirrando,
Sem que torne a abraçar a arvore annosa,
Que se pendura sobre a limpha clara,
Lá no meu Portugal onde a frescura
Da ribeira prenne, da floresta
Tem valor, porque o sol tem luz, tem vida!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Alexandre Herculano, *A Harpa do Crente.*

## A PORTUGAL

Meu Portugal, meu berço de innocente;
lisa estrada que andei debil infante;
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante,
meu vergado pomar d'um rico outono,
sê meu braço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos
desde que soube amar; e amei-os tanto!...
Sonhava as noutes de teus dias ledos
afogado de enlevo, em riso e em pranto.

Quiz dar-te hymnos de amor, debeis os dedos
não sabiam soltar da lyra o canto,
mas amar-te o explendor do immenso brilho...
eu tinha um coração, e era teu filho!

Jardim da Europa á beira-mar plantado
de louros e de acacias olorosas;
de fontes e de arroios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas;
onde n'um cêrro erguido e requeimado
se casam em festões jasmins e rosas;
balsa virente de eternal magia
onde as aves gorgeiam noite e dia.

O que te desdenhar, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes;
ou nunca, ao pôr do sol de ameno estio,
viu franjas de ouro e rosa os horisontes,
ondas de azul e prata em cada rio,
as perolas e rubis de tuas fontes;
nem de teus anjos, terno paraiso,
sentio o magnetismo n'um sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas éras
em que tu lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhes os esqueletos das galeras
que foram descobrir mundos e mares.
Se alguem despresar teu manto pobre
ri-te do fatuo que se julga nobre!

Porque te miras triste sobre as aguas,
pobre... daquem e dalem mar senhora?
e te consomes nas candentes fraguas
das saudades crueis que tens d'outrora?

Por tantos louros que te deram? maguas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
Has de singir o teu diadema augusto;
são teus filhos leaes, e Deus é justo!

Tres testemunhos tens que ao mundo inteiro,
grandes, hão de levar-te a ingente gloria:
Camões, o sol, o oceano; que o primeiro,
ergueu-te em alto canto a nobre historia.
Com prantos e com sangue, audaz guerreiro,
o seu livro escreveu d'alta memoria!
Lêde os cantos divinos do poeta,
entoados em harpa de propheta.

O mar, na eterna lida porfiosa,
cansado de correr largos desvios,
vem afogar a sêde angustiosa
no saboroso nectar dos teus rios.
E quando, noutra edade mais ditosa,
Tu mandaste alongar teus senhorios,
conhecendo o roçar das tuas sondas,
cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o Genio das tormentas,
algoz de tanto nauta aventureiro;
vestido de neblinas pardacentas,
assoprando golfadas de aguaceiro;
mas quando viu, nas quilhas tão attentas,
içado o teu pendão, tão altaneiro,
accendendo o Sant'Elmo resplandecente
illuminou-te as portas do Oriente!

Fiel, sempre fiel á tua gloria,
conduziu-te o Evangelho a longas terras;
acompanhou-te os cantos da victoria,
saudou-te os brios nas longiquas guerras!

rasguem embora, ó Patria, a tua historia;
em quanto o mar bramir, quebrando serras,
ou brincar nas areias, em bonança,
ha de fallar de ti, patria, descança.

Qual no deserto o lasso viajante
váe no oasis sentar-se ao fim do dia,
achando attenuado e arquejante,
verdor, fontes, aromas, e harmonias,
e naquella atmosphera inebriante,
se alimenta, se farta, se extasia,
tal és do sol oasis reservado,
jardim da Europa á beira mar plantado.

Aqui apura os raios de luz viva
nos bosques, nos rosaes, e nas campinas;
d'um iris c'rôa a nuvem mais esquiva,
Nem tem c'rôa real pedras mais finas;
faz prisma cada fonte que deriva
por encosta suave entre boninas;
dá luz suave á relva que verdeja;
e o sol de Portugal o mundo inveja.

Mas não é d'hoje só que o passageiro
te vê ledo banhar em cada fonte,
ou entre a branda relva do valleiro,
ou sobre as neves do jaspeado monte;
já não é d'hoje só que o mundo inteiro
falla do brilho teu neste horisonte;
já celtiberos, mouros e romanos,
choraram pelo sol dos lusitanos.

Lua do meu paiz, não me esqueceste,
que, eu sempre soube amar tua lindeza;
bem sei que é este o solio que escolheste;
bem sei que tens aqui maior pureza;

mas tanto os meus segredos entendeste,
era tão minha só tua tristeza,
que se não te invoquei, saudosa lua,
foi pelos zelos da terra, minha... e tua!

Por ti, canto meu berço de innocente;
lisa estrada que andei debil infante;
meu viçoso jardim de adolescente,
meu laranjal em flôr sempre olorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante.
Tu... dá-me ao serrar noite o meu inverno,
um leito funeral ao somno eterno.

THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme.*

## PATRIA

Como o prodigo volta ao lar paterno
Desenganado do que em vão procura,
Eu já desfalecido n'esta lida,
De sonhos sobre sonhos de ventura,
Desejava dormir o somno eterno
Abrindo junto ao berço a sepultura!
Fechar em summa o circulo da vida
No saudoso ponto da partida!

Chegado pois, Senhor, aquelle dia
Que se me apague a luz que me alumia,
Deixae-me descançar onde repousa
Meu santo pae, e sua terna esposa
— A minha santa mãe!
Ser-me há assim mais leve a fria lousa...
Que a terra onde se nasce é mãe tambem!

J. DE DEUS, *Campo de flores.*

## VISÃO DE NUN'ALVARES

E a patria! o meu amor! a patria bella!...
Em que mingoa eu a vejo!... Quem a abraça,
Quem vae lidar até morrer por ella?!...

Já o mundo a meus olhos se adelgaça!...
Montes, fraguedos, tudo se evapora...
São nuvens... sonho... sombra van que passa...

Quasi liberto já!... não tarda a hora...
Sorri-me a Virgem!... como vem brilhante!...
Deus! quanta luz!... que mar de luz!... que aurora!...

Queda enlevado, extatico, sobre-humano. Irradia oiro. Descortina, subito, n'uma panoplia, a velha espada de Aljubarrota. O gladio heroico entre cutelos de verdugos! Como eximil-o á afronta, se já mãos de eleito não devem tocar em ferros homicidas! Embora! Arranca-o, beija-o, ergue-o na dextra, e da varanda, olhando a noite, em voz soturna de trovão:

Cavalleirosa espada relumbrante!
Se n'esse lodo amargo um braço existe
De profeta e de heroe, que te alevante!

Inda bem que na lamina persiste,
Em crua remembrança e galardão,
Do sangue fraternal a nodoa triste.

Descobre o gladio a quem o houver na mão,
Que ante a justiça recta e verdadeira,
Não ha padre, nem madre, nem irmão!

Porem, se a patria, já na derradeira
Angustia e mingua onde a lançou meu dano,
Terra d'escravos é, terra estrangeira,

Rutila espada, que brandi ufano!
Antes um velho lavrador mendigo
Te erga a custo do chão, piedoso e humano!

Volte á bigorna o duro aço antigo;
E acabes, afinal, relha de arado,
Pelos campos de Deus, a lavrar trigo.

Arrojando a espada no abysmo da noite

Deus te acompanhe! Seja Deus louvado!

GUERRA JUNQUEIRO, *Patria.*

## TERRA DE AO PÉ DO MAR...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Terra de ao pé do Mar (a quem Ventura
Bordou aquella singular Bandeira,
Tão cheia de esplendor e formosura

Que quando o Sol a viu d'esta maneira,
Ai que inveja lhe teve! a desejou
Para a terra que tinha por primeira,

Porque primeiro a viu, e alumiou,
E com tal arte os nossos foi tentando
Que o forte Capitão lá lh'a levou...)

Terra de ao pé do Mar, tão forte quando
Grangeava uma fama peregrina
Que eternamente irá peregrinando...

Fama tão grande! Terra pequenina,
Que, d'ella enchendo o Mundo, se assemelha
A uma candeia accesa que illumina,

Pequenina tambem (como uma abelha)
E que tambem, lá como o povo diz,
« Enche a casa de luz até a telha... »

Ó Nação christianissima, e infeliz,
Ó terra que tens fome, e que tens sede
« Ó ninho meu paterno » ó meu paiz

Por quem ainda o Mar braveja, e pede:
Se roja nas areias, se alevanta,
Em furias, em lamentos se desmede!

Por ti hei de pedir, e será tanta,
Ó Patria, a minha fé, que só por ella
A minha alma ficará tres vezes santa...

E a Paz demandara, de estrella em 'strella,
Aquelle povo que foi descobridor...
E topará com elle a caravella:

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Ó minha triste Patria estremecida,
Para alegrias grandes restaurada,
Para mortaes tristesas decahida:

Tu has de ser ainda resgatada,
Por estas tristes lagrimas de agora
Serás bemdita ainda, e consolada...

A. Correia d'Oliveira, *Alivio dos tristes.*

## «VERSOS A PORTUGAL»

« Ó Terra Portuguêsa
Cheia de sol e cheia de tristêsa...

Terra das larangeiras;
Da voz do rouxinol;
Das aguas fugidias;
Das hervinhas humildes e rasteiras;
Das arvores altivas, — as primeiras
A adorarem o Sol
Erguido sobre o altar das serranias:

Terra de rosas, terra de bellêsa,
— Ó Patria Portuguêsa
O que és tu para mim?

Como o direi? qual a palavra ardente,
Redonda e luminosa como a estrêlla,
Para diser com ella
Quanto a minha alma sente?

(O divino poder que o homem tem!
Que tudo em derredor,
A redondesa immensa,
A terra, o ceu e o mar em si condensa
N'uma palavra em flôr,
— Para exprimir, emfim,
Todo o infinito amor
Que aos labios vem...)

Eu sinto, eu posso, eu sei dizel-o bem:
Terra de rosas, terra de bellesa,
Ó Patria: és minha Mãe! »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Ó Patria! onde te vejo começar?

Onde o fogo do Lar,
A Luz de uma candeia,
Nossa alma em puro amor nos incendeia,
Nos começa a aquecer e a alumiar.

Depois, e quando a luz do sol remonte,

Cresces, ao meu olhar,
Cantando em cada fonte,
Correndo, valle em valle e monte em monte,
Desde a soberba e agreste serrania,
— Até morrer, ao longe, com o dia,
Sobre as ondas interminas do mar... »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Onde termina, terra portuguesa?
Patria! o teu corpo eu sei onde termina.
Mas a tua alma e de uma naturêsa
Mais liberta e divina:
E não pode acabar,
Terra! porque aos teus pés se afunde o mar
Ou se alevanta em ondas de neblina...

Portugueses! e eu digo:

Não começa comigo,
Não acaba comvosco Portugal.

Alem da Patria-terra, ha outra ainda,
Maior, mais nobre e linda:
— Patria-humana, a Patria-espiritual;
Patria que está em puro amor christão,
Onde um Homem viveu, um nosso irmão;
Patria que está onde outro coração
Bater em côro e na harmonia infinda
Da vida universal... »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

« Espalhadas no mundo, em derredor,
Entre um rio, entre um mar, entre uma serra,
As Patrias, como as Raças, o que são?

Familias, que tiveram em quinhão
Qualquer palmo de terra,
Para o tornarem num Jardim de pão,
Numa Seara eternamente em flôr,

Portugueses! tocou-nos em partilha
A terra mais amiga, e bella, e nobre
Que a Rosa do Sol cobre
Com sua eterna luz de maravilha.

Ó meus Irmãos! amae,
Como filhos que sois, a Madre Terra:
Sem peccados, sem odios e sem guerra,
Trabalhando e cantando, — transformae
A terra portuguêsa
Em Patria de Alegria:
Farta de pão que farta a nossa mesa,
E de um pão de bondade e de bellêsa
Que sustente a nossa alma noite e dia.

Ó meus Irmãos! e assim,
E quando o mundo inteiro
For um bello e pacifico jardim,
— Que seja Portugal como um canteiro
Onde a Arvore da Vida
Se enraize mais fundo:
E, mais livre na altura, e mais florida,
De mais alto abençoe o céu e o mundo.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Ó Patria Portuguesa!
Mas que extranha, amarissima tristêsa
Te ensombra agora o rôsto?

Seja manhã, ou seja meio-dia,
A dubia luz que te alumia
Parece a do sol-posto!

E turbam-se as paisagens de amargura;
Não canta, mas soluça, a voz da fonte;
Sobre os cimos do monte,

A nevoa é mais chorosa e mais obscura,
Mais transida de frio,
E menos verde o verde de Verdura;
Menos sereno e dôce o andar do rio...

Eu sei, eu sei, ó Terra de onde vem
A tua immensa dôr:

Ó Patria! és nossa Mãe:
E as Mães vivem do amor;
As mães vivem dos filhos: sua vida
É um amoroso espêlho illuminado
Onde se vê a imagem reflectida
Das vidas que hão gerado:
E assim, dentro em tua alma, em tua face,
Patria! se reproduz
A triste vida de quem viva e passe
Na turbida incertêsa de esta luz.

Como podias ser feliz? que brilhos,
Explendor de saude e de alegria
Podia illuminar-te, — se os teus filhos
Andam cheios de treva á luz do dia!

Como podias, Mãe! andar contente
Quando a tua alma sente
O ingrato desamor dos teus amores?
— Quando ha filhos, ó Patria! que te insultam!
E vivem das virtudes que sepultam!
E se embebedam com as tuas dôres!

Quando o esforço vital da antiga Raça
Parece que de todo
Desmaia na mollêsa e na desgraça,
Num frigido torpôr de moribundo.

E a tua Historia, ó Patria, ó Mãe divina!
É como um lago de agua cristallina:
— E andamos nós a encher o mar profundo
De escuridão e lôdo!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Tu não morres, ó Patria!
A tua vida
É da Vida dos Mortos renascida...

A Patria o que é? — Uma Arvore frondosa
Erguida á vida livre e luminosa.

É seu tronco uma Raça;
São as familias os seus verdes ramos
Em que em si mesmo se arredonda e abraça;
Homens, somos as folhas pequeninas
Que a luz do Pensamento respiramos;
E as almas dos Heroes, almas divinas
Dos Santos e dos Poetas — são as flores:
São a côr, o perfume,
São o Fructo de luz que em si resume
Toda a seiva de esta Arvore de Amores.
Acaso podem ventos destruidores
Algum dia afrontal-a:
Como barbaros, rudes lenhadores.

Podem despedaçal-a.
— Espalhando no chão
Seus ramos, suas folhas, suas flores...

A Patria ha de voltar a nova vida,
Da Vida dos seus Mortos renascida!
Ficara inda de pé seu tronco: a Raça,
Inda ficara a Terra em cujo seio
As raizes fundissimas abraça,
— O chão onde encontrou o eterno veio
Das seivas immortaes:

E novamente,
Da sua dôr e treva amanhecente,
A Arvore sagrada
Ha de florir em pleno meio dia,
— Mais frondosa que nunca e carregada
De flores e de fructos de alegria,
Mais livre, mais fecunda e viva e bella!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Que importa a nuvem que passou? que importa?
As almas sentem que nos chama a Vida
Quando a morte nos bate á nossa porta...

Vê-se a terra da terra renascida:
— O anoitecer fragal, a amanhecer.
De pampanos e rosas revestida!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Novo Camões (e não musa alheia!)
Que sonhe outro Lusiadas, — e cante
Nossa verde e pacifica Epopeia:

Não louve o Mar feroz que se levante
Em morte e arroubo de aguas tormentosas
Rôxas de sangue fervoroso e amante:

Mas louve, em novas rimas deleitosas
De lirica frescura virginal,
Este Regresso á terra maternal

Entre ondas de searas e de rosas...

A. Correia d'Oliveira, *Auto das quatro estações.*

*
* *

Agora tenho Espr'ança. E se hei andado
Malbaratando amor, já hoje tenho,
Amando a minha terra, conquistado
O que perdi nos tempos d'onde venho.

E isto traz-me alegre e traz voltado
Todo o meu coração em grande empenho
Para este Auto que fiz, mal concertado,
E onde mais vae amor que vae engenho:

Pois quero erguer Padrão, assignalando
A terra onde nasci e antigamente
Nossos Maiores andaram batalhando.

Mas não para affirmar altas Conquistas,
Ou Descobertas, não: unicamente
Para a mostrar, a Ella, as vossas vistas.

A. Correia d'Oliveira, *Auto do Fim do Dia.*

## PATRIA

« — Patria?... Pae que vem a sêr
A Patria de cada qual » ? —
— « Para nós, é Portugal...
A terra em que se nascer.

*

Patria, filho! a bem dizer,
É toda a casa; o quintal;
As pombas; o pinheiral;
O dôce rio a correr.

A Patria é quanto alumia
A nossa candeia... «E o dia?!
Elle é candeia maior...»

— Filho, sim! A Patria, é o lar
Que deve ser como o Altar;
E o mundo, o Templo, em redor!

A. Correia d'Oliveira, *Menino.*

## SONETO DE AMOR

A que eu adoro teve o amor de quantos
Por muito amar a Historia coroou
— Heroes e poetas, semideuses, santos, —
Portuguezes tambem que a gloria amou!

Teve-lhe amor Nun'Alvares... Cantou
Luiz de Camões o amor dos seus encantos...
Por ella a raça foi ao Mar... E eu sou
Marinheiro e poeta como tantos!...

Ó Bem Amada! — Eu beijo-te na aragem,
No ceu azul, na graça da paizagem,
Religiosa e triste que sorri!

E hei de morrer comtigo — Ó Patria! — quando,
— Heroe por teu amor — tambem, cantando,
No teu regaço, a combater por ti!...

Affonso de Ataíde.

# IV

## HISTORICOS E EVOCATIVOS

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
*Mortos d'Esparta os heroes valorosos*
*Da fera multidão, fazendo extremos*
*Taes epitaphios tinham gloriosos:*
*Dirás, hospede, tu, que aqui jasemos*
*Passados do inimigo ferro, emquanto*
*As santas leis da patria obedecemos.*
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

CAMÕES, *Elegia X.*

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Fizeram, só por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

CAMÕES, *Lusiadas,* Canto I, XIV.

. . . . . . . . . . . . . . . .
*E aquelles, que por obras valerosas*
*Se vão da lei da morte libertando;*
. . . . . . . . . . . . . . . .

CAMÕES, *Lusiadas,* Canto I, II.

## LAMENTAÇAM AA MORTE DELL RREY DOM JOHAM, QUE SANTA GRORIA AJA, FEITA POR LUYS ANRRIQUEZ

Choray, Portugueses, o tam vertuoso
rrey dom Joham, o segundo, que vistes,
tornay-nos de ledos a ser muyto tristes,
poys de vos outros partyo desejoso.
No menos vos lembre o muy animoso
prinçepe, filho d' aqueste defunto:
sas mortes & perdas choray tudo junto,
no menos sa madre do triste rrepouso.

O morte cruell, sem tempo cheguada
a ty, Lusytania, de lastima dina!
o triste fortuna! c'assy nos assyna
vestidos de xerga, de males fadada!
chorem-nos triste, de ty naturaes,
poys de tristezas tem tantas & taes,
que d'elas qualquer grand'era chamada!

Choray pela morte do vosso bom rrey,
choray a partida das suas vertudes,
choray todos esses que nom fordes rrudes,
e gram pelicano da lei & da grey!
O vos, seus criados, choray, como sey.
o que vos auia por filhos a todos,
choray-vos aquele, c'a çyma dos Godos
era tam çerto, come'-e nossa ley.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E assy t'aprouue, a todos pesando,
leuar-nos a perla do prinçepe Affonso:
leyxou-nos gram dor e triste rresponsso
que em suas honrras ouuymos cantando.

O que se esperava que fosse juperando,
tam moço de dias, tam velho em saber,
fizeste-nos orfaãos assy de prazer,
que nosa tristeza mays cresçe lembrando.

E nom acabados seryam cinqu'anos,
quando tu, triste, cruel & tragoa
leuaste seu padre, qu'a fama pregoa
passar em vertudes os brauos Rromanos,
& guerras ferozes com os Affricanos
fazer & soster em paz seu rreynado,
leyxou-nos ssa morte gran dor & cuydado,
vestindo-nos todos de muy tristes panos.

Mas como & quando aquel deos jumensso
premtye, que va de bem em mylhor
rreynos & casos d'aqueste teor,
assy nos deyxou outro, quem a censso
De muytas vertudes, as quaes per jstensso
se nom poderyam aquy expressar;
que aja o rreyno d'erdar & rreynar
per muytos anos sem nenhum diçensso.

Este'e o muy alto & muy perflujente,
muy serenissimo rrey & senhor,
dom Manuel de tanto louuor,
a quem em vertudes deos sempre acresçente
Este'e o filho do muy eyçelente
jnfante Fernando de crara memoyra,
he o bysneto do rrey que vytorea
ouue por vezes de muy prepotente.

FYM

Assy, Lusytanos, que vossa graueza
deues confortar com rrey tam humano;
em sua bondade traspassa Trajano
& o outro Alexandre em gran franqueza,

Roguemos a deos por sua alteza
& polas almas do filho & padre,
tambem pola vyda da molher & madre
dos que sam causa de nossa tristeza.

Garcia de Rezende, *Cancioneiro.*
Ed. de Sttutgart.

## EPISODIO DE EGAS MONIZ

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

### XXX

Mas o principe Affonso, (que d'est'arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe, com seu marido, as manda, e come:
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as cousas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

### XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com ella posta em campo já se via:
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas n'ella o sensual era maior.

## XXXII

Ó Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingaes
Da maldade dos paes, da culpa alheia,
Olhae que inda Thereza pecca mais.
Incontinencia má, cubiça feia,
São as cousas d'este erro principaes:
Scyla, por uma, mata o velho pae;
Esta por ambas, contra o filho vae.

## XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padastro e da iniqua mãe levava;
Já lhe obedece a terra n'um momento,
Que primeiro contra elle pelejava;
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava:
Mas de Deus foi vingada em tempo breve;
Tanta veração aos paes se deve!

## XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Thereza,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou peza,
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defeza,
Não só contra tal furia sustenta,
Mas o inimigo asperrimo afugenta,

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que d'outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido

XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu Senhor não tinha resistencia,
Se vae ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o praso promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mandado submettido
Lhe désse a obediencia que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido,
(O que d'elle Castella não cuidava),
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

## XXXVIII

E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança;
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
— « Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis aqui venho offerecido
A te pagar, co'a vida, o promettido.

## XXXIX

— « Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos e execellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes
N'ellas sós exp'rimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Sciniz, e do touro de Perillo. » —

## XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta; e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais póde, emfim, que a ira, a piedade.

XLI

Oh gran fidelidade portugueza,
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez n'aquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
— « Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias, que tomára. » —

CAMÕES, *Lusiadas,* Canto III.

## BATALHA DE ALJUBARROTA

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei e a Patria; e se convem,
Negarão, (como Pedro) o Deus que tem.

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

XV

— « Como? da gente illustre portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como, desta provincia, que princeza
Foi das gentes da guerra em toda a parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XVI

Como? Não sois vós ainda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeram de fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa que tiveram?

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E, disendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada;
Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios. »

XXI

D'est'arte a gente fórça, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões;
Vão correndo, e gritando á bôca aberta:
— « Viva o famoso Rei, que nos liberta. » —

XXII

Das gentes populares, uns approvam
A guerra com que a patria se sustinha;
Uns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com lettras e tenções de seus amores.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne fórte sáhe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regía,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV

Dom Nun'Alvares, digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para francezes, para italianos.
Outro tambem, famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal-os, e regel-os,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre conde,
Das gentes vae regendo a sestra mão.
Logo na rectaguarda não se esconde
Das quinnas e castellos o pendão
Com Joanne, Rei forte em toda a parte,
Que escurecendo o preço vae de Marte.

XXVI

Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre mêdo quasi frias,
Rezando as mães, irmãs, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande dúvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no sêcco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deu signal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroso;
Ouviu-o o monte Artábro; e o Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouviu-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso:
E as mães, que o som tirribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
É maior, muitas vezes, que o perigo:
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

### XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas as partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a;
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba, e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

### XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quédas, co'as duras armas, tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

### XXXII

Eis ali seus irmãos contra elle vão,
(Caso feio e cruel!) mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a Patria se alevanta:
D'estes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos, e parentes: (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

## XLIII

O campo vae deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-n'o os que ficaram; e o temor
Lhes dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágua, da deshonra, e triste nojo
De vêr outrem triumphar de seu despojo.

## XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Da primeiro, que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,
Que por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

## XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria:
Com offertas depois, e romarias,
As graças deu a quem lhe deu victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

## XLVI

Ajuda-o o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Bética bandeira,
E de varios senhores, n'um momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

## XXXIII

Oh tu, Sertorio, oh nobre Coroliano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

## XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tetuão:
Perseguem-n'o co'as lanças; e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas;
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

XLVII

D'estas, e outras victorias longamente
Eram os castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas Illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

Camões, *Lusiadas*, Canto IV.

## VALVERDE, EVORA E ALMADA

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

### XXVIII

Attenta n'um, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a patria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Não n'o vês tinto de ira, que repr'ende
A vil desconfiança inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

### XXIX

Olha: por seu conselho e ousadia
De Deus guiada só, e de santa estrella,
Só pôde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês, por industria, esforço e valentia,
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?

### XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vêl-o com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, «que lhe falta a resistencia
Contra poder tamanho; e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?»

## XXXI

Mas olha, com que santa confiança,
— « Que inda não era tempo » — respondia;
Como quem tinha em Deus a segurança
Da victoria, que logo lhe daria.
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
— « Pois eu, responde, estou sacrificando. » —

## XXXII

Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas, mais de Dom Nun'Alvares se arrea:
Ditosa patria, que tal filho teve!
Mas antes pae; que emquanto o sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

## XXXIII

Na mesma guerra vê que prezas ganha
Est'outro capitão de pouca gente!
Commendadores vence, e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
D'estes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo; preso por leal;
Pero Rodrigues é do Landroal.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

XXXV

Olha que dezessete Lusitanos
N'este outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus damnos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo, e no moderno.

CAMÕES, *Lusiadas,* Canto VIII.

## FESTIM DE THETIS

CANÇÃO PROPHETICA DE SIRENA.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

X

Cantava a bella deusa, que viriam
Do Tejo, pelo mar, que o Gama abrira,
Armados, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI

Cantava d'um, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera d'amizade,
Soffrerá suas cidades, e logares
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Vêr destruir do Samori potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria,
Em Belem o remedio d'este dano,
Sem saber o que em si o mar traria
O gran Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido Oceano,
Quanto mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei do Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samori mais gente nova;
Virão reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire emfim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas para a guerra,
Mouros por mar, gentios pela terra.

XV

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o gran Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá, outra vez, não dilatando,
O gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deuses vãos, surdos e immotos.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

XIX

Pela agua levará serras de fogo
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no Marcio jogo,
Que nas azas da Fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma:
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes córos invocados
Descerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

XXI

Aquelle, que nos campos Marathonios
O gran poder de Dário estrue, e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermópylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII

Mas n'este passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
O grande esforço mal agradecido:
« Ó Belizario, disse, que no côro
Das musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

## XXIII

« Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e n'elle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á lei servem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

## XXIV

« Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'uma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios, de Aiáce merecidos,
Á lingua vã de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

## XXV

« Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo, ó Rei, só n'isto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te hum reino rico:
Emquanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu n'isto culpado por avaro.

XXVI

« Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil áspero castigo,
Fazendo n'ella Rei leal e humano,
Deitado fora o perfido Tyranno.

XXVII

« Tambem farão Mombaça que se arrea
De casas sumptuosas, e edificios,
Co'o ferro e fogo seu, queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Depois na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Luzos, com velas, e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

« Das grandes náos do Samori potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sáe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela.
Depois lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro n'ella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.

## XXIX

« Mas de Deus a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem, de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia
Poderá haver, que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
O mar todo com fogo, e ferro ferve
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egypto e de Cambaia.

## XXX

« Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A vêr o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

## XXXI

« Com toda a côxa fóra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do gran coração, que lhe ficára:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liára:
Ella solta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

## XXXII

« Vae-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a gran tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

## XXXIII

« Eis vem o pae com animo estupendo,
Trazendo furia, e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo vêr, e o Gange ouvi-lo.

## XXXIV

« Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crúa peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exp'rimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a túmida ousadia.

### XXXV

« E logo entrando fero na enseada
De Diu, illustre em cêrcos e batalhas,
Fará 'spalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
Á de Melique-Yaz acautelada
Co'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir vêr o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

### XXXVI

« Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
É fumo, ferro, flammas, e alaridos.

### XXXVII

« Mas ah! que d'esta próspera victoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Um successo, que triste e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar d'este mundo aquelle esp'rito,
Que não tiraram toda a India e Egypto.

## XXXVIII

« Alli cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam;
E rudos páus tostados sós farão
O que arcos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deus são!
As gentes vãs, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deus pura.

## XXXIX

« Mas oh, que luz tamanha, que abrir sinto,
(Dizia a nympha, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extincto
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De São Lourenço, e em todo o sul se afamam!

## XL

« Esta luz é do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando:
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a Fé da Madre Igreja.

XLI

« Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o rei inico
Das per'las de Barém tributo rico.

XLII

« Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Victoria a fronte lhe corôa,
Quando sem sombra vã de mêdo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Gôa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Em que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o proprio Marte.

XLIII

« Eis já sobre ella torna, e vae rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo co'a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados inclitos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros
Na luz, que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia Santa Catharina.

XLIV

« Nem tu menos fugir poderás d'este,
Posto que rica, e posto que assentada,
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises, com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes. »

XLV

Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas lembrou-lhe uma ira, que o condemna,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro,
Pora os seus, que juiz cruel e inteiro.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

L

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, «que as bandeiras
Faria tremular, e pôr espanto
Pelas rôxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme:

## LI

« A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa;
D'ella dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprio tão temida.

## LII

« Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace, e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico, alli vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

## LIII

« Virá depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá, terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás ainda tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres.

LIV

«Mas aquella fatal necessidade,
De que ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Régia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
É maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memoria d'elle fique:

LV

«Não vencerá sómente os malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito, que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos d'alma todos sete:
Da cubiça triumpha, e incontinencia;
Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI

«Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas.
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

## LVII

«No reino de Bintão, que tantos damnos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas e submettas.

## LVIII

«Mas na India cubiça, e ambição,
Que claramente põe aberto o rosto
Contra Deus, e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto:
Quem faz injuria vil, e sem razão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
É saber ter justiça núa e inteira.

## LIX

«Mas comtudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assignalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

«E não menos de Diu a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Silveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzerates tanto damno,
Quanto já foi aos Gregos o Troyano.

LXI

«A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguerá,
Emquanto Diu illustre d'elle treme:
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém, que n'elle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

«Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Diu os Rumes feros afugenta;
Diu, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando um teu ramo, ó Gama, se exp'rimenta
No governo do imperio; cujo zelo
Com mêdo o Roxo mar fará amarello.

## LXIII

«Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas um, que já será illustrado,
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francez, ao mar usado.
Depois, Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

## LXIV

«A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio;
Por que contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Depois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecut; que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

## LXV

«Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:
E depois junto ao cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadála o Marcio jogo.

LXVI

« Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá depois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos:
Que todos tremem d'elle, e nenhum falla.
Só quiz provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadála:
De sangue, e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita e feia.

LXVII

« Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda a parte,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado:
Conforme successor ou succedido;
Que um ergue Díu, outro o defende erguido.

LXVIII

« Persas feroces, Abassis, e Rumes,
Que trazido de Roma o nome têm,
Varios de gestos, varios de costumes;
Que mil nações ao cêrco feras vem;
Farão dos céos ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detem;
Em sangue portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

« Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os Barões,
Que tão lêdos as mortes têm por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.

LXX

« Fernando, um d'elles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao céo subido,
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.

LXXI

« Eis vem depois o pae, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana.
E com força, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Uns paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia.

## LXXII

« Este depois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcão do braço triumphante,
Que castigando vae Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá no sertão posta.

## LXXIII

« Estes, e outros Barões, por varias partes,
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos d'esta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas. »

## LXXIV

Assi cantava a nympha; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres bodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
« Por mais que da fortuna andem as rodas,
(N'uma cônsona voz todas soavam)
Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor, e fama gloriosa. »

CAMÕES, *Lusiadas,* Canto X.

## O CONDESTABRE DE PORTUGAL D. NUNO ALVARES PEREIRA

PROPOSIÇÃO. INVOCAÇÃO. DEDICATORIA.

Canto as armas reaes, e o firme feito
Do varão portuguez nunca vencido,
Que, quanto era na paz aos ceus acceito,
Tanto na guerra foi forte, e temido,
Cujo braço a seu pae deixou sujeito
O reino em varios bandos dividido,
E sujeitara a toda a redondeza,
Se lhe não dera o ceu mais alta empreza.

De D. Nuno Alvares canto, o valoroso
Claro libertador da patria terra,
Que immortal fez seu nome, e glorioso
Em armas, em justiça, em paz, e em guerra,
E com triumpho mais alto, e mais famoso
De todos os que o mundo breve encerra,
Em batalha a si proprio se venceu,
Conquistando depois da terra o ceu.

Suspenda Apollo a lyra de ouro fino,
E com as nove irmãs ouça o meu canto,
Que invoco outro favor alto e divino,
Outro maior poder supremo e santo:
Vejam que nesse assento cristalino
Sobre as azas da fama a voz levanto,
E com sonoro canto, e brando verso
Espalho seu valor pelo universo.

Ó vós, Virgem, mais pura que as estrellas,
Que pisando-as estaes no claro assento,
E vestida do sol, que é senhor dellas,
Daes honra, gloria, e luz ao firmamento
A quem das creaturas as mais bellas,
Ajudando dos ceus ao movimento
De anjos e cherubins diversos coros
Cantam hymnos, e versos mais sonoros.

Vós, thesouro do ceu, certa esperança
Dos homens, e dos bens que Eva perdeu,
Doce restauro; vós, justa balança
Em que já se igualou a terra e ceu,
Vos, sustentai, Senhora, a confiança
De quem em vosso nome se atreveu;
Fazei que a minha pena o ceu coroe,
E, como de tal ave, escreva e voe.

Não procuro o favor da incerta fonte,
A quem Pegaso deu o nome e traça,
Nem os louros do vão Castalio monte,
Que honra as fontes poeticas, que enlaça,
Para que do grão Nuno os feitos conte:
A vós invoco só, fonte de graça,
Monte de perfeição, louro mais nobre,
Que outro divino sol defende e cobre.

Este é o capitão que só triumphava
Dos armados contrarios que vencia,
Quando ante vossas aras pendurava
Os famosos tropheus, que adquiria;
Este o que os altos templos fabricava
Todos ao nome santo de Maria:
Do vosso Nuno canto, humilde e forte,
A valorosa vida, e santa morte.

Vossa é, alta Senhora, a nova empresa;
Meu, este bem nascido atrevimento:
Os louros da gente portugueza,
Que dos vossos não teria o pensamento;
Onde ha tanto valor, tanta grandeza,
Tenha meu verso algum merecimento,
Que nos vossos mui firme, e mui seguro
Contra os mores perigos, me aventuro.

E vós, principe claro, que estaes vendo
Neste fiel retrato que offereço
Quem em seu nome immortal engrandecendo
A vosso estado deu nome e começo;
Vós, a que estão os fados promettendo
De tão heroicas obras fruito e preço,
Vós, por vós, delle dino, e doutro estado
(Se ainda este pode haver) mais invejado.

Vós, segundo Theodosio, a quem se deve
O que eu no verso humilde dar não posso,
Se merece favor o que se atreve
Só na fé do desejo de ser vosso,
Considerando o mais que se vos deve,
E quanto é limitado o poder nosso,
Para que em louvor vosso, escreva e cante,
Dae-me, principe, a mão, que me alevante.

E ouvi beninamente a larga historia
Daquelle fundador do vosso estado,
Que adquirido o deixou com tanta gloria
Como o tendes com gloria sustentado;
Fique no mundo eterna esta memoria,
Porque a não perca o tempo descuidado;
Honre-se de tal peito, braço e lança,
E tal principio a casa de Bragança.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO, *O Condestabre,*
Canto I, estancia I a X.

Licção moderna.

## O ESPECTRO DE NUNALVARES NARRA SEUS FEITOS

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

Nobres guerras armei, como cumpria,
D'animo afoito a rudes castelhanos,
Desbaratando-os Deos por minha via.

Contra seu vão furor, contra seus danos,
Batalhei desde a alva alegradora,
Ao derribado ocaso de meus annos.

Sangue de irmãos verti... Vertido fôra
Novamente mil vezes, sem piedade,
Que alma não é de irmão, alma traidora.

Patria minha gostosa, quem não hade,
Em risonho sabor, vida e fortuna
Dar por teu livramento e magestade!

Como a de fogo altissima coluna
Vae do povo de Deos na dianteira,
Afim que se não perca ou se desuna,

Tal na frente das hostes, sobranceira,
Contra duro inimigo acovardado,
Tremeu sempre no ar minha bandeira.

É que n'ella Jesus ia pregado,
Jesus rei das estrellas, rei do mundo,
Meu capitão formoso e sublimado.

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

GUERRA JUNQUEIRO, *Patria.*

# EM LOUVOR DO INFANTE D. HENRIQUE

## ODE HEROICA

Fervia ao longe com fragor medonho
O mar caliginoso: horrenda fama
Desde a origem do mundo apregoava
Do inaccessivel pego
As férvidas voragens.
Desastrados successos agoirando,
Pávido nauta trespassar não ousa
O Bojador sanhudo, que guardava
Entre feros horrores
Os não surcados mares.
Tu, filho caro da Natura, ó Génio!
Que tardaste em formar por tantos evos
O lusitano Henrique, alfim um dia
A empreza lhe inspiraste,
Que enche de gloria a Lysia
Eis elle na mão toma ardente facho,
Que desde o Sacro Promontorio fulge;
Tiro de luz despede, que allumia
Do tenebroso Oceano
Os pelagos immensos.
«Ide romper os mares, disse aos Lusos,
Com chaves immortaes té-qui fechados:
Ide alargar por nova maravilha
A patria Lysia, á Europa
Os terminos do mundo»
Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E promptos barineis ás ondas descem,
Deoses do mar potentes,
Os novos Argonautas.

Já lá longe das praias, onde Alcides
Pôz balizas ao orbe as prôas surcam
Vastos desertos de profundas agoas:
E as barreiras quebrantam
Dos resguardados mares.
Que espectaculo grande a Natureza
Aos Lusos apresenta! Quaes portentos
Não sabidos dos seculos amostra!
Quanto mundo encoberto
Aos olhos seus descerra!
Novos Tritões na azul campina lhe abrem
Facil estrada: novas aves voam,
E já proximas terras lh'annunciam;
Novos benignos astros
De estranhos Céos lhes brilham.
Eis d'entre as ondas já lá vem surgindo
Novos montes e cabos, novas praias,
Terras de vario clima, de diversos
Productos da Natura,
De ignota gente e nome.
Como do meio das cerradas nuvens
A atlantica Madeira sáe formosa,
De verdejante folha a trança ornada;
E vem com brando gesto
Saudar os lusos nautas!
Correm pelo ceruleo campo a vê-los
As mais filhas de Thetis cubiçosas:
As Graças, Arguim, e as que guardavam,
Hesperides formosas,
Os ricos pomos d'oiro,
A torrida Ethiopia, ao Sol vizinha,
Desdobra o escuro veo, que a fronte cobre,
E amostra a face majestosa: vê-se
Vir receber os Lusos
O Arsinario cabo:
Vê-se mais ledo ao mar co'a gran corrente
Já vir o Sanagá, e o curvo Gambia:

Vê-se o filho do grande Nilo, o Zaire
Contente devolvendo
Ao alto golpho as agoas.
Da intrepida façanha desusada
Os maritimos Deoses se espantaram,
Mas não Protheo, que próvido sabia
Do immobil fado eterno
Os divinos arcanos.
Mal vio de longe as cortadoras proas,
Co'a fatidica voz, que tudo assombra,
« Ó lusos nautas, clama, ó vós ditosos,
Que os fados cá vos chamam
Do mar ao novo imperio.
Por estas ondas, ora povoadas,
Té-qui em solidão desertas, cedo
Nesses ousados lenhos do Oriente
Virá toda a fortuna
Do aureo Indo ao Tejo. »
Soou mui longe a voz do vate: ouviu-a
O roxo-mar e estremeceu; e o Nilo,
E a soberba Damasco, e a syria Alepo,
E o grande egypcio Cairo,
E a rica Alexandria,
Ouviu-a, e estremeceu a gran rainha
Do Adriatico golphão: do alvo collo
Cae-lhe o collar de nitido diamante;
Cae-lhe da altiva fronte
A c'roa d'oiro fino.

Antonio Ribeiro dos Santos, *Poesias.*

## ESTANCIAS AO INFANTE D. HENRIQUE

Das figuras heroicas do passado,
Dos que — na photosphera rutilante,
Onde se expande o vôo equilibrado
Da legião gloriosa, triumphante,
Que no solo da patria, bem amado,
Deixou bem fundo, o rasto de gigante, —
Destacam, d'entre a chusma dos heroes,
Como, da poeira astral, os grandes soes;

D'esses que formam — almas desfraldadas
Pelo profundo ceu do pensamento —
Como que as pregas ideaes, sagradas,
Do pavilhão da patria, arfando ao vento,
E a cuja sombra, em horas enluctadas
De taciturno, amargo desalento,
Ou nos dias de gloria e brilho novo,
Se acolhe e retempera a alma do povo:

D'esses — é elle um dos maiores! Alto,
Tão Alto, que, lançando o olhar seguro
Por sobre o fragoroso, horrido assalto
Das ondas bravas d'esse mar escuro,
Povoado de monstros de basalto
De tectricas visões, cujo esconjuro,
Vociferando lugubres presagios,
Só promettia mortes e naufragios.

Viu para alem do portico cerrado,
Que aferrolhava o Oceano Tenebroso
E a cujo limiar, nunca violado,
Séculos de terror prodigioso,
D'universal delirio, horror sagrado,
Empedrados de assombro angustioso,
Tinham quedado — estatuas de vencidos,
Laocoontes, de phantasmas recingidos:

Viu, atravez da noite inconstellada
Que recobria o abysmo negrejante,
Onde o clarim alpestre da alvorada
Não despertara nunca um echo errante,
Onde a equorea campina, ora coalhada,
Ora em cachões desfeita e fumegante,
Exalava lethiferos vapores,
Bafo immundo de monstros bramidores:

Viu — fluctuando em ondas remansosas,
Como em ninho de espumas conchegadas,
Umas como que terras mysteriosas,
Ilhas talvez, decerto afortunadas,
Na corrente das aguas murmurosas
Para o berço do Sol talvez levadas...
E atraz d'essa dulcissima visão
Iam-se-lhe alma, vida, coração!

De pé, na aguda escarpa do rochedo
De que fizera abrigo solitario,
Que mais dissereis aspero degredo
Ou retiro de monge visionario,
Ou julgáreis — talhado no fraguedo —
Phantastico navio temerario,
Impaciente que bata a sua hora
Por fazer-se de vela, sem demora;

Pelo silencio calmo, grato á mente
Que os problemas eternos vê, medita,
— Busca, ancioso, de Sagres o vidente,
Ler nas letras da abobada infinita...
Os astros interroga. Do oriente
Ao poente, na orbita prescripta.
Vae seguindo, escrutando o rumo vario
D'esses lumes do immenso lampadario.

Aos ventos, que lhe trazem os perfumes
De presentidos páramos distantes;
Ás ondas, que em monotonos queixumes
Sabem fallar aos rudes navegantes,
Exora que afugentem os negrumes
Que lhe ennublam as vistas penetrantes;
E astros, ondas e ventos, á porfia,
Repetem-lhe, passando: Vae! Confia!

E eil-as, lá vão, as suas caravellas,
Impavidas, sulcando ignotos mares,
Como se o genio mesmo das procellas
Recuára, sumindo-se nos ares!
Oh maravilha das façanhas bellas,
Dos altos feitos, grandes, singulares!
Um povo, hontem ainda, mudo, obscuro,
Eil-o, hoje dos povos palinuro!

Estava aberta a pagina fadada,
Em que esse povo, ultimo vindo na Historia,
Ia entalhar com sua heroica espada
Os seus mais nobres titulos de gloria...
Pagina augusta, pagina sagrada,
Onde os abysmos guerreiros da Victoria
Se enlaçam os versiculos profundos
De outros cantos, mais largos e jucundos!

Eis o que os povos n'essa biblia liam:
Desfeitos — os terrores seculares
Que as veredas oceanicas tolhiam
Do Occidente aos gangeticos palmares!
Veneza e Genova, a seu turno viam
Que em breve o sceptro olympico dos mares
Ia tombar de suas mãos patricias.
Amollecidas d'orientaes delicias...

Esse orfanado sceptro, mãos possantes,
Mãos trilhadas no ferro dos combates,
Vão redoiral-o, em pugnas de gigantes,
Desde as ribas do Tejo alem dos Ghattes!
Mas, ai! Quantas tragedias lancinantes,
Quanto exterminio, quantos desbarates,
Naufragios, sangue illustre e generoso,
Lhes não custou o empenho portentoso!

Só tu, Poeta, que o Destino adverso
Recaldeou nas fragoas da desdita;
Só tu, no bronze eterno do teu verso,
Onde da patria o coração palpita,
Alcançaste fundir o horror disperso
D'essa Iliada, em mar e sangue escripta!
E o mundo, absorto, pára ainda a ouvil-o,
O teu divino canto, e a repetil-o!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

M. Duarte d'Almeida.

E neste ano sendo aynda em Feez os ossos do Yfante D. Fernando, que lá falleceo em um santo cativeiro como atras fyca, como quer que a ElRey Dom Affonso por resgate e redençam das molheres e fylho de Mollexeque, que foram cativas em Arzylla, lhe fosse prometyda huma soma d'ouro, ele como Rey bom e piadoso denegou sempre todo outro partido e ynteresse, salvo que por ellas lhe dessem os ossos do dito Yfante, que a este tempo eram em poder de Marymmolley Belfagege. E leixando muytas embaaxadas e recados que sobre este concerto de huma parte e da outra se passaram. Fynalmente o dito Molleybelfagege enviou a ElRey a propria ossada do dito Yfante, bem reconhecida por tal per Molley Belfaca, seu filho moço, e per Diogo de Bairros Adayl Moor, que a elle por este caso fora algumas vezes Embaaxador.

Ruy de Pina, Chronica do Senhor Rey
Dom Affonso v, cap. CLXXII

## OS OSSOS DO INFANTE

À memoria do meu XIII Avô Diogo de Barros
1.º Adail-Mór de Portugal.

### I

Captivantes mas captivos
Corpos d'oiro,
Luz dos dias fugitivos
Do rei moiro,

. . . . . . . . . . . . . . .

Enxugae os olhos tristes
E fieis:
Da prisão onde cahistes
Vos ireis!

Vosso amante em rica sala
Vos espera:
Ao sol, seu trajo de gala
Reverbera;

E á ideia de vos cobrar,
Que o aquece,
Seu negro, aquatico olhar
Resplandece.

Todo o alcaçar 'stá em festa!
Giram servos,
Com fervor tudo se apresta
P'ra acolher-vos.

Tapetes, coxins da Persia,
Raras flores,
Convidam ao somno, á inercia
E aos amores...

Nunca se viu brilho tanto,
Tanto luxo!
Canta e brilha a cada canto
Seu repuxo!

. . . . . . . . . . . . .

Enxugae os olhos tristes
E fieis:
Da prisão onde cahistes
Vos ireis!

II

Turba immensa está d'Arzila
Junto á porta,
Uma cegonha tranquilla
O ceu corta.

E outras mais, á voz alheias
Da gentalha,
N'um pé só estão p'las ameias
Da muralha.

O ar de brasas, poeirento,
    Faz tonteiras;
Não perpassa o menor vento
    Nas palmeiras.

E entre os cactos amarellos
    E vermelhos,
Ruminam graves camelos,
    De joelhos...

Pela porta escancarada
    Entra agora
Um cortejo de tisnada
    Gente moira.

E de dentro, n'um lampejo
    Que até cega,
De lusos outro cortejo
    Tambem chega.

Este as moiras côr de mel
    Ali traz;
O outro, sobre aureo xairel,
    Negro arcaz,

Que, apoz noites d'ancia louca,
    Pungitivas,
O rei de Fez manda em troca
    Das captivas.

Como as captivas são bellas
    Acolá!
O arcaz que vem desprendêl-as
    Que trará?

Coisa míuda não resgata
Taes huris.
O que trará? Oiro ou prata?
São rubis?

Traz redomas com perfumes
Perturbantes,
Ou per'las d'iriados lumes
Inconstantes?

Já estão da arca os ferrolhos
A ranger:
Faiscam todos os olhos
Para ver,

E emfim vêem, entre uns pannos
Velhos, grossos.
Negra braçada de humanos.
Tristes ossos!

As captivas, com estranheza
E ar submisso,
Murmuram: « Nossa belleza
« Só vale isso?

« Taes despojos da dorida,
« Feia morte,
« Valerão a nossa vida
« Linda e forte? »

Mas ao quebrado trêmor
De seus ais,
Volve o esbelto Adail-mór:
— « Valem mais!

Esses ossos portuguezes
(Continua)
« Fulgem mais, mil e mil vezes,
« Que a alva lua!

« Olhae bem os infelizes
« Na arca escura:
« Quem os fendeu? As raizes
« Da amargura,

« D'um verdugo o desvario
« Sem piedade,
E o martyrisante frio
« Da saudade!

Beijadas p'la dor, as coisas
« Ficam bellas!
« P'ra Deus, as chagas são rosas,
« São estrellas!

« Mas o peccado, o que toca
« Tudo estraga:
« E p'ra Deus voluptuosa boca
« É uma chaga!

« Para Deus que sempre espia
« Nossas almas,
« E que fez a noite e o dia,
« Cardos, palmas.

« P'ra Deus, cujo olhar doirava
« A alma ardente,
« Que entre estes ossos penava
« Santamente,

« Creando, pela clemencia
 « do Senhor,
« Radiosas flor's de paciencia
 « E de amor,

« São vossos peitos doirados
 « Cinza só,
« E estes ossos desgraçados
 « Oiro em pó!

Deixa flor's quem cinzas leva:
 Mas, Jesus
« Me salve! o que eu deixo é treva,
 « Levo luz!

D'este escambo bem me posso
 « Gabar eu:
« Entre os dois reis, perde o vosso,
 « Ganha o meu! »

Mais não diz. Em passo brando
 Se adeanta
E recebe, as moiras dando,
 A arca santa.

III

Emquanto o sol com seus dardos
 Ensanguenta
Os sinistros bulcões pardos
 Da tormenta,

Eis os cortejos partindo
 Afinal,
Um p'ra Fez, outro p'ra o lindo
 Portugal.

Quando se vão a apartar,
        Lentos, graves,
Da muralha sobem no ar
        Duas aves.

Sobre os lusos, entre os oiros
        Do ceo torvo,
Vôa uma Aguia. Sobre os moiros
        Paira um corvo!

EUGENIO DE CASTRO, *Fonte do Satyro.*

## A D. JOÃO DE CASTRO

(ODE PINDARICA)

### ESTROPHE I

Quando o discurso humano
Se põe da natureza
A medir a fraqueza,
Pasma, esmorece, e perde a confiança:
Mas se do Eterno o braço soberano
Em seu desmaio a contemplar se avança,
Vê de entorno brotar alta esperança,
        E, qual o Sião monte,
Seguro entre as procellas alça a fronte.

### ANTISTROPHE I

        De feroz turba ingente
        Horrendamente armada,
        Thema infeliz cercada
Via o Machabeo, e tambem via
A pouca de Judá e inerme gente:
Mas o forte varão, que em Deus confia,
Contra o Syrio feroz ousado a guia;
        Fere a cruel batalha,
E qual pó o desfaz que o vento espalha.

### EPODO I

Subito de ruinas se cobriam
Os campos dilatados;
Cavallos, cavalleiros jarretados.
De sangue em largo rio
Morrendo, com furor se revolviam:
E quaes no ardente estio
Em torno cáem do segador nervoso
Aos centos as espigas,
As hostes inimigas
Ao lado caem do capitão glorioso.

### ESTROPHE II

Em tanto triumphante
Exultando a Judéa
Das palmas de Idumêa,
Quebrado o jugo, ao campeão tecia
Diadema mais que os astros scintillante:
Seu valor, sua fé, sua ousadia
De cem harpas o som ao céo subia:
Mas Judas da victoria
Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

### ANTISTROPHE II

Oh de Israel afflicto
Firme columna e muro!
Se em meus hymnos procuro
Mostrar como, brandindo a mortal lança,
Á Syria já terror foste infinito,
É só pela formosa semelhança,
Que descobre em ti hoje a lembrança,
E o triumphante Castro,
De immensa luz em Lysia immortal astro.

EPODO II

Roto em cem partes o famoso muro,
Que soberbo a cingia,
Qual viuva miserrima se via
A magestosa Diu:
Tincta de dó e envolta em manto escuro,
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Moiro, que a cercava,
Com cem canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas
E quasi o feroz collo lhe pisava.

ESTROPHE III

Quando brandindo a lança,
Em seu favor ligeiro,
Corre o feroz guerreiro
De poucas tropas na galharda frente:
Já de seu seio sáe, e tal se avança
Dos Moiros a ferir na hoste ingente,
Qual cercado leão na Lydia ardente
Que, sacudindo a juba,
Por dardos rompe e o caçador derruba.

ANTISTROPHE III

No terrivel conflicto
Brandia o varão forte
A cada passo a morte.
Que quanto encontra despedaça e estraga.
E qual então lançou medonho grito
O Moiro, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr o rosto pelo campo vaga,
E blasphemando morre
Aos pés de Castro, que triumphante corre.

### EPODO III

Prosegue, lyra, e as azas veloz bate
De Salsetta á campina,
Onde o braço feroz prostra e fulmina
O barbaro ardimento
Em novo, sanguinoso, e atroz combate.
Quaes no salôbre argento
Os mares uns sobre os outros se encapellam,
Quando Euro procelloso
Roncando cae furioso,
Taes os Moiros fugindo se atropellam

### ESTROPHE IV

De immenso povo armada,
Eis de Baroche á praia
Desce feroz Cambaia;
Sangue estillando ante ella pavoroso,
Por cem canhões de bronze Marte brada,
Mas brada em vão, que o capitão famoso
Os lenhos deixa, e o braço portentoso,
Qual de Medusa a frente,
Immovel deixa a innumeravel gente.

### ANTISTROPHE IV

Eu, que de branca pluma,
Novo cysne do Tejo,
Cobrir todo me vejo,
As azas bato, vôo ao firmamento,
Sem temer de dar nome á salsa escuma,
Prendendo as azas do ligeiro vento,
Bem podia cantar em alto accento
Como o guerreiro invicto
A cinzas reduziu Dabul afflicto.

EPODO IV

Como feroz Pondá cruel combate:
        Como de Antheu na terra
O genio ensaia para a dura guerra:
        Como troando ardente
Por terra derrubou Patane e Pate:
        Como no golpho ingente.
Estragos semeando a forte espada,
        Enche o Hidalcão de espanto...
        Porém se é longo o canto
Nem sempre ao côro do Parnaso agrada.

A. Diniz da Cruz e Silva.

## DESCOBERTA DO BRAZIL

Em frondosa ramada o Lusitano.
  Hum Altar fabricou no prado extenso,
  Donde assista ao Mysterio soberano
  Da Lusitana esquadra o povo immenso
Ao Rei triumphante do infernal tyrano,
  Odorifero fuma o sacro incenso,
  E a victima do Ceo que a paz indica
  Á gente, e nova terra santifica.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Goza de tanto bem, terra bemdita,
  E da Cruz do Senhor teu nome seja;
  E quando a luz mais tarde te visita,
  Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
  Maduro fructo da Paixão da Egreja,
  Da fé renovo pelo fructo nobre,
  Que o dia nos mostrou, que te descobre.

Dizendo assim ajoelha e Cruz em tanto
  Sublime n'um oiteiro se colloca;
  O exercito formado ao sinal santo
  Se prosta humilde, pondo em terra a boca:
Pasma o gentio, e admira com espanto
  A melodia com que o Ceu se invoca,
  Hymno entoando a Cruz pios Cantores,
  E respondendo as trompas e os tambores.

Terra porem depois chamou a gente
  Do Brazil não da Cruz; porque attrahida
  D'outro lenho nas tintas excellente,
  Se lembra menos do que o foi na vida:
Assim ama o mortal, o bem presente;
  Assim o nome esquece que o convida
  Aos interesses da futura gloria,
  Aos bens attento só da transitoria.

Observa o bom Cabral todo o prospeto
  Da immensa costa, e pelo clima puro;
  Pelo abodo tranquillo, e mar quieto,
  Chama o seio em que entrou Porto Seguro:
E olhando com saudade o doce objecto
  Do seu destino, se lamenta escuro,
  Que pela empreza a que mandado fora,
  Não permitte na armada outra demora.

Manda depois ao Luso Dominante
  Hum aviso do clima descoberto;
  Nem tarda Manuel então Reinante
  A enviar um cosmographo, que experto
Da escola fora, que o famoso Infante
  Para a nautica sciencia tinha aberto,
  E Americo dispõe que ao Brazil parta,
  De quem deu nome ao continente a Carta.

E por ter quem aos nossos interprete
  Do ignorado idioma a escura sorte
  Alguns em terra condemnados mette,
  Devidos por delito a crua morte:
A vida como premio lhe promette,
  Quando com peito se attrevessem forte
  A esperar no sertão nova viagem,
  Aprendendo os rodeios da linguagem.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Mas emquanto estes eram vagabundos,
  Americo Vespuci, e o forte Coelho,
  A longa costa e os seios mais profundos
  Demarcavam no nautico conselho:
Descobridor tambem dos novos Mundos
  Foi Jaques na Marinha esperto, e velho,
  De quem já demarcado em carta ouvimos
  Esse ameno reconcavo que vimos.

Eu depois destes na occasião presente,
  Quanto o vasto sertão nos encobria
  Descobriu pondo em fuga a bruta gente,
  O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vasta terra a turba ingente,
  Que mais Europa toda não teria,
  Se da grã cordilheira, ao mar baixando,
  Desde a Prata ao Pará se fôr contando.

Dá principio na America opulenta
  As provincias do Imperio Lusitano,
  O grão Pará, que um mar nos representa,
  E muito em meio a terra do Oceano:
Foi descoberto já (como se intenta)
  Por ordem de Pissarro, de Arelhano;
  Paiz que a linha equinoxial tem dentro,
  Onde a Torrida Zona estende o centro.

Em nove legoas só do comprimento
Vinte e seis de circuito se espraia
No vasto Maranhão d'agua opulento,
Huma ilha bella que se estende a praia:
Regam-lhe quinze rios o aureo assento,
E um breve estreito, que lhe forma a raia,
Pode passar por Isthmo, que a encandea
A terra firme por mui breve area.

O Ceará depois, provincia vasta,
Sem portos e commercio jaz inculta;
Gentio immenso, que em seus campos pasta,
Mais fero que outros, o extrangeiro insulta;
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lago do Sertão, de que resulta
Rio, onde pescão nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.

Da fertil Paraiba não occorre
Que informe a gente vossa, sendo empreza
Do commercio francez, que ali concorre
A lenhos carregar, que a Europa preza:
Não mui longe da costa que ali corre
Huma ilha vedes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica e povoada
He de Itamaraca de nós chamada.

A oito graos do Equinoxio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa,
A pingue caça, a pesca, a fruta grata,
A madeira entre as outras mais preciosa:
O prospecto que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosas,
Faz que o erro se escute a meu avizo,
De crer que fora hum dia o Paraiso.

*

Sérzipe então d'El-Rei: logo o terreno
De que viste a belleza e perspectiva;
Nem cuido que outro visses mais ameno,
Nem d'onde com mais gosto a gente viva:
Clima saudavel, Céo sempre sereno,
Mitigada na nevoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
Não ha depois do Céo mais formosura.

A quinze graos do Sul na foz extensa
De um vasto rio por ilheos cortado,
Outra provincia de cultura immensa,
Tem dos proprios ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro, a quem compensa
O espaço da Provincia limitado,
Outra de ambito vasto, que se assoma,
E do Espirito Santo o nome toma.

Nhiteroi dos Tamoios habitada,
Por largas terras seu dominio estende
Famosa região pela enseada,
Que uma grã barra dentro em si comprende:
Esta praia dos vossos frequentada,
Que pomo de discordia entre nós pende.
Custará se presago não me engano,
Muito sangue ao Francez e ao Lusitano.

S. Vicente, e S. Paulo os nomes deram
Ás extremas provincias que occupamos;
Bem que ao Rio da Prata se estenderam
As que com proprio marco assinalamos:
E por memoria de que nossas eram,
De Marco o nome no logar deixamos,
Povoação, que aos vindouros significa,
Onde o termo Hespanhol, e o Luso fica.

S. Rita Durão, *Caramuru*, Canto VI.

## VISÃO DE CATHARINA

Vi n'este tempo em confusão pasmosa
A Monarchia em Lysia dominante,
E a Casa de Bragança gloriosa
Nos quatro imperios triumphar reinante:
A Bahia com pompa magestosa
Festejar o Monarcha triumphante,
E o Pernambuco de desgraças farto,
Invocar Pae da Patria D. João Quarto.

Tratava o novo Rei com fé provada
A Batavica paz, que sem justiça,
Deixava ao mesmo tempo quebrantada
O Belga injusto pela vil cubiça:
Occupa o Maranhão Batava armada,
E outra esquadra em Sergipe o incendio atiça
Pertendendo occupar com falso engano
Toda a Africa e Brazil ao Lusitano.

Cede do seu governo de afrontado
O general Nassau, tornando a Hollanda.
Sendo o concelho do Arrecife armado
Mil, artificios de calumnia infanda:
Nem contra os habitantes moderado
O duro freio no governo abranda,
Onde a plebe agravada que o experimenta,
O jugo sacudir com gloria intenta.

João Fernandes Vieira foi na empresa
O instrumento da patria Liberdade,
Heroe que soube usar da grã riqueza,
Libertando o Brazil desta impiedade:
De amigos e parentes na defeza
Tentou furtivamente a sociedade,
E como a pedra a estatua de Nabuco,
O Belga derribou de Pernambuco.

Nomeou Cabos, Tropas, Companhias,
  Pedio soccorros, e invocou prudente,
  Expondo do Hollandez as tyranias
  O governo Brazilico potente:
Avisa sem demora Henrique Dias,
  Capitão dos Ethiopes valente,
  E o forte Camarão, q̃ em guerra tanta
  Com os seus Carijos o Belga espanta.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Hollanda era potente, e o Luso afflicto,
  Onde enchendo Lisboa de ameaças,
  Por ter noticia do infeliz conflicto,
  Meditava ao Brazil novas desgraças:
Mas por guardar os seus o Rei invicto,
  Providencias, que a paz chamar podessem
  Dispoz piedoso nas provincias laças,
  O tumulto em que os nossos permanecem.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Nove mil homens, tropa valorosa,
  E com frequentes, palmas veteranas,
  Manda o Batavo á empresa perigosa,
  Que a guerra ponha fim Pernambucana:
Occupa o mar armada poderosa;
  E dominando a praia Americana,
  Usurpa em mar, e terra alto dominio,
  Ameaçando dos Lusos o exterminio.

Nos montes Guararapos se alojava
  Formado o Portuguez, que o Belga espera;
  E a escaramuça, que emprendera brava,
  Traz a sitio o Hollandez, que adverso lhe era.
Desde o alto monte o Luso fogo obrava.
  Com ruina dos Batavos tão fera,
  Que seja ao lado ou na espaçosa fronte,
  Se cubrio de cadaveres o monte.

Noventa dos seus perde o Lusitano;
  E emquanto o Belga se retira incerto,
  Descobre a aurora todo o monte, e plano
  De bandeiras, canhões, e armas coberto:
Muitos alli do Batavo tyrano,
  Perdidos pela noite em campo aberto,
  Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
  Nas mãos da nossa tropa prisioneiros.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Horrorisa-se a Hollanda, pasma Europa,
  Exalta Portugal, canta a Bahia,
  Vendo-se triumphar tão pouca tropa
  Da terrivel potencia que a invadia:
Nada de humano o pensamento topa,
  Que em tudo a mão de Deus clara se via:
  Pois sempre elege para seus portentos
  Os mais fracos e humildes instrumentos.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Triumphou Portugal; mas castigado,
  Teve em tal permissão severo ensino,
  Que só se logrará feliz reinado,
  Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
E que o Brazil aos Lusos confiado,
  Será, cumprindo os fins do alto destino,
  Instrumento talvez neste hemispherio,
  De recobrar no Mundo o antigo Imperio.

S. Rita Durão, *O Caramuru,* Canto IX.

## O BRAZIL LIBERTO

Na quarta parte nova os campos ara
E, se mais mundo houvera, la chegara.

*Camões.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Oh! virgem plagas de Cabral famoso,
Se barbaros outr'ora
Vos levámos grilhões, levámos ferros,
(Que tambem arrastavamos)
Hoje convosco alegres repartimos,
Irmanmente vos damos
Parte igual d'esse dom que os céos nos deram,
Que a tanto custo houvemos.
Lá vae, lá surge em terra, avulta e cresce
A lusa liberdade.
Folgae, folguemos: folguemos, portuguezes todos,
Em laço egual unidos,
Sôbre o seio da patria reclinados,
Como irmãos viveremos,
Oh! seja eterna tão feliz concordia;
Mas, se em má hora um dia
(Longe vá negro agoiro!) d'essa escura
Caverna onde o prendemos,
Resurgir ferreo o despotismo ao throno,
Então hasteae ousados
Os pendões da sincera independencia.
Sim, da paterna casa
Salvae vós as reliquias, os thesouros,
Antes que os roube o monstro.

GARRETT, *Lyrica de João Minimo.*

## A GLORIA DE CABRAL

NO QUADRICENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Ha quantos, quantos dias proseguimos
N'este rumo sudoeste, e inda não vimos
Senão o mar e o mar,
E nem sequer uma, de tantas ilhas,
Que julgam n'elle haver, as nossas quilhas
Lograram encontrar!

A chusma já murmura impaciente:
Basta de navegar para o poente
N'este oceano sem fim;
Já d'ella com receio aos alvorotos,
A uma voz me perguntaram os pilotos:
Onde vamos assim?

É a India, não outra, a nossa rota;
Mais do que andar cumpria andou a frota
Para o cabo transpor;
Não a arrisqueis sem proveito;
Á India, á India pois d'aqui direito;
Attendei-nos senhor!

E na sua sciencia calumniam-me:
E, injustos, até mesmo pronunciam-me
Por vassalo infiel,
A mim, que tal affronta não mereço,
A mim, que só ás ordens obedeço
D'el-rei D. Manuel.

A India disse-me elle á despedida,
N'esta frota de tudo apercebida,
Impor o jugo vaes,
Mas da Guiné as calmas evitando,
Corre para o occidente navegando
Quanto poderes mais.

Talvez que, de caminho, descoberta
Seja por ti alguma terra incerta,
    Ou que ninguem sonhou,
Mais que Duarte Pacheco venturoso,
Que já mandei por esse mar undoso,
    E nenhuma avistou.

. . . . . . . . . . . . . . . . .

    Ao rumo d'esse Oriente
    Que m'incumbe el-rei buscar,
    D'esta miseranda gente
    É força a voz escutar,
    Adeus projectos queridos;
    Vejo-vos quasi perdidos;
    Breve sereis sombra vãn
    Que á India me tornaria
    Prometti-lhe d'hoje, a um dia
    Acabareis amanhã.

D'esta sorte Cabral assim falava
Da capitanea popa, só, velando;
E o céo e o mar ás vezes contemplava,
Como que o ceu e o mar interrogando;
Mas um e outro silencioso estava;
Té que de tanto imaginar cansando,
Presa afinal de desalento amargo,
Pendeu a fronte em intimo lethargo.

Entretanto unida a portugueza frota,
Ao resplandor das nitidas estrellas,
Continuando para o Oeste a rota,
Ao vento de feição largas as velas,
Seguia acautelada a via ignota,
Alerta no convez as sentinellas,
E na prôa, que as ondas dividia
Attento o marinheiro de vigia.

Aqui, alli para entreter as horas
Do quarto, alguns a turba circunstante
As descobertas narram tentadoras
Das caravellas do immortal Infante,
As calmas da Guiné abrasadoras,
Insoffriveis ao pobre mercante,
As tormentas, as fomes, os perigos,
As doenças, os povos inimigos.

Porém o que interesse mais reclama
De todos, é ouvirem a viagem
Que os companheiros do arrojado Gama
Contam, porque é de todos a miragem
A India, porque a India a todos chama.
E lhes incita a marcial coragem;
Assim que de escutal-os tão sómente,
Nas plagas se imaginam do Oriente.

Á India, á India! bradam. Só deixamos
Por ella quanto a gente mais estima;
Por ella nossa Patria abandonamos;
Por ella iremos ao mais longe clima,
Sem medo a privações como juramos;
Eis o desejo só que nos anima,
Não este mar correr, talvez sem termo,
Nunca jámais sulcado, ingrato e ermo.

Á India á região abençoada
Do luxo, do commercio, da riqueza,
Dos reinos do universo cubiçada,
E que fadou tão bella a natureza,
Á India, que será por nos domada,
Não resistindo á furia portugueza,
Á India, á India dentro em pouco iremos,
Que amanhã no seu rumo nos faremos.

N'esta pratica e n'outras consumiram
Impacientes a noite os marinheiros,
Até que despontar ao longe viram
Da aurora, que esperavam, os luzeiros;
E alegre o coração bater sentiram
Aos impulsos da gloria verdadeiros.
Só Cabral ainda á pôpa meditava,
Insensivel ao dia que assomava.

Mas quando o sol explendido
Emerge do horisonte,
Accorda do deliquio,
Desannuvia a fronte
E em si depara insolita
Nunca provada luz,

Que o despe das miserias
Da fraca especie humana,
Que um limpido reverbero
Da força soberana
Projecta em seu espirito
E a esp'rança lhe conduz.

Então de novo ás aguas
O olhar experto inclina,
E alonga-o té ao termino
Da liquida campina;
Porem nenhum phenomeno
Avizo lhe é do ceu.

Depois á azul abobada
Os olhos alevanta,
E nota uma ave mystica,
Bella, que nada espanta,
Voar, descer, da gavea
Poisar no mastareu.

Salvé, da terra nuncia,
Que a terra nos envia
Ou antes o alto empyreo,
A nos servir de guia!
Só eu te vi Prodigio!
Perdão, perdão Senhor!

Ramos Coelho, *Vespertinos.*

## SONETO HEROICO

### Á RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL EM 1640

Cesarões, Viriatos, Apimanos,
Vós, que brandindo vingadora espada,
Tentastes sacudir da patria amada
O vil, o ferreo jugo dos romanos:

Surgi, vede-a no sangue de tyrannos
Inda peores outra vez banhada,
E a nossa liberdade edificada
No estrago dos intrusos castelhanos:

Aos senhores do mundo armipotentes
Arrancastes em bellica porfia
Parte do louro, que lhe honrava as frentes:

Porém com milagrosa valentia
Os vossos memoraveis descendentes
Fizeram mais — livraram-se n'um dia!

Bocage.

## JOÃO DE BAENA

Logar para mais um! Que heroe não é sómente
O que batalhas vence, ou uma nação redime,
E na historia omitir um vulto saliente
É mais que ingratidão, e que injustiça: é um crime.

Silencio! Vae passar um nobre conjurado,
Que, se o arnez não vestiu, nem enristou a lança,
Soube, c'o sabio exemplo, e o voto auctorisado,
O throno sustentar ao Duque de Bragança.

Chama-se João Baena, ao seu poder pasmára
Salamanca, e lhe déra o doutoral capello:
E fora o portuguez, que a Hespanha condemnára
Como traidor, primeiro, ao barbaro cutello.

Quando o mestre de Aviz direitos apregoa,
No templo e no combate, ás turbas semi-cegas,
Quem lhe firmou na frente a disputada c'roa?
De D. Nuno e montante, ou a voz de João d'Aregas?

Quem poude mais então? Coimbra, ou Aljubarrota?
As côrtes? a batalha? o que venceu primeiro?
O sangue, que espadana, ou a logica que brota?
O verbo do tribuno, ou a espada do guerreiro?

Ambos! Responde a patria, imparcial e curva-se
Ante os dous filhos seus, illustres, legendarios;
E beija com fervor do seu sudario a fimbria
Como a Italia beijava a tunica dos Marios!

Sebastião Pereira da Cunha.

V

# ELEGIACOS, DIDATICOS E EXHORTATIVOS

*Podeis faser que cresça d'hora a hora*
*O nome luzitano, e faça inveja*
*A Esmirna, que d'Homero se engrandece,*
*Podeis faser tambem que o mundo veja*
*Soar na rude frauta o que a sonora*
*Cithara Mantuana só merece.*

CAMÕES, EGLOGA IV.

## PRECE

Erguei Senhor o meu entendimento,
Despertai a memoria adormecida,
Abrandai a vontade endurecida
No seu descuido vão, & cego intento.
Dai grande dor, grande arrependimento
De minha mal gastada larga vida,
N'est'alma, q̃ vossa ley tem offendida
Por obra, per palaura, & pensamento.
Renouay nella a bella imagem vossa
Na qual fez minha culpa tal estrago
Que té de fora mostra fealdade.
Tornailhe a dar a graça com que possa
O caminho deixar do stygio lago,
E seguir pello vosso da verdade.

Diogo Bernardes, *Sonetos.*

## OPPRESSÃO DE CASTELLA

Bebeo do nosso sangue quentes lagos
A terra d'alem mar, nós cá bebemos
De lagrimas tambem amargos tragos.
Não tenhas pera ty que não tivemos
Parte na comum dôr, que t'entristece,
Todos, Ribeyro meu, todos perdemos.
Rib. Segundo me respondes, bem parece
Que não estás no caso do que sinto,
Esse não he o mal, mas naceo desse.
Ho nosso Tejo vay de sangue tinto,
Tal vay o nosso Douro, tal o Lyma,
E vão inda pior do que te pinto.
Aquelle que mais pode não estima
Entrar por onde quer, saquea tudo,
Ho fogo traz na mão, a maça, & a lima.

Ho dono do curral ha de ser mudo,
  Se não quer, em soltando hũa só falla,
  Prouar com dãno seu, seu aço agudo.
Ho seu rouco metal nunca se calla,
  Parece que diz sempre, mata, mata,
  Despede ho ferro occo a mortal balla.
Tornar a soterrar o ouro, & a prata
  Nas entranhas da mãy pouco aproveita,
  Dally cobiça ho tira, ally ho cata.
Os mortos desenterra, não respeita
  Ao divino mais, que ao profano,
  Mas alguem dará disso conta estreita.
Ó desditoso povo Lusitano
  Quantos males padeces, quantos temes,
  Que no milhor te podem fazer dãno.
Fizestes já tremer, agora tremes
  Açoute foy do Ceo por teu castigo,
  O Ceu te cure a chaga de que gémes.
Não mestures cõnosco, olha que digo,
  A nossa, & de Jesus inimiga gente,
  Que muy pior será pera contigo.
Peçonho chimpará n'agoa corrente
  De que bebe o teu gado, & de que bebes,
  Teus campos çujará com má semente.
Mas tenho pera mim, que já recebes
  Angustia de m'ouvir, que no teu rôsto
  Enxergo ho que no animo concebes.

Diogo Bernardes, *Egloga XVII.*

## CARTA A EL-REI D. JOÃO III

Quem graça ante el-rei alcança
E hi falla o que não deve,
Mal grande de má privança,
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra bebe.

. . . . . . . . . . . . . . .

Homem de um só parecer,
D'um só rostro, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser
Mas de côrte homem não é.

. . . . . . . . . . . . . . .

Pena e galardão egual
O mundo direito tem,
A uma regra geral,
Que a pena se deve ao mal,
E o galardão ao bem,

. . . . . . . . . . . . . . .

Pensamentos nunca cheios
Não tem fundos aquelles sacos,
Inda mal, porque tem meios
Para viver dos mais fracos
E dos suores alheios.

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores,
Co'o nome e rostro d'honrados,
Andar quentes e forrados
Das pelles dos lavradores.
  E, senhor, não me creiaes
Se as não acham mais finas
Que as dos lobos cervaes,
Que arminhos, que zebelinas;
Custam menos, cobrem mais.
  Ah! senhor! que vos direi
Que acode mais vento ás velas;
Nunca se descuide o Rei:
Que inda não é feita a lei,
Já lhe são feitas cautelas.

Então tristes das mulheres,
Tristes dos orfãos coitados,
E a pobreza dos mesteres,
Que nem fallar são ousados
Diante os mores poderes.

. . . . . . . . . . . . . .

Francisco de Sá de Miranda.

## A ANTONIO PEREIRA

### Senhor de Basto

### CARTA II

. . . . . . . . . . . . . . .

Cégo da minha fadiga, —
Que em vão tantas razões gasta,
Que fazeis que vos obriga,
Deixar esta madre antiga
E ir buscar a madrasta?

Dos vossos nobres avós
As cruzes em sangue abertas
Vos poem obrigações certas,
Que não nas deixes cá sós
A ser do musgo cobertas.

O que porem não dirão,
Em quanto cá tem tal feira,
Como é a de um irmão,
Que não ouve, o nome em vão
Do grão Nun'Alvares Pereira.

*

Por toda esta grande Hespanha
Froais, que só iam chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do rei mouro a patranha
Mas vosso antigo solar.

Do qual não ha muitos annos
Um, que aqui Braga regeu,
Pondo á parte os longos pannos
Um passo dos Castelhanos
Á espada defendeu.

Ao reino cumpre em todo elle
Ter, a quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que é grande o peso com elle,
Mette o barco n'agua a prôa.

Francisco de Sá de Miranda.

## O MUNDO

Mundo se te conhecemos,
Porque tanto desejamos
Teus enganos?
E se assim te queremos,
Mui sem causa nos queixamos
De teus damnos.

Tu não enganas ninguem;
Pois que a quem te desejar,
Vemos que damnas;
Se te querem enganar,
Ninguem enganas.

Vejam-se os bens que tiveram
Os que mais em alcançar-te
Se esmeram;
Que uns vivendo, não viveram,
E outros só com deixar-te,
Descançaram.

Se esta tão clara fé
Te põe claros teus enganos,
Desengana:
Sobejamente mal vê,
Quem com tantos desenganos
Se engana.

Mas como tu sempre moves
No engano em que andamos,
E que vemos,
Não cremos o que tu podes,
Senão o que desejamos
E queremos.

Nada te pode estimar
Quem bem quiser conhecer-te
E estimar-te;
Qu'essa de perder ou ganhar,
O mais seguro ganhar-te
É perder-te.

E quem em ti determina
Descanço poder achar,
Saiba que erra;
Que sendo a alma divina,
Não a pode descançar
Nada na terra.

Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo;
O mais certo é merecer
Nós a vida conhecida,
Cá vivendo.

Em fim mundo, és estalagem,
Em que pousam as nossas vidas
De corrida:
De ti levam de passagem
Ser bem ou mal recebidas na outra vida.

CAMÕES, *Carta II.*

## FALLA DO VILLÃO

Os homens hão de seguir
a opinião geral,
porque já em Portugal
quem não costuma mentir,
não alcança um só real.

Que os homens verdadeiros
não são tidos nũa palha;
os que são mexeriqueiros,
mentirosos lisongeiros,
esses vencem a batalha.

Hi não haja merecer
nem servir com deligencia:
quem quizer ter que comer
trabalhe por aderencia,
haverá quanto quiser.

Vós outros que andais no paço
nunca vos falta desgosto,
e eu como são tosco
segundo a vida que faço,
não trocaria convosco.

Porque com duas sardinhas
fico eu mais satisfeito,
que vós com vosso desfeito,
nem com capões nem gallinhas;
não vos fazem mais proveito.

Gil Vicente, *Auto da Festa.*

(Obra desconhecida com uma explicação previa pelo Conde de Sabugosa S. A. R. S. L.)

## ... TUDO DÁ...

Dispe tudo, e veste nada
Toma nada, e tudo dá
Porque em nada tudo há.
Riquezas, gloria mundana
He gesto que mente e vôa.
Se anima mais engana
Mas por fim sempre magôa.

Miguel Leitão d'Andrade, *Dialogo*, v.

## O SONHO DE VIRIATO

Dormia Viriato entre a verdura
Sonhando com a guerra e seus extremos,
Que sempre em sonhos se nos afigura
O que mais desejamos, ou tememos.
Ver queria o successo da futura,
Porque sempre o futuro apetecemos,
Voando os annos, por phantasmas graves,
Via passar ligeiros como as aves.

Qual em pedra angular e cristalina
Que posta sobre os olhos, e com os dedos
Movida a modo de eixo, se imagina
Que vão rodando os valles e arvoredos;
Que um monte se levanta, outro se inclina
Que os campos vam iguaes com os rochedos
Matisados d'aquella Iris, d'aquellas
Cortinas celestiaes, illusões bellas.

Assim Viriato via em fantasias
Quantas guerras no mundo homens abraçam,
Via erguer e abater as monarchias
Que as monarchias, como os sonhos passam,
Via extranhas regiões, quentes e frias,
Que em novo mundo o sonho lhe embaraçam:
Todo o incognito vê, para que acabe
De ver, quanto pouco, quem mais sabe, sabe.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Vê por mui largos annos sustentada
A Monarchia de Arabes nocivos,
Mais que em valor, em união fundada,
Saudavel politica dos vivos.
Mas quando vio de Cordova e Granada
Entre bandos parciaes os reis lascivos
Soçobrados em vicios, lhes dizia:
Reina a delicia, acaba a Monarchia.

Vê logo Henrique, tronco venerando
De desasete reis, forte e guerreiro,
Cinco Affonsos, tres Joannes, um Fernando,
Um Diniz cauto, um Pedro justiceiro,
Dois Sanchos, um fortissimo, outro brando;
Um Duarte perfeito cavalleiro,
Um Manoel de memoria gloriosa,
E um Sebastião de lastimosa;

Vê que os ultimos reis, como afrontados
De os primeiros deixarem longe a guerra,
A vam buscar de santo zelo armados
Pelo mar, não cabendo já na terra;
E que quanto do athlante aos dilatados
Confins do mole Chim o mundo encerra,
Por junto d'agua, como hereditario
Fazem do patrio Reino tributario.

Mas quando vio de Septa a Moçambique,
Das ilhas ao Brazil, da China a Goa,
Das Molucas a Ormuz, de Salonique,
E Levante as delicias em Lisboa;
E que a Corôa erguida de um Henrique
Cahia em outro Henrique com corôa,
Com gran pezar e lastima dizia
Reina a delicia, acaba a monarchia.

Vê logo levantar a castelhana,
Fazendo-se no mundo tão temida,
No fracaço mortal da lusitana,
Por seus peccados, a seus pés cahida;
Vê nella a cifra da potencia humana,
Por muitos largos climas estendida,
Qual força regular d'estas d'agora,
Que a principal defensa tem por fóra.

Mas vendo a côrte a passatempos dada,
A festas e escuzados edificios,
Mui rica de ambição, pobre de armada
Deitar tributos e vender officios,
Toda adhencias, toda regalada.
E cheia de luxurias e de vicios,
Como a todas as mais, tambem dizia:
Reina a delicia, acaba a monarchia.

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

BRAZ G. DE MASCARENHAS, *Viriato Tragico,* Canto XV.

## «A LOUCA EMULAÇÃO SE VITUPERA»...

Que antiga é já no mundo, e que enganosa
A louca emulação que a tantos dana!
Que hypocrita, que nescia, que invejosa!
Quem mais presume, facilmente engana,
Que altiva, desabrida, escandalosa
Foi sempre a toda a gente lusitana!
Que antes se quer perder soberba e cega,
Que sogeitar-se a igual, que a mandar chega.

Da experiencia propria examinado,
Se em verdadeira conta entro comigo,
Chego a julgar do tempo castigado
Que este é da Patria o maior castigo.
Todo o homem que mandou, foi emulado;
Todo o que bem serviu, teve inimigo;
Metamos bem a mão na consciencia,
E acharemos que é falta de obediencia.

Tudo naturalmente reconhece
Perpetua vassalagem e senhorio.
Todo o animal tem rei de que estremece,
Rainha as aves que lhe humilha o brio.
As abelhas tem rei: tudo obedece.
A pedra ao cedro, ao salso mar o rio,
A nuvem ao vento, ao vasio o cheio,
A náo ao leme, o cavallo ao freio.

As cegonhas e gralhas se sogeitam
A uma que as governe e ponha em via;
Dormindo umas estam, e outras espreitam,
Sempre alguma ha de estar posta em vigia.
Sómente os homens muito mal aceitam,
Que os sojeite o poder, reja a maioria;
Todos querem mandar, todos reprehendem,
Mais emulando os que peor se entendem.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Lute quem sabe, quem não sabe aprenda,
Antes que sáia a publico terreiro,
Que quem aprende aonde se arrependa,
Não é de valeroso, é de grosseiro.
Aprender e mandar ninguem o emprenda,
Que é novo potro e novo cavalleiro,
E nasce d'este não saber regel-o,
O não saber aquelle obedecel-o.

Obedeçamos bem e saberemos
Ensinar e mandar, quando nos cabe;
Que, em guerra, quando a bem consideremos,
Quem sabe obedecer ensinar sabe.
Com emulações nescias acabemos,
Antes que seu contagio nos acabe,
Notando no presente quantos damnos,
Se iam causando a nossos Lusitanos.

Braz G. de Mascarenhas, *Viriato Tragico,* Canto V.

## O VALOR, O VALER E A VALENTIA...

O valor, o valer e a valentia
Se por derivação tem semelhança,
Na significação antipathia
Ou differença grande se lhe alcança;
Porque o valor consiste na ousadia,
O valer no dinheiro ou na privança,
A valentia em forças vigorosas,
Timidas umas, outras animosas.

Sem forças póde ser muito animoso
O velho, o debil, de que exemplos temos;
E pode um homem ser muito forçoso,
E ser cobarde, como em muitos vemos.
Muito vae de forçoso a valeroso,
Que homens de grandes forças conhecemos
Fracos entre os pelouros, porque logo
Reconhecem por mais valente o fogo.

Mas o valor foi sempre uma excellencia,
Que todas as Nações muito estimaram,
Bem que a faz mais illustre engenho e sciencia,
Muitos sem esta, nelle se illustraram.
Ensina-o claramente a experiencia
Das Nações, que mais letras abraçaram,
Porque todas vencidas se confessam
Do valor das que letras não professam.

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

Tais os Normandos foram com Inglezes,
E tal Italia, quando mais letrada,
Despojo foi dos impetos Francezes
Se Carlos oitavo arrancar a espada;
E tais nos vimos tais os Portuguezes
Depois de Lusitania alatinada;
Vencidos fomos, pouco mais vencemos,
Ganhamos letras e valor perdemos.

Alguns sabios romanos presentiram,
Ou por melhor dizer vaticinaram
A ruina do imperio, que anteviram
Nas muitas sciencias gregas, que abraçaram.
Da mesma sorte em Portugal luziram
As letras, com que as armas se eclypsaram,
Porque tanto que as sciencias floresceram
Os triumphos navaes emmurcheceram.

Não porque as letras ao valor humilhem,
Que letras, e armas juntas em um sogeito
Não duvida ninguem de que mais brilhem,
Um capitão fazendo mais perfeito;
Mas porque tiram, sem que maravilhem,
Donde periga, aonde satisfeito
Da grande quietação que as letras pedem
Foge das armas, porque a não concedem.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

De que serve o valor que não procura
As armas? E quem d'ellas o desterra
Seu sangue e patria affronta, que se apura
No fogo o ouro, e o valor na guerra.
Está no aventurar, o achar ventura,
Quem de terra não muda e fama enterra;
Porque o valor, que grandes feitos ama,
Se perde o premio, nunca perde a fama.

Braz G. de Mascarenhas, *Viriato Tragico,* Canto IX.

## LIBERDADE

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim) porque não raia
Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo que desmaia;
Oh venha... Oh... venha... e tremulo descaia
Despotismo feroz que nos devora.

Eia. Acode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha tudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e praser, ó Liberdade.

Bocage.

## LIBERDADE

Liberdade querida, e suspirada,
Que o despotismo acerrimo condemna;
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada

Attende a minha voz, que geme e brada
Por ver-te, por gosar-te a face amena;
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada:

Vem, ó Deusa immortal, vem, maravilha,
Vem, ó consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha:

Vem soltar-me o grilhão d'adversidade;
Do céos descende, pois do céos és filha,
Mãe dos prasceres, doce Liberdade.

Bocage.

## INOCENCIA

Miseranda Inocencia és nome abstracto,
És um titulo vão da humanidade;
Quando se envolve em sombras a verdade,
Quando soffres do crime o duro tracto:

Que importa que eu conserve o peito intacto
Das peçonhentas feses da maldade:
Que em cumprir tuas leis, ó probidade,
Fosse meu coração fiel e exacto?

Que importa se a calumnia m'o desmente,
Se o ser do parecer é tão diverso,
E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,
Ante o teu tribunal omnipotente
Socrates impío foi e eu sou preverso!

Bocage.

## DESPOTISMO

Sanhudo, inexoravel despotismo.
Monstro que em pranto, em sangue, a furia cévas,
Que em mil quadros horrificos te enlevas,
Obra da Iniquidade e do Atheismo:

Assanhas o damnado Fanatismo
Porque te escore o throno onde te enlevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas,
E sepulte a razão n'um negro abysmo:

Da sagrada Virtude o collo pisas,
E aos satelites vis da prepotencia
Dos crimes infernaes os planos gizas:

Mas apezar da barbara insolencia,
Reinas só no exterior, não tyranisas
Do livre coração a independencia.

BOCAGE.

## A VICTORIA E A PIEDADE

. . . . . . . . . . . . . . . . .

X

Perdoou, expirando, o filho do Homem
Aos seu perseguidores:
Perdão, tambem, as cinzas de infelizes;
Perdão, oh vencedores!
Não insulteis o morto. Elle ha comprado
Bem caro o esquecimento,
Vencido adormecendo em morte ignobil,
Sem dobre ou monumento.
É tempo d'olvidar odios profundos
De guerra deploravel.
O forte é generoso, e deixa ao fraco
O ser inexoravel.
Oh, perdão para aquelle, a quem a morte
No seio agasalhou!
Elle é mudo: pedil-o já não póde;
O dal-o a nós deixou.
Alem do limiar da eternidade
O mundo não tem réus,
O que legou a terra é pó da terra
Julgal-o cabe a Deus.

E vós, meus companheiros, que não vistes
Nossa triste victoria,
Não precisaes do trovador o canto;
Vosso nome é da historia.

Alexandre Herculano, *A Harpa do crente.*

## O SOLDADO VELHO

Eu sou soldado, e na guerra
Ganhei esta cicatriz,
Por defender minha terra,
E a honra do meu paiz.
Foi um bom golpe de espada!
Mas paguei a cutilada
Como soldado leal...
E agora cansado e velho,
Na chaga tenho um espelho
Do estado de Portugal!...

Oh se voltassem agora
Os tempos que já lá vão!...
Porem os feitos d'outr'ora,
Nunca jámais se verão!
Não que os antigos soldados
Morreram todos, coitados,
E ninguem, mais os lembrou!
A terra que hoje os consome
Vio, talvez, morrer á fome,
Quem de estranhos a livrou!

. . . . . . . . . . . . . .

Estão por terra as bandeiras
Que outr'ora plantei veloz,
Entre as balas extrangeiras,
Nos muros de Badajoz!

Lá, vi-as voando erguidas
Sobre as aguas destemidas
D'uma orgulhosa nação!
Ali, á voz da victoria,
Nós offuscámos a gloria
Do grande Napoleão!

Hoje, velho e mutilado,
Para que posso eu prestar?
Nem do meu brio passado
A mim me cabe fallar!
Se hoje a patria invillecida
Jaz do passado esquecida,
Devo chorar-lhe o seu mal,
Devo... e choro-lh'o deveras...
Nem maldigo as novas eras,
Nem o velho Portugal!

Sou portuguez! Tenho a crença
Dos portuguezes de lei!
Não entro na desavença
Nos que agridem povo e rei;
Porém não quero oppressores,
Nem governos de senhores
Que se dizem liberaes,
E que, aos que notam seu erro,
Por premio dão o desterro,
E a morte nos hospitaes.

O Camões era valente
Soldado como ninguem!
E, n'um tempo florescente,
Que paga teve tambem?

Se ainda ficou lembrado
Foi, por deixar levantado
O seu livro por tropheo,
Não teve outra recompensa
Alem d'essa gloria immensa
Que o segue da terra ao céo!

Oh minha terra adorada,
Desperta do teu dormir!
Acorda que é alvorada!
Caminha para o porvir!
Acorda não durmas tanto,
Que já faz teu somno espanto:
Cuidam que é somno mortal!
E os que te sabem da historia
Chamam-te sombra illusoria
Do que já foi Portugal!

Acorda, pobre captiva,
Aos brados d'um filho teu,
E ergue-te de novo altiva
Co'a força que Deus te deu!
Em torno as quinas sagradas
Mostra ás nações assombradas
Todo o teu povo de pé.
Se queres ter prosperidade,
Procura-a na liberdade,
No porvir, e em Deus tem fé!

Não tornes a dar ouvidos
Aos que só por ambição
Trazem teu povo em partidos
Brigando contra irmão;

E a esses táes pede contas
Das injurias, das affrontas,
Que te fizeram soffrer,
Pune seus maus desvarios
Mostrando que inda tens brios,
E és digna do teu poder.

Nunca mais, ó minha terra,
Consintas que um filho teu
Ouse expor-te a civil guerra
Por qualquer capricho seu!
Só tu deves ter o imperio
De expulsar do ministerio
Quem te não governe bem,
Mas nunca jámais te exponhas
A soffrer novas vergonhas
Para sustentar alguem.

Nunca mais... Cala-se o velho,
Com seu louco discorrer!...
Cria, como no evangelho,
Que tinhas algum poder,
Porém tu não podes nada...
Chamam-te forte, coitada
Para melhor te illudir,
E em teu nome, ó desditosa,
Quanta ignorancia vaidosa
Não ousa o povo opprimir!

Pobre de ti! Se acontece
Por-te a ferros um traidor...
Tambem teu nome padece
Dos extranhos o rigor!

Não se condemna o tyrano,
E, em vez de carpir teu damno,
Dizem que és rude nação,
Que o progredir não te agrada,
Que o teu povo se degrada
Supportando a escravidão!

E, n'este juiso injusto,
Condemnam-te sem te ouvir,
Até quando a todo o custo,
Caminhas para o porvir!
Embora o velho soldado,
Ha muito desenganado
D'extranhos e nacionaes,
Ha-de sempre como agora,
Até á ultima hora
Diser palavras leaes.

Não é a patria a culpada:
É quem para a governar,
Occulta ás vezes a espada;
E deixa a penna fallar.
Tudo quer os seus logares;
Mas se temos militares,
Deixal-os ir combater;
Deixem inda algumas vezes
Aos soldados portuguezes
Mostrar que sabem morrer.

Castigue-se a vil cubiça
Com que diversas nações
Nos tiram com injustiça
As longiquas possessões.

Ás armas, todos unidos!...
Se acaso formos vencidos,
Humilhemo-nos então;
Mas antes da experiencia,
Curvar fronte é demencia,
Ou falta de coração.

Perdoem quantos me ouviram
Tão duramente queixar!
Os annos que já fugiram
É doce a um velho lembrar.
Nasci em tempos melhores;
Mas, se os de hoje são peores,
Não vale perder-se fé;
Hoje não são os soldados,
Mas os governos honrados,
Que hão-de a patria por de pé.

A mim deixem-me ao meu canto
Esperar talvez em vão,
Que um dia um ministro santo
Se lembre de me dar pão...
Se não der... inda me resta
Um golpe immenso, que attesta
O que pela patria eu fiz;
Irei mostral-o, dizendo:
« Esmola a quem vae morrendo
Por amor do seu paiz! »

Francisco Gomes de Amorim, *Ephemeros.*

## «SOBERBOS, GRANDES DO MUNDO...»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Não nos matou a força de Castella,
foi a nossa fatal desunião;
sempre fômos bastantes para ella,
a historia o diz;
muitos crêram pequeno o seu paiz,
e ficámos escravos da ambição.

Quem espera venturas d'essa Hespanha
é louco!
Quem dum reino maior deseja a sanha
só por mostrar ao mundo maior vulto,
embora venda a patria pelo insulto
de ser um desleal, um mercenario,
deseja mal e pouco!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Soberbos grandes do mundo
este quadro é para vós!
Tenha remorso profundo
quem mancha a sombra de avós!

Faseis o mal sobre a terra;
em nome d'elles mentis!
Grandes na paz ou na guerra,
não podiam ser tão vis!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Negociantes de escravos!
desnaturados! villões!
que em troco de falsos brilhos,
ides vender vossos filhos
nos mais infames leilões!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-no em ti praças e ruas;
protectora de glorias extrangeiras,
despresadora só das que são tuas.

Chamam-te em vez de mãe, madrasta ingloria,
de genio que te pede amparo e vida;
emquanto lês com pasmo a alheia historia,
sem te lembrares... de que és suicida.

Dizem que te seduz traidora estrella,
egoista, fatal, vergonha infinda!
a lançar-te nos braços de Castella,
que tanto quiz matar-te e o espera ainda!

Seducção de ouropeis! soberba insana!
Patria, não posso crer por honra nossa!
quem prefere a libré palaciana
á pobre independencia d'uma choça?

Quem póde crer a Hespanha? Ó patria acorda:
não desdenhes o grito do alaúde,
que estalará por ti corda por corda,
que é portuguez fiel, embora rude.

Já te chamou amiga e foi mentira
a simples candidez com que te olhava;
a mascara cahiu n'uma hora de ira!
falsa, chamou-te irmão, e quiz-te escrava!

Seus protestos de amor são algazarras
de protestos de amor, de zombarias!
quando nos volve a mão mostra-nos garras,
e nos sauda ao som de artilheria!

Váe d'Alcantara, á ponte; a tua gloria
ennodoada foi n'esse recinto;
evoca a sombra vã, folheia a historia
do duque d'Alba e sabereis se minto.

Egoista perdido em teus anhelos
que as lições do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funerarias teve affrontas.

Arcos de Val de Vez, contai a ousada,
tigrina sanha da feroz Castella:
quantas hostes de heroes ceifou a espada,
quanto sangue leal correu por ella.

Falla tambem, Valverde, Aljubarrota,
Alla dos namorados tão brilhante;
falla, mestre de Aviz, conta a derrota
que pairava certeira em teu montante.

E dizem que é Lisboa a filha impura,
que invoca essa madastra detestavel.
Sobre o roto burel veste a armadura,
parte essa lousa e surge, ó condestavel!

Accorda a patria e vê que é pesadelo
o sonho de ignominia que ella sonha;
sopra-lhe na alma o quasi extincto zelo;
salva o teu Portugal desta vergonha.

Egoista perdido em teus anhelos
que as licções do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funenarias teve affrontas.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Na Hespanha é tudo alegria:
riso e vinho, e ouro e festa,
em toda a parte a folia!
« ISTO » é triste, « ISTO » não presta.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Horas depois raiava a liberdade,
e passavam dos dobres funerarios
a repiques de festa os campanarios
sobre todos os templos da cidade.

Era o MEZ DE DEZEMBRO. Emfim desperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao céo, ao largo!
chovia-lhe o maná no seu deserto!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Que mais querem de nós? após tamanha
galhardia de algoz, ébrios de gloria,
apagaram acaso a luz da historia?
não lêem seus feitos? que nos quer a Hespanha?

Quer insultar a lapide funerea
que pesa sobre vós, heroes de Ourique!
Estremecei de horror, filhos de Henrique!...
Repercuti meu canto, echos da Iberia!

T. Ribeiro, *D. Jayme.*

## O ESPECTRO DE NUN'ALVARES

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Nada valem tenções, nem vale a prece:
É das obras que vem á creatura
O galardão e a pena que merece.

Não accuso de ingrata a sorte dura;
Volvo-me contra mim unicamente
Em meu desassocego e má ventura.

Tamanino inda eu era, inda inocente,
Alma candida e pura, como a rosa
Aberta junto d'agoa ao sol nascente

Quando uma noite uma visão fermosa
Me apparece e me diz com voz divina,
Ao mesmo tempo clara e mysteriosa:

«Li numa estrela d'oiro a varia sina
Que a esforçadas, magnanimas emprezas
E a feitos não obrados te destina.

«Mas que valem altissimas grandezas,
Mas que valem as pompas e as victorias,
Se a mundano desejo andarem presas?!

«Só da fé, só do bem quedam memorias;
Tudo o mais é poeira, um vão ruido,
Uns tumultos de sombras illusorias...

«Cavalleiroso coração ardido
A grande termo levará seus feitos,
Quando ponha em Jesus alma e sentido.

« Melhor que duro arnez, defendem peitos
Virtude adamantina e graça clara,
Com que Deos abroquela os seus eleitos.

« Sê casto como a luz beijando a seara,
Firme qual entre as ondas o rochedo,
Manso como ovelhinha em pedra d'ara.

« E, como o sol d'Abril veste o arvoredo,
D'armas resplandecentes, vestirás
O teu corpo d'heroe, viçoso e lêdo.

« Só pela Patria e Deos batalharás.
De tua larga mão caiam na terra,
N'um gesto grande a beatitude e a paz.

. . . . . . . . . . . . . . . . . .

« Seja neve dos pincaros da serra
Teu limpo coração, bondoso e humano,
Quer na tranquilidade, quer na guerra.

« A tirania ao fim pune o tirano.
Contra o injusto volta-se a injustiça,
E a maldade é aos máos que faz o dano.

« Arreda para longe o odio e cobiça;
Contra fero inimigo um bravo alento,
Contra amargura e dor alma submissa.

Viva dentro da carne o pensamento,
Na pureza da virgem confinada
Dentro da cela branca d'um convento.

E a carne exultará transfigurada,
Qual a nuvem escura n'um ceo ligeiro,
Em lhe batendo a luz da madrugada.

De tal guisa, vencendo-te primeiro,
A todos vencerás como um leão,
Formidavel e nobre cavalleiro.

E de Christo e da patria em defenção
Brilhará tua lança como um raio,
Mandará tua voz como um trovão.

G. JUNQUEIRO, *Patria.*

## HYMNO

Ninguem fique a lembrar, persistente,
As saudades dos tempos volvidos;
Longe os prantos, os ais, os gemidos,
Sobre aquillo que foi, mas não é!
O passado é lição, é modelo;
Cumpre tel-o vivaz na lembrança,
Para dar-nos alentos de esperança,
E inspirar-nos palavras de fé!

Haverá, quem n'um lance de dados
Já pensando que a patria agonisa,
Trate só de jogar-lhe a camisa,
E deixal-a despida na cruz!
Vendilhões e feirantes modernos,
Sejam expulsos, em mostra de exemplo,
Como os outros o foram do templo,
Pelo açoite immortal de Jesus!

E se houver quem da patria renegue,
— Coração pelas Furias mordido, —
Quem mais duro, que duro bandido,
Rasgue o seio da mãe a punhal;

Monstro informe, que, livido, a frio,
As cruezas de Nero renova...
Não encontre na patria uma cova,
Onde durma o descanço final!

FERNANDES COSTA, *Hymno do Centenario da India.*

## «TEM DE VIVER NO TEMPO INDEFINIDO...»

Os que a patria exaltaram portugueza,
E quebraram, com brava galhardia,
A maritima força de Veneza,
E a fortuna da grande Alexandria.

Os que o globo da terra devassaram,
E dando um mundo novo ao mundo velho,
Das columnas herculeas ao Vermelho,
O negro continente recortaram.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Os que foram do Tejo ao Malabar,
Levando no regaço a paz e a guerra,
Chamar á vida, despertar a terra,
Do somno seu, profundo e secular,

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Esses, que para erguer a patria historia,
Foram tratar emprezas immortaes,
D'onde se volta pela mão da Gloria,
Ou d'onde nunca se voltou jámais.

Esses, que emquanto andavam completando
Não vistos feitos, épicas acções,
Já o céo lhes estava destinando
A lyra inimitavel de Camões.

Os homens grandes, cuja obra immensa
Deviam memorar, no tempo alem,
— Refulgente prodigio de Arte e Crença, —
As naves portentosas de Belem!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Pois da aguia, que os reis d'outr'ora viram,
Na terra inteira, as azas extendendo,
As aguias, d'hoje em dia, andam colhendo
As pennas, que das azas lhe cahiram!

Quem havia de ver o que se viu?
Agora, é Prometheu acorrentado,
Por famintos abutres devorado,
Na montanha da Gloria a que subiu!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Não tem direito, ninguem tal o diga,
A abandonar-se n'um dormir profundo,
Quem, tão grande passado, a tanto obriga,
Quem tal papel desempenhou no mundo!

Um povo que se preza, não descança
Nem á sombra dos loiros conquistados;
A gloria é grande, mas pesada herança:
Mantel-a pura, deve dar cuidados.

O preceito deixamos esquecido,
Embalados em vagas illusões;
Hoje vemos um céo de inquietações,
Por sobre as nossas almas extendido.

A gloria é armadura reluzente,
Que veste os peitos e rebrilha ao sol;
Não é fria mortalha, nem lençol,
Que corpo envolva d'hum heroe jacente.

A gloria é um deposito sagrado;
Quem o deixa fugir, por mal seguro,
As maldições merece do futuro,
Mostrando ser indigno do legado.

Ainda o mesmo génio em nós palpita,
O mesmo sangue, em nossas veias, corre;
Somos o rijo povo, que não morre!
Pois, se morto parece, resuscita!

E a raça, que ascende a tal grandeza,
Não póde figurar entre as nações
De mãos ligadas, amarradas e presas,
Á columna das proprias tradições.

Tem de viver no tempo indefinido,
Em voz alta affirmando o seu direito
De povo, que entre os povos escolhido,
Aos povos, seus irmãos, impõe respeito.

E tu, que és mãe bondosa, Patria amiga,
Sê madrasta cruel, altiva e dura,
A todo o filho que de ti mal diga...
Nem descanço lhe dês de sepultura!

Pois não merece a luz que o alumia,
E que o berço lhe veste de esplendor,
Quem o nome de patria pronuncia,
Sem, lá no fundo, estremecer de amor!

FERNANDEZ COSTA, *Viagem da India.*

Patria, patria! As cemitarras
Torceste! Quebraste as garras
Das Aguias e dos Leões!...
Mantem, defende, teus lares
Té aos Indicos palmares
Ergue, altiva, os teus brazões.

## PORTUGUEZES COM HESPANHÓES

. . . . . . . . . . . . . .

### III

A politica nefasta
De novo surprende... arrasta
Quasi á morte Portugal!

. . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . .

Mil seis centos e quarenta
Resurge — bella incruenta,
Esta gloria occidental!...

P'ra oppor á alheia insania,
Sempre a antiga Lusitanea
Teve um — Castello Melhor;
E, em mil cercos e batalhas,
Bronze os peitos e muralhas
— Marialvas, Villa Flor.

Elvas, Porto, Almeida, Abrantes,
— Sentinellas vigilantes
D'uma á outra geração —
Pelá patria independencia
Hão de ser na resistencia
Qual foi Diu ou Mazagão.

. . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . .

Lá volta o leão d'Hespanha,
Das fronteiras á montanha,
Com rugidos infernaes!...
Mas... ao pôr a garra adunca,
Em cada pedra lê — Nunca...
No cerro em fogo — Jamais...

E a fera, tão destemida,
Já recua — espavorida —
Dos muros de Portugal;
Quem retrucou aos Inglezes,
Quem váe bater os francezes
Tem um ministro — o Pombal.

. . . . . . . . . . . . . . . .

IV

Nas quinas luso-bourbonicas
As aguias Napoleonicas
Vem cravar garras hostis!
Mas, em breve ensanguentadas,
Lh'as deixam despedaçadas
Do Bussaco os alcantis.

Té aos muros de Tolosa
Foge a Aguia bellicosa!...
Amor patria faz heróes.

. . . . . . . . . . . . . . . .

Façanhas, glorias, perigos,
Ligam — eternos amigos,
Lusos, bretões e hespanhoes.

Da peninsula os soldados
Foram sempre celebrados...
E, emquanto o globo durar,
Tradicções, hymnos, memorias,
Hão de cantar as victorias
Da guerra peninsular.

Ambições de predominio
Trazem guerras de exterminio
— Duras tremendas licções!...
Disse-o a Roma Lusitanea;
Á França dil-o a Germania;
Á Europa os Napoleões.

V

. . . . . . . . . . . . .

Aniversarios de gloria
São diamantes da Historia;
Ai do povo que os não tem!
E, quando em paz os festeja,
Não ha motivos d'inveja,
Não se injuria ninguem.

Portugal, só com o seu braço,
Conquistou tão grande espaço,
Que não quer, nem sonha mais;
Aos visinhos nada inveja,
Conservar — e em paz — deseja
Santa herança de seus paes.

Portugal enchia a terra!...
Deu Tanger á Inglaterra,
Deu Bombaim!... largou Fez!...
Lá tendes vós Olivença!...
Portugal, hoje, só pensa
Em ser sempre — portuguez.

*

Da Peninsula os cantores
Celebram hoje os primores,
Timbre dos nossos avós...

. . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . .

Naufragos, folgae!... um porto,
Guarida, paz e conforto,
Nosso lar é para vós.

Nos plainos d'Aljubarrota
Á Hespanha coube a derrota,
O triumpho a Portugal...
Honra e gloria ao condestavel,
Peló valór — indomavel!...
Pela virtude — immortal!...

Salvé, D. João Primeiro!
Que este tecto hospitaleiro
Deixaste firme e de pé!...
Heis vel-o no futuro
Mais forte, firme e seguro;
— Nosso querer, nossa fé.

. . . . . . . . . . . . . .

Patria, patria! As cemitarras
Torceste! Quebraste as garras
Das Aguias e dos Leões!..
Mantem, defende, teus lares!
Té aos Indicos palmares
Ergue, altiva, teus brazões.

A. A. d'Andrade e Almeida, *Poesias patrioticas.*

## PALAVRA DE UM PORTUGUEZ

Palavra de um portuguez
Valia como escriptura:
Da barba cabelos trez
Hypotheca era segura
Quando o grande Castro o fez.

Palavras hoje aos milhões,
Não faltam... isso é verdade...
Mas vê-se tremer sezões,
Quem teve tanta bondade
Que emprestou os seus tostões.

No castelo de Faria
Sustentou leal soldado
Essa herdada valentia,
Com que um cidadão honrado
A vida á Patria offer'cia.

Soube n'Africa o Menezes,
Soube n'India o Mascarenhas,
Mostrar ao mundo mil veses,
Que eram mais firmes que penhas
Os peitos dos portugueses.

. . . . . . . . . . . . . . .

Do bom Faria a firmesa
Faz hcje morrer de riso.
Imbecil por naturesa
Cuidava o pobre sem siso
Achar na morte a nobresa.

Que parvo! Se se entregára
Com jeitinho aos castelhanos.
Talvez dinheiro alcançára,
Com que rico aos lusitanos
Para outra vez se passára.

Com estes passos e trespassos
Descobriu-se um grande interesse
Os heroes são os cachaços,
Que onde dinheiro apparece
A honra lhes cáe nos braços.

Sopre o norte com excesso,
Sopre o sul, leste ou poente,
É bom vento, e bom successo.
Quem crava melhor o dente
Toca a meta do progresso.

Ao antigo Portugal
Parece estar bem provado
Quanto o louvor caía mal...
Que é tontura ser honrado
Sem n'isto ganhar real.

VISCONDE DE AZEVEDO.

## O SANTO NA ALDEIA

Passava por muito má,
De crimes, de vicios cheia,
Certa aldeia.
Para lá
Se muda um Santo,
Como sei os tem havido
E ainda os ha.
Visital-o
E lastimal-o

Foi um tartufo com pranto,
Por elle se haver mettido
Em covil pecaminoso.
Ao que responde, bondoso,
O verdadeiro christão:
— « Irmão
Deixemos a Deus
Os cuidados
De abrir os olhos a quem
Assim os quer ter fechados
Para não fitar os céos.
Cada qual de nós porem
Cumprindo os deveres seus
Aos grandes e aos pequenos
Saiba bons exemplos dar.
Havemos de ambos lograr,
Sem enfado nem clamores,
Tenho fé,
Que esta aldeia desgraçada,
Pelo menos
Não seja escandalizada
Por dois grandes pecadores,
Que somos — eu e você. »

Quem quer o mundo emendar
Deve por si começar.

V. DE S.TA MONICA, *Fabulario*. Fab. 91.

## A AGUIA

— « Porque tamanhas alturas
Procuras
Ao ninho teu? »
Á aguia se perguntou,
Ao que logo respondeu
— « Com os meus filhinhos estou

Alli mais perto do céo;
Pois os pretendo educar
A voar
Mais alto ainda do que eu,
Se o poderem:
Não para que degenerem
Acostumando-se ao chão
Os resultados se esperam
Como for a educação.

V. DE S.TA MONICA, *Fabulario*. Fab. 107.

## CONSELHOS PATERNOS

Filhos, sede leaes,
Honestos bons e crentes,
Co'os fracos indulgentes,
Co'os pobres liberaes.

Poupae ao triste os ais,
A pena aos innocentes,
E marchae diligentes
Ao fim que aspiraes.

Fazei por construir
No vosso lar um templo,
No amor um evangelho;

E procurae seguir
Nem sempre o meu exemplo
Mas sempre o meu conselho.

CHRISTOVÃO AYRES.

## VERDADE

Feliz do que poder á hora derradeira,
Volvendo extremo olhar á vida que passou,
Dizer: — «Bem vinda a paz! Liberta da poeira,
Minha alma dou a Deus, qual Deus m'a confiou.

A morte não assusta a consciencia pura;
Quem cumpre o seu dever, não sente vão terror;
E, se outra vida existe alem da sepultura,
Eu nella posso entrar seguro e sem pavor.

Não deixo atraz de mim as lagrimas e lucto;
Não fui calumniador; não diffamei ninguem;
Amei sempre fiel; e da virtude o fruto
Na caridade achei, fazendo sempre o bem.

A luz que me alumia esta hora derradeira,
É a luz da rectidão, que sempre me guiou;
Bem vinda, pois, a morte. E, livre da poeira,
Minha alma entrego a Deus, qual Deus m'a confiou.

F. Gomes de Amorim.

## AMAR EM NÓS OS OUTROS...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

O meu verbo era a propria Voz Divina
Homem feito Evangelho em gesto e olhar,
Eu ensinei o que Jesus ensina...

E disse ao Homem:
—É preciso amar,
Em nós, os outros; e, nos outros, Deus:
Sermos fontes, corrermos para o Mar...

Olha os meus olhos, para eu ver os teus.
— Trazendo dentro em nós o Mal e o Bem,
Trazemos dentro em nós o Inferno e os Céus.

É de todos a Terra, é nossa Mãe:
Amando-a, pelo amor que lhe tiveres,
Não a faças madrasta de ninguem.

Vida é Amor: não morras sem vivêres...
O mal que te fizerem, perdoando,
Vinga-o no bem divino que fizeres.

Ai da alegria transitoria, quando
Custou alheia dôr: é como a aurora
Que vem da noite, — á noite regressando.

É como o eterno mar o olhar que chora
De amor. O riso, apenas é um vulcão:
Cinzas de logo, a chama e a luz de agora!

Pensa: interroga, ausculta a escuridão:
— Mas embellesa e ameiga o pensamento
Na comovida luz do coração.

Pensar é bom. Melhor o sentimento.
— A vida morre para viver mais:
É como a aragem transformada em Vento.

De onde tu vens, é para onde tu váes:
Pois amar é vivêr, — andar em frente, —
É retornar ás Fontes imortáes!

É pelo amor que se liberta a gente:
O amor é como um sonho, dando ao sono
Da vida um longo vôo ancioso e ardente...

Tu não és dono da tua alma; dono
Não és da luz ou ar que se respira:
— Porque possues a terra, erguendo um throno?

Não mintas! A Verdade é mar; Mentira
É fumo d'agua em enganosa bruma:
Nuvem que volta ao mar d'onde sahira...

Não vivas em praser, — mas vive alguma
Natural Alegria: busca a Onda;
Não busques, no praser, o lôdo e a espuma

Procura, em ti, a luz que em ti se esconda:
Se chamares a Deus, — na tua voz
Has de ouvir uma Voz que te responda...

Não tenhas medo á solidão: a sós
Com a tua alma, em ti absorto e imerso,
Em ti nos sentirás a todos nós.

Não vivas para ti: mas sê, disperso
Na unidade de quanto te rodeia,
O universo a viver para o Universo.

Ama a Vida, da estrêlla ao grão de areia.
Faz da Bondade a tua religião,
Recebe, como propria, a dôr alheia.

Trabalha! Á terra que te der o pão
Cerca-a de rosas, enche-a de bellêsa...
Sê bom, e livre, e bello, e forte, e são.

A. Corrêa d'Oliveira, *Auto das quatro estações.*

# VAIDADE

Porque te creou Deus, Vaidade? Ó creadora
de tanto sentimento d'onde germina o mal...
Porque vieste ao mundo, ó serpe tentadora
que enroscada na alma, és tanta vez fatal?

Sem ti, quanto melhor não era a humanidade!
Por ti, perde e cae velhice e juventude,
e impavida tu vaes corrompendo a amizade,
atraiçoando o amor, esmagando a virtude.

A tua luz, Vaidade, é luz de perdição:
cega e não illumina, abrasa, e não aquece.
Como é grande o poder da tua seducção!
Como por teu amor tanto dever se esquece!

Pois se pela atracção dos teus rutilos brilhos
se chega a renunciar a doce paz do alem,
se chega a olvidar até os proprios filhos,
se chega a renegar até a propria Mãe!

Tu Vaidade, és tão má, que até á criancinha
estendes o teu fél. Quando lhe chamam feia,
ella estremece, dóe-se... e chora, coitadinha!
e a sua alma infantil, n'esse momento odeia!

Mas com todo esse mal, esse dom perversor,
na tua luz se abraza a inteira humanidade.
Até eu, que te odeio, eu, que te tenho horror,
adormeço comtigo, ó inclita Vaidade!

GIESTA, *Inedito.*

## PELA PATRIA

Ouve, meu filho: cheio de carinho,
Ama as Arvores, ama. E, se puderes,
(E poderás: tu podes quanto queres!)
Vai-as plantando á beira do caminho.

Hoje uma, outra amanhã, devagarinho,
Serão em fructo e em flor, quando cresceres.
Façam os outros como tu fizeres:
Aves de abril que vão compondo o ninho.

Torne fecunda e bela, cada qual,
A terra em que nascer: e Portugal
Será fecundo e belo, e o mundo inteiro.

Fortes e unidos, trabalhae assim...
— Pátria, não é mais do que um jardim
Onde nós todos temos um canteiro.

A. CORREIA D'OLIVEIRA, *A alma da Arvore.*

VI

# ROMANCES, TROVAS E CANÇÕES

*Cavar pelas minas de fundas verdades*
*é nobre fadiga:*
*mas contos contados de edades a edades*
*teem forças de encantos, que a todos obriga.*

A. F. de Castilho.

# CANCIONEIRO DA AJUDA

## Pero da Ponte

Se eu podesse desamar
a que *(n)* me sempre desamou,
e podess' algum mal buscar
A quen me sempre mal buscou!
Assi me vingaria eu,
se eu podesse coita dar
a quem me sempre coita deu.

Mais *(sol)* non poss'eu enganar
meu coraçon, que m'enganou,
porquanto me fez desejar
a quen me nunca desejou.
E por esto non dormio eu,
e porque no posso coita dar
a quem me sempre coita deu.

Mais rog'a Deus que desampar
a quen m'assi desamparou,
vel que podess'eu destornar
a quen sempre me destornou.
E logo dormiria eu,
se eu podesse coita dar
a quem me sempre coita deu.

Vel que ousass'eu preguntar
a que me nunca preguntou,
porque me fez en si cuidar,
pois ela nunc' em mi cuidou,
E por este lazeiro eu:
porque non posso coita dar
a quen me nunca coita deu.

DO MESMO

Senhor do corpo delgado,
 en forte pont'eu fui nado!
que nunca perdi cuidado
nem afan, des que vos vi,
 En forte pont'eu fui nado,
 senhor, por vós e por mi!

 Con est'afan tan longado
 en forte pont'eu fui nado!
que vos ame sem mau grado
e faço a vos pesar i.
 En forte pont'eu fui nado
 senhor, por vós e por mi!

 Ay eu, captiv'e coitado!
 en forte pont'eu eu fui nado!
que servi sempre ondeado
onde um ben nunca prendi.
 En forte pont'eu fui nado,
 senhor, por vós e por mi!

C. DA AJUDA. *Edição critica e commentada por Carolina Michaelis de Vasconcellos. Halle. A. S. 1904.*

## CANCIONEIRO PORTUGUEZ DA B. VATICANA
## JUYÃO BOLSEIRO

Aquestas noytes tam longas
que Deus fez em grande dia
por mi, porque as não dormo
e por que as nõ fazia
no tempo que meu amigo.
soya falar comigo.
Porq̃ as fez Deus tam grandes nom posso eu
dormir coytada e de como som sobejas

quizera eu outra uegada
no tempo q̃ meu
amigo soia falar comigo
porque as deus fez tam grandes sem mesura
desregraes e as dormir io posso
porq̃ as no fez arraaes no tempo
que meu amigo
soia falar comigo

MONACI, *Il canzonieri portoghesi della bibliotheca Vaticana.*

## JOHAM JOGRAR, MORADOR EM LEOM

Os namorados que trobam d'amor
todos deviam gram doo fazer,
et nom tomar em si nenhum prazer,
porque perderam tam boo senhor
com'o el-rey Dom Denis de Portugal,
de que nom pode dizer nenhum mal
homem, pero seja profaçador.

Os trobadores que poys ficarom
en o seu regno et no de Leon,
no de Castela, no de Aragon
nunca poys de sa morte trobarom;
e dos jograres vos quero dizer
nunca cobrarom panos nem aver,
et o seu bem muito desejaram,

Os cavaleiros e cidadãos
que d'este rey aviam dinheiros,
et outro si donas e escudeiros
matar-se deviam com sas maoos,
porque perderam a tam boo senhor,
de que eu posso en bem dizer sem pavor
que nom ficou d'al nos christãos

E mais vos quero dizer d'este rey
et dos que d'el avyam bem fazer,
deviam se d'este mundo a perder
quand elle morreu, por quant'eu vi et sey;
ca el foi rey a fama mui prestador
e sabroso, e d'amor trobador,
tod'o o seu bem dizer nom poderey
Mays tanto me quero confortar
em seu neto que o vay semelhar
em fazer feitos de mui sabio rey.

Monaci *Il canzioneri,* etc.
**Edição portugueza de Th. Braga.**

## CANCIONEIRO DE EL-REI D. DINIZ

### El Rei D. Diniz

Que razom cuidades vos, mha senhor
dar a Deus, quand ant'el fordes, por mi
que metades, que vos nom mereci
outro mal se nom que vos ei amor,
aquel maior que vo-l'eu possa aver;
ou que salva lhi cuidades fazer
da mha morte. pois per vos morto for?

Ca na mha morte nom a *i* razom
boa que ant'el possades mostrar;
desi nom o er podedes enganar
ca el sabe bem quam do coraçom
vos eu am'e *que* nunca vos errei;
e porem, quem tal feito faz, bem sei
que em Deus nunca pód achar perdon,

*

Ca de pram Deus nom vos perdoará
a mha morte, ca el sabe mui bem
ca sempre foi meu saber e meu sem
em vos servir; er sabe mui bem *ja*
que nunca vos mereci por que tal
morte por vós ouvesse; porem mal,
vos será quand'ant'el formos alá.

Lição de H. R. Lang. *(Das Llederbuch des Konigs Denis von Portugal. Halle A. S. 1825).*

## DEL RREY DOM PEDRO A HUMA SENHORA

Mays dyna de ser seruida
que senhora d'este mundo,
vos soes o meu deos segundo,
vos soes o meu bem d'esta vida.

Uos soes aquela que amo
por vosso merecymento,
com tanto contentamento
que por uos a my desamo.
A vos soo he devyda
lealdade neste mundo,
pois soes o meu deos segundo
& meu prazer d'esta vyda.

### OUTRA SUA

Honde acharaño folguança
meus amores,
honde meus grandes temores
segurança!

Tristeza nam daa luguar,
menos conssente rreçeo,
temor me faz sospirar,
mudança faz que nam creo.
D'outra parte esperança
daa favores,
sem averem meus amores
segurança.

G. DE REZENDE, *Cancioneiro,* ed. de Stuttgart.

## TROVAS CANTADAS EM VIDA DO CONDESTAVEL

O gram condestabre
Em o seu Mosteiro
Da-nos sua sopa
Mai-la sua ropa
Mai-lo seu dinheiro.

A bençom de Deus
Cahio na caldeira
De NunAlves Pereira
Que abondo cresceo
E todolo deo.

Se comer queredes
Non bades alem
Don menga non tem
Ahi lo comeredes
Como lo bedes.

## TROVAS CANTADAS «DEPOIS DO SEU FELICE TRANSITO»

« Com muito prazer e folgança á roda donde soterrado estava »

| | |
|---|---|
| Guia só | No me lo digades, nones |
| | Qye santo é o Conde |
| e depois todos | O gram Condestabre |
| | Nunalves Pereira |
| | Defendeo Portugale |
| | Com sua bandeira |
| | E com seu pendone. |
| Todos | Non mem lo digades, none. |
| Guia só | Na Aljubarrota |
| | Levou a vanguarda, |
| | Com braçal e cota |
| | Os castelhanos mata |
| | E toma o pendone. |
| Todos | No me lo digades none. |
| Guia só | Com sua chegança |
| | Filhou Badalhouce |
| | Sem usar davença |
| | Entrou sua Torre |
| | E poz seu pendone. |
| Todos | No me lo digades, none |
| Guia só | Dentro de Valverde |
| | Venceo os Castelhanos, |
| | Matou bons, e maos |
| | So com a sua hoste, |
| | E seu esquadrone |

Todos No me lo...

. . . . . . . . . . . . . .

Doos dias post do Pentecoste
O Restelho, e todolos d'esa banda
com velaõ d'arroba

Huma voz Santo condestabre
Bone Portugues
Conde darraiolos,
De Barcellos, dorem

Todos Santo...
Bone...
. . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . .

Huma voz Por faison da Patria
Todo esto lo fez
Mata aos castelhanos
Salva a nossa grei.

Todos E mais otra bez
E mais otra bez.

Huma voz Non me lo digades
Quabando lo sey
Librou as obelhinhas
Do Leo de Castel

Todos E mais otra bez
E mais otra bez.

Dia de Santo Johanne de Junio,
Sacavem, Camarate, Unhos, Catejal,
Povoa e mais pertenças com azeite.

Huma voz — Do Restello a Sacavem
Nem ningola nom niguem
Tem semelho ao Condestabre
Que lo prouge, e que lo praze
Ho fazernos tanto bem

Todos — E bem, e bem.

Huma voz — O rapaz das coberturas
Que morreo e cahe para traz,
Ja non vai a sepultura,
Que outra vez vive o rapaz
E ho Condestabre le fizo bem.

Todos — E bem, e bem.

Huma voz — Á filha de Joanna Estés,
Que finou por non ma mar
Ao do moinho do cubo
Que finou por se afogar
Viventa o Condestabre tambem

Todos — E bem, e bem.

Huma voz — O mal daquella Alfayata
A gran dor de Lopes Afons,
Non les chega aos corações
Que o Conde Santo los guarda
Y todo por fazer bem.

Todos — E bem, e bem.

| | |
|---|---|
| Huma voz | E bem Condestabre santo<br>Cobrinos cõ vosso manto,<br>Cõ vosso manto de Gáles<br>Defendimente dos males<br>E feganos muito bem. |
| Todos | E bem, e bem. |

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

PADRE JOSÉ PEREIRA SANTANNA. *Chronica dos Carmelitas.*

## CARTA DE EGAS MONIZ COELHO A SUA DAMA

| | |
|---|---|
| Bem satisfeita ficades,<br>Corpo doiro;<br>Alegrade a quem amades<br>Que ei ja moiro. | Bem satisfeita ficaes,<br>Corpo de oiro,<br>Alegrae a quem amais<br>Que eu já moiro. |
| Ey bos rogo bos lembredes<br>Que bos quige,<br>A que dolos nonabedes<br>Que bos fige | Mas peço que vos lembreis<br>Que vos quiz,<br>E, que penas não haveis<br>Que vos eu fiz. |
| Cambastes a Portigal<br>Por Castilha,<br>Abasmades o mei mal,<br>Que dor me filha. | Trocastes a Portugal<br>Por Castella,<br>E levais-me alma — inda mal<br>Que dor hei n'ella. |
| Grainhaime por Castijanos,<br>E pestineque,<br>Achantaisme biente enganos,<br>Que me seque | Deixaes-me por Castelhanos...<br>Negra sorte.<br>E teceis-me mil enganos<br>Por me dar morte. |

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante,
Longe be sextro agoiro
Por diante.

Bos bibede um centanairo
Mui garrioso,
Que ei me boi para o trintario
Lagrimoso.

Hah se a bossa remembrança
Ei bier,
Dizei: Egas, tem folgança
Hu xiquer.

A se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros,
Retouçado na morulha
Os meis marteiros.

Quando ouvides papear
O Castejon
Lembrebes lhe fige dar
Já de cotom.

Ah que vos quige e requige,
Como ber,
A nunca coisa bos fige
Desprazer.

Nem bos podo maes fallar
Qua non fallejo,
Que bem podedes asmar
Qual ei sejo.

Vedes moiro, vedes moiro,
Violante,
Longe vá o sestro agoiro
Por diante.

Vos vivei um centenario
Mui ditoso,
Que eu me vou para o trintario
Lagrimoso.

Se um dia a vossa lembrança
Eu vier,
Dizei: Egas, tem folgança
Dizei sequer.

Quando ao meu enterramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar.

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desengano
Lhe fiz já dar.

Ah que vos quiz e requiz
Como o ver...
E em coisa alguma vos fiz
Desprazer.

Não vos posso mais fallar,
Bem me fino...
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino.

| | |
|---|---|
| Tenho todo o arcaboiço<br>Sem feiçon,<br>Mas ei bos bejo e oiço<br>No coraçom. | Tenho todo o arcaboiço<br>Sem feição,<br>Mas inda vos vejo e oiço<br>No coração. |
| Bedes me boi descaindo<br>Nesta hora,<br>Bos amor ficade rindo<br>Muito embora. | Vede já vou descaindo<br>N'esta hora...<br>Vós, amor, ficae-vos rindo<br>Muito embora. |

Apocrypho. (?)
Lição moderna de Garrett.

## MIRAGAIA

### CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tam formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrellas de oiro
Quem n'as podera contar.

Quantas folhas ha no bosque,
Areias quantas no mar?...
Em tantas lettras se escreve
O que Deus mandou guardar.

Mas quai do homem que se fia
N'essas lettras deciphrar.
Que a ler no livro de Deus
Nem anjo póde atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
Foi causa de elle a roubar.

Disse-lhe que pelos astros
Bem lhe podia affirmar
Que Zahara, a flor da belleza,
Lhe devia de tocar.

E o rei veio de cilada
D'alêm do Douro passar,
E furtou a linda moira,
A irman d'Alboazar.

A Milhor, que é terra sua
E está na beira do mar,
Se acolheu com sua dama
De mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,
Não se póde consolar;
Deixal-a por essa moira,
Deixal-a com tal dezar!

E a noite é escura cerrada,
Noite negra sem luar...
Ella sósinha ao balcão
Assim se estava a queixar:

« Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito máo pezar,
Em que te errei d'alma ou corpo,
Que fiz para tal penar?

« Diz que é formosa essa moira,
Que te soube infeitiçar...
Mas tu dizias-me d'antes
Que eu era bella sem par.

« Que é môça, na flor da vida...
Eu, se ainda bem sei contar,
Ha tres que tinha vinte annos,
Fil-os depois de casar.

« Diz que tem os olhos pretos,
D'estes que sabem mandar...
Os meus são azues, coitados!
Não sabem senão chorar.

Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaia... Que acertar!
Eu fiquei sem alegria,
Ella a flor não torna a achar.

« Oh! quem podéra ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fôra já direita
A esse moiro Alboazar...

Palavras não eram ditas,
Os olhos foi abaixar,
Muitos vultos acercados
Ao palacio viu estar;

— « Peronella, Peronella,
Criada do meu mandar,
Que vultos serão aquelles
Que por alli vejo andar? »

Peronella não responde;
Que havia de ella fallar?
Riccas peitas de oiro e joias
A tinham feito calar.

A rainha que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sette moiros cavalleiros
A foram logo cercar;

Soltam prégas de um turbante,
A bôcca lhe vão tapar;
Tres a tomaram nos braços...
Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa
Nenhum veiu a seu chamar;
Ou peitados ou captivos
Não n'a podem resgatar.

São sette os moiros que entraram
Sette os estão a aguardar;
Não fallam nem uns nem outros
E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
Parece aos outros mandar...
Junctos junctos, certos certos,
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
Vão correndo sem cessar,
Pelos montes trote largo
Por valles a desfilar.

Nos ribeiros — peito n'agua,
Chape, chape, a vadear!
Nas defesas dos vallados
Up! salto — e a galgar!

Vae o dia alvorecendo,
    Estão á beira do mar,
Que rio é este tão fundo
    Que n'elle vem desaguar?

A bocca já tinha livre,
    Mas não acerta a fallar
A pasmada da rainha...
    Cuida ainda de sonhar!

— « Rio Doiro, rio Doiro,
    Rio de máo navegar,
Dize-me essas tuas aguas
    Aonde as fostes buscar;

« Dir-te-hei a perola fina
    Aonde eu a fui roubar.
Ribeiras correm ao rio,
    O rio corre a la mar.

« Quem me roubou minha joia,
    Sua joia lhe fui roubar...
O moiro que assim cantava
    Gaia que o estava a mirar...

Quanto mais mirares, Gaia,
    Mais formoso o has de achar.
« Que de barcos que alli veem!
    — Barcos que nos veem buscar. »
« Que lindo castello aquelle!
    — É o do moiro Alboazar.

CANTIGA SEGUNDA

Rei Ramiro, rei Ramiro,
    Rei de muito máo pezar,
Ruins fadas te fadaram,
    Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,
O que não tens cubiçar!...
Zahara, a flor dos teus cuidados,
Já te não dá que pensar.

A rainha, que era tua,
Que não a soubestes guardar,
Agora morto de zelos
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aquelles
Doiro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E elles mansinho a remar!

Cozeram-se com a terra,
Lá se foram encostar;
Entre os ramos dos salgueiros,
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:
Onde irá n'aquelle andar?
Leva bordão e esclavina,
Nas contas vae a rezar.

Inda a nevoa, tolda o rio,
O sol já vem a rasgar,
Pela encosta do castello
Vae um romeiro a cantar:

— «Sanctiago de Galliza,
Longe fica o vosso altar:
Peregrino que lá chegue
Não sabe se hade voltar.»

Na encosta do castello
    Uma fonte está a manar;
Donzella que está na fonte
    Pos-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,
    A jarra cheia a deitar:
« Bemdito sejaes, romeiro
    E o vosso dôce cantar!

Por estas terras de moiros
    É maravilha de azar,
Ouvir cantigas tam santas,
    Cantigas do meu criar.

« Sette padres as cantavam
    Á roda de um bento altar,
Outros sette respondiam
    No côro de salmear,

« Entre vespera e completas,
    E os sinos a repicar.
Ai triste da minha vida
    Que os não oiço já tocar!

E as rezas d'estes moiros
    Ao démo as quizera eu dar. »
Ouvireis ora o romeiro
    Resposta que lhe foi dar:

— Deus vos mantenha, donzella,
    E o vosso cortez fallar:
Por estas terras de moiros
    Quem tal soubera de achar!

Por vossa tenção, donzella,
Uma reza hade rezar
Aqui ao pé d'esta fonte,
Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,
Oh! que sêde de matar!
Que Deus vos salve, donzella.
Se aqui me deixaes sentar. »

Sente-se o bom do romeiro,
Assente-se a descansar.
Fresca é a fonte, doce a agua,
Tem virtude singular:

D'outra não bebe a rainha
Que aqui m'a manda buscar
Por manhanzinha bem cêdo,
Antes do sol aquentar. »

— Doce agua deve de ser,
De virtude singular:
Dae-me vós uma vez d'ella,
Que me quero consolar.

« Beba o peregrino, beba
Por esta fonte real,
Cantara de prata virgem,
Tem mais valor que oiro tal.

Dona Gaia que diria,
Que faria Alboazar
Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?...

« Inda era noite fechada
    Meu senhor foi a caçar !
Máos javardos o detenham,
    Que é bem ruim de aturar !

Minha senhora, coitada,
    Essa não tem que fallar :
Quem já teve fontes de oiro
    Prata não sabe zelar.

Pois um recado, donzella,
    Agora lhe heis de levar ;
Que o romeiro christão
    Lhe deseja de fallar.

Da parte de um que é já morto,
    Que morreu por seu pezar,
Que á hora de sua morte
    Este annel lhe quiz mandar.

Tirou o annel do dedo
    E na jarra o foi deitar :
— Quando ella beber da agua
    No annel ha de attentar.

Foi-se d'alli a donzella.
    Ia morta por fallar...
— Anda cá ó Peronella,
    Criada de meu mandar.

Tua ama morrendo á sêde
    E tu na fonte a folgar?
« Folgar não folguei, senhora,
    Mas deixei-me adormentar,

Que a moira vida que eu levo
Já não n'a posso aturar,
Ai terra da minha terra,
Ai Milhor da beira-mar!

Aquella sim que era vida,
Aquillo que era folgar!
E em santo temor de Deus!
Não aqui n'este peccar!»

— «Cal'te, cal'-te, Peronella.
Não me queiras attentar;
Que eu a viver entre moiros
Me não vim por meu gostar.

Mas já tenho perdoado
A quem lá me foi roubar;
Que antes escrava contente,
Do que rainha a chorar.

Forte christandade aquella,
Bom era aquelle reinar!
Viver só, desamparada,
Ver a moira em meu logar!...

Lembrava-lhe a sua offensa,
Está-lhe o sangue a queimar;
Na agua fria da fonte
A sêde quiz apagar.

A fonte de prata virgem
Á bocca foi a levar,
As ricas pedras do annel
No fundo viu a brilhar.

— « Jesus seja co'a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder dentro n'agua,
E ella fria de nevar!

« Senhora, co' esses feitiços
Me tomara eu imbruxar!
Foi um bemdito romeiro
Que á fonte fui encontrar.

Que ahi deitou esse annel
Para prova singular
De um recado que vos trouxe,
Com que muito heis de folgar.

— « Venha já esse romeiro
Que lhe quero já fallar:
Embaixador deve ser
Quem traz presente real.

CANTIGA TERCEIRA

Por Deus vos digo, romeiro,
Que vos queiraes levantar;
Minhas mãos não são reliquias,
Basta de tanto beijar!

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhe quer largar:
Os beijos uns sobre os outros,
Que era um nunca acabar.

Ia a enfadar-se a rainha,
Viu que entrava a soluçar,
E as lagrimas, quatro a quatro,
Nas mãos sentia rolar;

— « Qué tem o bom do romeiro,
Que lhe dá tanto pezar ?
Diga-me lá suas penas
Se lh'as posso alliviar.

— « Minhas penas não são minhas,
Que aos mortos morre o penar;
Mas a vida que eu perdi
Em vós podia encontrar.

Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pezar!
Que uma rainha christan
Feita moira vim achar...

— « Romeiro, não tomeis cuita
Por quem se não quer cuitar:
Do que foi já me não lembro,
O que sou não me é dezar.

Deus terá dó de minha alma,
Que meu não foi o peccar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe ha de tomar. »

— Pois não espereis, senhora,
Por Deus, que pode tardar:
Dom Ramiro aqui o tendes,
Mandae-o já castigar.

Em pé está Dom Ramiro,
Já não ha que disfarçar:
Aquellas barbas tam brancas
Cahiram de um empuxar.

O bordão e a esclavina
A terra foram parar:
Não ha ver mais gentilezas
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles
Com que o ella está a mirar:
Quem passou já transes d'alma
Como ella está a passar?

Um tremor que não é medo,
Um sorriso de enfiar.
Vergonha que não é pejo,
Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e vêm
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar:
Assim perdoa elle e vive,
Ella não — que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos.
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,
O gosto de triumphar
N'um coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
　　C'os seus no monte a caçar,
Ella só n'aquella torre...
　　Prudencia e dissimular!

Abre a bocca a um sorriso
　　Doce e triste — de matar!
Tempera a chama dos olhos,
　　Abafa-a por mais queimar.

Poz na voz aquelle encanto
　　Que, ou minta ou não, é fatal;
E com o inferno no seio,
　　Falla o ceu no seu fallar.

Já os amargos queixumes
　　Se embrandecem no chorar,
E em sua propria justiça
　　Com arte finge afrouxar.

Protesta a bocca a verdade:
　　— Que não hade perdoar...
Mas a verdade dos labios
　　Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
　　Alli se estava a humilhar,
Supplica, roga, promette...
　　Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina,
　　Se ouviu ao longe tocar...
A rainha mal podia
　　O seu prazer disfarçar:

Escondei-vos, Dom Ramiro,
Que é chegado Alboazar,
Depressa n'este aposento...
Ou já me vereis matar.»

Mal a chave deu tres voltas,
Na manga a foi resguardar;
Mal tirou a mão da cotta,
Que o rei moiro vinha a entrar:

Tristes novas, minha Gaia,
Novas de muito pezar!
Primeira vez em tres annos
Que me succede este azar!...

Toquei a minha bozina
Ás portas, antes de entrar,
E não correste á ameias
Para me vêr e saudar!

Muito mal fizeste amiga,
Em tam mal me costumar;
Não sei agora o que fazes
Em me querer emendar...

No coração da rainha
Batalhas se estão a dar
Os mais estranhos affectos.
Que nunca se hão de encontrar:

O que foi, o que é agora...
E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
E gosto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
    Deviam de triumphar,
Que era em peito de mulher
    Que a batalha se foi dar.

« Novas tenho e grandes novas,
    Amigo para vos dar:
Tomae esta chave e abride,
    Vereis se são de pezar. »

Com que ância elle abriu a porta
    Vista que foi encontrar!...
Palavras que alli disseram,
    Não n'as saberei contar;

Que foi um bramir de ventos,
    Um bater de aguas no mar,
Um confundir ceo e terra,
    Querer-se o mundo acabar.

Vereis por fim o rei moiro
    Que sentença veio a dar:
— « Perdes-te a honra, christão;
    Vida, quero-t'a deixar.

De uma vez, que me roubaste,
    Muito bem me fiz pagar;
Desta basta-me a vergonha
    Para de ti me vingar. »

Sentia-se el-rei Ramiro
    Do despeito devorar;
Com ar contricto e affligido;
    Assim lhe foi a fallar:

Grandes foram seus peccados,
Poderoso Alboazar;
E taes que a mercê da vida
De ti não posso acceitar:

Eu não vim a teu castello
Senão só por me entregar,
Para receber a morte
Que tu me quizeres dar;

Que assim me foi ordenado
Para minha alma salvar
Por um santo confessor
A quem me fui confessar.

E mais me disse e mandou,
E assim t'o quero rogar,
Que, pois foi publica a offensa,
Publico seja o penar:

Que ahi n'essa praça d'armas
Tua gente faças juntar;
Ahi deante de todos
A vida quero acabar.

Tangendo n'esta bozina,
Tangendo até rebentar;
Digam todos que isto virem,
E lhes fique de alembrar:

Grande foi o meu peccado,
No mundo andou a soar;
Mas a sua penitencia
Mais alto som veio a dar.»

Quizera-lhe o bom do moiro
Por força alli perdoar;
Mas se a pêrra da rainha
Jurou de á morte o levar!...

Veis na praça do castello,
Toda a moirana a ajunctar;
Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas leguas á roda
Reboava a bozinar.

Se o ouvirão nas galés
Que deixou á beira-mar?
Decerto ouviram, que um grito
Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

Sanctiago!... Cerra, cerra!
Sanctiago, e a matar!
Abertas estão as portas
Da tôrre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para as velar...
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar.

De um tropel de leonezes
Já portas a dentro a entrar.
Deixa a bozina Ramiro,
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
  Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
  Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou captivo,
  Já o castello está a queimar;
Ás galés com seu despôjo
  Se foram logo a embarcar.

— Voga, rema! d'além Doiro
  Á pressa, á pressa a passar,
Que já oiço alli na praia
  Cavallos a relinchar,

Bandeiras são de Leão
  Que lá vejo tremular.
Voga, voga, que alem Doiro
  É terra nossa!... A remar!

D'aqui é moirama cerrada
  Até Coimbra e Thomar.
Voga, rema, e d'alem Doiro!
  D'aquem não ha que fiar.

Á poppa vae Dom Ramiro
  De sua galé real
Leva a rainha á direita,
  Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos
  Leva n'agua... sem olhar,
E como quem de outras vistas
  Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
    Ou não vem n'isso a attentar;
Já vão a meia corrente,
    Sem um para o outro fallar.

Ainda arde, inda fumega
    O alcaçar de Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
    Triste se poz a mirar;

As lagrimas, uma e uma
    Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
    Correm... sem ella as chorar.

Olhou el-rei para Gaia
    Não se pôde mais callar;
Cuidava o bom do marido
    Que era remorso e pezar.

Do máo termo atraiçoado
    Que com elle fôra usar
Quando o entregou ao moiro
    Tam só para se vingar.

Com voz enternecida
    Assim lhe foi a fallar
— Que tens Gaia... Minha Gaia?
    Ora pois! não mais chorar,

Que o feito é feito... « E bem feito ».
    Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora n'uns prantos
    Que parecia estalar;

E bem feito, rei Ramiro!
Valente acção de pasmar!
Á lei de bom cavalleiro,
Para de um rei se contar!

Á falsa fé o mataste...
Quem a vida te quiz dar!
Á traição... que de outro modo,
Não és homem para tal.

Mataste o mais bello moiro,
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e christãos
Nunca mais não terá par.

Perguntas-me porque chóro!...
Traidor rei, que hei de eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu podêr vim parar.

Perguntas-me o que miro!
Traidor rei, que hei de eu mirar?
As torres d'aquelle alcaçar
Que ainda estão a fumegar.

Se eu fui alli tam ditosa,
Se alli soube o que era amar,
Se alli me fica alma e vida...
Traidor rei, que hei de eu mirar!

— «Pois *mira Gaia!* E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
*Mira, Gaia,* que esses olhos
Não terão mais que mirar!

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fóra empuxa o corpo...
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso, inda agora
Memoria está a durar;
*Gaia* é o nome do castello
Que alli Gaia fez queimar:

E d'alem Doiro, essa praia
Onde o barco ia a aproar
Quando bradou — « Mira, Gaia! »
O rei que a vae degollar.

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem — MIRAGAIA
D'aquelle fatal mirar.

GARRETT, *Romanceiro.*

## A SENHORA DA NAZARETH

### XACARA

(D. FUAS ROUPINHO)

IV

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Manhãs frescas de setembro
Quando o orvalho está a cair,
Frescas manhãs de setembro
Quem as pudera dormir!
Durma-as el-rei nos seus paços,

E o pastor no seu redil,
As aves nas suas folhas,
As feras no seu covil:
Com as damas os seus maridos;
Cada qual segundo a si;
Que para os tristes monteiros...
Taes somnos não os ha ahi!
Em luzindo a estrella d'alva,
E ainda antes do seu luzir,
Dom Fuas Roupinho alcaide
Das mantas os faz sair.
Voam corceis e sabujos;
Apupa, apupa clarim;
Que esta sina de fragueiros
Não tem descanço nem fim.
Tremei, gandaras e montes,
Ó feras, fugi, fugi;
Que logo... nem pés ao gamo,
Nem val' furia ao javali;
Se se lhes valer a nevoa,
Que maior nunca se viu!
Indo todos lá perdidos,
Bozina ao longe se ouviu...
Bozina do alcaide é ella!
Vai a chamar... e a fugir!
Tras o som correi, cavalos,
Em quanto se puder ouvir;
Nem caminhos nem atalhos,
Rasgar fragas e alcantis,
Que este apupar de Dom Fuas
É de correr javalis.
Tudo ia em redemoinho...
Homens, corseis e mastins,
Ladridos, brados, relinchos,
Fragor de armas e clarins!
E encontro donde o som vinha
Ás cegas era o seu ir;

E a bozina era já perto...
Quando cessou de se ouvir!
Pararam todos á escuta;
E estando a escutar assim,
Sentiram perto o mar fundo
Quebrar com muito motim.
Rompeu-se com o sol a nevoa,
E ao resplendor que luziu,
Sobre penha, que duzentas
Braças pende ao mar, se viu
Um cavalo! e o bom Dom Fuas,
Que o remessa até ali,
Salta por terra, clamando:
« Por ti, Senhora, é por ti »
Prostrou-se humilde e deu graças,
Depois benzeu-se e surgiu,
E ora ouvireis que palavras
Aos monteiros proferiu.

V

« Entre este grande rochedo,
Donde eu me ora ia a perder,
E ess'outro, não menos grande,
Ambos ao mar a pender,
Uma pobre ermida é posta,
Sem ninguem della saber,
Senão eu, que por acaso
Um dia a cheguei a ver.
Nossa Senhora é lá dentro,
Mui, gentil no parecer,
Com o filhinho nos braços,
Que não quer adormecer,
Os anjos a lá poriam,
Ou monge de bom viver;
Ou quiçá trouxe-a um desejo

De estar seus mares a ver.
Nunca a ninguem falei nella,
Nem ousei de a demover,
Que no semblante lhe via
Como estava a seu prazer.
Ali pois se esconde aquella
Senhora de grão poder,
Entre estas penhas que vedes
Ambas no mar a pender,
Como um relicario ao collo,
Duma piedosa mulher,
Que entre os peitos resguardado
Refoge de aparecer.
Com judas traidor no inferno
Sepultado quero ser,
Se não foi aquella Virgem
Que ora me veio valer,
Andando vinha eu sózinho,
Sem me de coisa temer;
Com a nevoa não via as ondas,
Não as ouvia bater.
Surge-me alem um veado;
Traz elle parto a correr;
Mas nem sabujos alcançam,
Nem lança o pode romper,
Quanto o mais sigo, mais voa!
Satanaz deveu de ser,
Que por caçar caçadores
Se quiz veado fazer.
E andou na escolha acertado
Quando bruto assim quiz ser,
Que a unha rachada e galhos
Não teve que se esconder,
Elle corria, eu corria,
E a nevoa sempre a crescer;
Eu a apupar aos monteiros,
E ninguem a aparecer.

Vinhamos como dois raios!
Vejo-o desaparecer...
Ouvi-lhe o baque nas ondas...
Quiz o cavalo reter...
Rendo-me atraz, puxo as redeas...
Mas com furia de correr
Já tinha as mãos sobre o abismo,
A arquejar e se torcer...
E já os pés resvalam,
E estrebuchava a se erguer,
E ia a baquear... « Virgem » brado:
« Valha-me o vosso poder »!
O mais vistes vós, que o sol
Acabava de romper;
Nem maravilha mais certa
Não creio que a possa haver »
Tendo isto ouvido, os monteiros,
Cheios de grande prazer,
Á cova em tropel se foram
Graças á Virgem render.

ANTONIO F. DE CASTILHO, *O outono.*

## NÃO

. . . . . . . . . . . . . .

Á vos do Eterno em Ourique
Portugal se fez Nação;
Á moirisma poz um dique,
A Castella bradou — « não ».

Nem Castella nos vencia,
Nem nos vencia Aragão!
Da Galliza a Andaluzia
Toda a Hespanha ouvia — « não ».

El-Rei Fernando, o Primeiro,
Reinar quiz no povo irmão!...
Ás ambições de guerreiro
Os dois povos clamam — « não ».

Na batalha do Salado,
Folha a folha, o Alcorão
Por nós ambos foi rasgado...
Irmãos sim — Iberia não.

Tudo esquecem!... n'um momento
Nos invade o turbilhão...
Vem-lhes peste... desalento
E Deus manda: « Iberia não ».

Em batalha memoravel
O grande rei D. João
Ganha fama perduravel,
Firma de vez este não;

Os castelhanos derrota,
Ergue um soberbo padrão!...
Salve! heroes d'Aljubarrota!
Alto Castella!... mais não.

Condestavel — o invencivel —
Tem das glorias o condão!...
Quanto louro immarcescivel
Cada folha nos diz: — não.

D. Manuel — afortunado
Desde a Europa ao Indostão —
Em Toledo proclamado,
A fortuna diz-lhe: não.

Ultramar gloria! thesouro!
Alcacer Kibir — baldão!...
Eis Camões com penna d'oiro,
Gravou indelevel não.

Tres Filippes! — decadencia...
Sessentannos d'opressão!
Resistindo á prepotencia,
Portugal segreda — « não ».

Ávante, Pinto Ribeiro
— Heroe da Restauração —
Ergue a voz; e o Reino, inteiro
Corre ás armas, jura: não

As Vilhenas, as Lencastres,
Armando os filhos estão;
« Chora a patria mil desastres...
Eia! Á luta! Hespanhoes... não ».

Mal da patria a voz echoa
Nos salões de D. Antão...
Do Tejo ao Indo resoa
Este brado ingente: não.

Pelos montes, pelas selvas,
D'Iberia ruge o Leão;
Mas pára nas linhas d'Elvas,
Todas fogo, a troar — não.

De Trancoso e Montes Claros,
D'Aljubarrota o brasão,
Com sangue d'heroes preclaros,
Tem gravado: « Iberia não ».

Eis no seculo dezenove
Rompe a lava do vulcão!
Toda a Europa se commove!...
Nós dizemos não; e é — não.

Em campanha sanguinosa
Fomos com a espada na mão,
De Badajoz a Tolosa,
Gravar nas muralhas — não.

Hão dito milhões de vezes
Sob'ranos, povo, — nação:
« Sempre, sempre portuguezes;
« Hespanhoes... Iberia! — não ».

Eis D. Fernando segundo
Rei, artista e cidadão —
Dá um exemplo novo ao mundo:
« Tres sceptros... Iberia — não ».

Nobre filho da Germania,
Rende a Lyzia o coração...
« Principe na Luzitania...
Rei na Iberia!... não, não, não ».

Historia, philosophia,
Humanidade e razão
Qual outr'ora é hoje em dia
Tudo, tudo, a clamar — « não ».

. . . . . . . . . . . . . .

Eis a historia, o facto, a lenda...
E a quem olvide a licção,
Mil canhões, com voz tremenda,
Repitam mil vezes — não.

A. A. d'Andrade e Almeida, *Poesias patrioticas.*

## CANÇÃO DO SOLDADO E CÔRO

### O Soldado

Minha Mãe, jurei bandeiras,
Agora serei soldado.
Agora irei para a guerra
N'algum navio embarcado.

Apartado de quem amo,
Tinha de ser minha sorte
Não ter metade da alma
Á hora da minha morte.

Vou-me embora, digo adeus,
Más despedidas as minhas...
As lagrimas serão muitas,
As palavras poucochinhas:

Adeus terra onde joguei
O jogo dos meus amores...
A quem me atirou pedrinhas
Só pude atirar com flores.

Adeus ó torre da egreja,
Lá pelo ar assubida,
Para ensinar o caminho
Á gente que anda perdida.

Adeus cypreste do adro
Com a rama pequenina,
Abrigo do Senhor Cura
Quando ensinava a doutrina.

Adeus ó fonte chorosa
Com seu carvalho enramado,
Onde fui tomar amores
De que agora ando tomado.

Adeus Senhora da Guia,
Onde não hei de tornar.
Teus olhos me sejam guia
Nas terras d'alem do mar.

Senhora da Nazareth,
Ao pé do Vouga sagrado,
Se lá não fôr para o anno
Ou sou morto, ou desterrado.

. . . . . . . . . . . . . .

CÔRO

Triste soldado que váes
Correr venturas na guerra,
Talvez tu não ouças mais
Os sinos da tua terra.

O SOLDADO (mais longe):

Ai triste do que andar
Por longe, cheio de magua,
Tendo fome do seu pão
E sêde da sua agua.

Ser fiel ao seu amor,
Fiel á sua bandeira,
Dois juramentos unidos,
Rosas da mesma roseira...

Côro

Se fôres o porta-Bandeira,
Soldado que váes á guerra,
Nem que te cortem os braços
Não na deixes ir a terra.

O Soldado

Bandeira das Cinco Chagas,
Se Deus a visse no chão,
Viria do céo á terra
Erguel-a por sua mão...

A. Corrêa d'Oliveira, *Auto do fim do dia.*

# EXPROBAÇÕES

---

## Exemplos para sempre

(Prosas em additamento)

# Discurso de Phebo Moniz

ao

## Cardeal Rei,

### nas Cortes de Almeirim

---

#### Excerptos

. . . . . . . . . . . . . . .

... Peza-me muito chegarem as nossas cousas a taes termos, que, ou havemos de desesperar do remedio d'ellas, ou, se o procurarmos, ha de ser com molestia de Vossa Alteza;... e pois Vossa Alteza me quiz para este logar, hade-me dar licença para dizer livremente, o que entendo e convem ao serviço de Vossa Alteza e bem d'esta terra... Não sou eu homem, que se haja de dobrar por ameaças nem medos, porque mais pode em mim o receio de faltar um pouco á minha obrigação, do que tudo que no mundo ha; e assim, Senhor, não sei, para que me fizestes cá vir, se quereis dar o reino a Castella e se julgastes, que eu seria n'isso consentidor, vos enganastes, não sei quem me desacreditou comvosco, que infamou tanto a minha honra e lealdade, Senhor! Só eu vos pareci digno de me fazeres ministro de tamanho estrago de Portugal! E, se de mim o suspeitastes, hoje mostrarei ao mundo o vosso engano, e quanto hei de estimar, soffrer antes de perder a vida pelo serviço da patria, do que ir contra o bem d'ella...

E Vossa Alteza poderá fazer d'este corpo o que quizer, que em seu poder está, mas na alma não tem jurisdicção; nem ella virá nunca a dar tal consentimento. E não cuide Vossa Alteza,

que esta opinião é só minha: é de todo este reino... e, se os que andam a par de Vossa Alteza, e lhe aconselham o contrario, se despissem de suas pretenções e não quizessem alcançar commendas... tambem seriam do mesmo parecer, mas não me espanto de não haver quem aconselhe a verdade, porque a grandeza da terra é propriedade do estado real, porque os principes mais andam cercados de lisongeiros que de amigos, que de vassalos verdadeiros... e se alguem há, que falle verdade, o tomaes tão mal, que a uns tiraes das eleições, e a outros depois de eleitos, e a outros suspendeis os officios...

Como poderá Vossa Alteza extinguir uma nação, que os reis seus antecessores trabalharam tanto por ennobrecer, um reino que elles ganharam aos inimigos da nossa santa fé?... Porque quereis que vos estalle o reino nas mãos? Não vê Vossa Alteza a nodoa que põe em seu nome? Aonde se dirá com honra, que se entregou este reino a Castella por temor de se defender do seu poder?...

Pelas lagrimas dos orphãos, que vivem das esmolas do reino, e de seu rei natural, pelo remedio dos fidalgos, que ides entregar a um rei extranho, pelas necessidades das viuvas, pelas miserias dos pobres, peço-vos senhor, que conserveis este reino na liberdade, em que os reis vossos antepassados, puzeram; representae ante vossos olhos, que todos comigo dão vozes: a quem nos deixaes, senhor! Porque nos captivaes?... aonde nos levaes? Clama o povo, clama a vossa consciencia, clama a justiça, a razão — e os nossos clamores hão de chegar ao céo! Dae-nos liberdade, e se vos parecer, que a não merecemos, tirae-nos juntamente a vida, para que com ella se acabe juntamente o nosso captiveiro; que antes queremos, os verdadeiros portuguezes, entregar de boa vontade a vida, do que perder a liberdade.

Discurso proferido nas côrtes de Almeirim aos 11 de Janeiro de 1580 exhortando D. Henrique á defesa de Portugal contra Castella.

MEMORIAS HISTORICAS PERTENCENTES AO C.AL REI.
*B.ca da A. R. S. L.*

# Carta do Conde de Soure

ao

# Duque de Aveiro

---

. . . . . . . . . . .

... As obrigações que V. Exc.ª deve ao seu nascimento, clamam todas contra a resolução que tem tomado. O tempo e a occasião mostrarão ao mundo, que tem V. Exc.ª o partido de Castella por mais seguro, e que procura um principe extrangeiro para se livrar dos perigos, que ameaçam o principe natural...

Pergunto se V. Exc.ª teve a causa de Portugal por menos justa como a seguio vinte annos? Como jurou fidelidade áquelles principes, como os conheceu por tantos actos de obediencia; e se teve o seu dominio por justificado, como o desampara agora?

Supponhamos que apparece hoje no mundo o senhor Rey D. João II, avô de V. Exc.ª primeiro instituidor da Caza de Aveiro, aquelle grande mestre da arte de Reynar, glorioso Rey de seus filhos, amoroso pay de seus vassalos, que vê a Portugal em perigo e a V. Exc.ª duvidoso: que diria a V. Exc.ª que seguisse um Principe extrangeiro...? queria ver as suas praças com presidios castelhanos, e os portuguezes sempre dominantes, agora dominados?

... Obrigará os Castelhanos a sua politica a fazerem a V. Exc.ª muita festa, porque esperam que este exemplo lhes seja util: porem, se succeder (o que eu tenho por infallivel) que os vassalos d'El-Rey meu Senhor não tenham memoria de V. Exc.ª, mais que para abominar a sua resolução: que pesado ha de V. Exc.º ser aos Castelhanos!

Que importunos lhes hão de parecer os seus requerimentos! que brevemente ha V. Exc.ª de ver o que deixa, e o que busca...

... Não quer V. Exc.ª expor-se ás armas castelhanas, por defender a sua patria, e resolver-se-ha a vir os Castelhanos expôr-se ás armas portuguezas pelas sogeytar? Hora Senhor, ainda tem V. Exc.ª tempo de mudar de opinião e se o persuadirem tão bem fundadas considerações, muitos amigos tem para servirem; mas, se o acaso obstinado seguir o seu principio, em passando os Pyrineos trate de nos buscar bem armados; porque todos e em tudo o havemos de o esperar como inimigo.

« Carta do C. de Soure ao Duque de Aveiro de quem era amigo, a qual mandou depois de lhe ter enviado a Bordeus Francisco Dourado. »

CONDE DE ERICEIRA, *Portugal Restaurado P. II.* 4.

# Indice analytico

---

# I

# CAMONEANA

## A Personalidade de Camões

## O Coração, o Caracter e o Genio de Poeta

NA SUA OBRA, E NA HOMENAGEM PATRIOTICA DOS OUTROS.



## Poesias de Camões

### SONETOS



*

Pag.

# II

## TERRAS DE PORTUGAL

### O amor á natureza e ao torrão natal

---

# III

## SENTIMENTO PATRIO

### O amor á Patria livre, á sua honra e ás suas glorias

---

# IV

# HISTORICOS E EVOCATIVOS

## O culto dos heróes, e a memoria dos seus feitos

---

## V

## ELEGIACOS, DIDATICOS E EXHORTATIVOS

### A vontade dominadora despertará consciente na lucta contra o mal

---

VI

## ROMANCES, TROVAS E CANÇÕES

### Com a nacionalidade nascente surgiu a linguagem, que se vinculou nos cantares eruditos e populares de todos os tempos

---

## Exprobações

(Prosas em additamento)

# EMENDAS E ALTERAÇÕES

| Pag. | Linhas ou versos correctos | |
|---|---|---|
| 7 | 8 | .... ou apoucada por má sorte nos ouropeis |
| 27 | 8 | Que já nos olhos meus tão puro viste |
| 108 | 11 | E lá, de longe em longe alacres aldeolas |
| 110 | as quatro primeiras quadras | devem anteceder as quatro ultimas da pag. 109 |
| 110 | 19 | E á verdejante Cintra, em cima dominando |
| 252 | 2 | de tanto sentimento onde germina o mal |
| 252 | 6 | Por ti, se perde e cáe velhice e juventude, |
| 257 | 3 | en forte pont'eu fui nado ! |
| 257 | 10 | que vos amo sen meu grado |
| 257 | 16 | que servi sempre endõado |
| 292 | 23 | A' voz do Eterno em Ourique. |